

Coragem, trabalho e inovação

A VOCAÇÃO EMPREENDEDORA DA FAMÍLIA BETTANIN



Coragem, trabalho e inovação

A VOCAÇÃO EMPREENDEDORA DA FAMÍLIA BETTANIN

Coragem, trabalho e inovação

A VOCAÇÃO EMPREENDEDORA DA FAMÍLIA BETTANIN

1ª edição

PALAVRA BORDADA
conteúdo história memória

Porto Alegre
2018

© *Coragem, trabalho e inovação*
A vocação empreendedora da família Bettanin

Coordenação do projeto

Rosane Bettanin Gatti
Rejane Berger Rolim

Produção editorial

Palavra Bordada

Entrevistas e redação

Denise Waskow

Pesquisa e edição

Carolina Rocha e Denise Waskow

Produção fotográfica e tratamento de imagens

Leonid Streliaev

Projeto gráfico e diagramação

Taícia Ribeiro Designer Gráfico

Revisão

Cíntia de Moura Pinto

Impressão

Gráfica Algo Mais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Waskow, Denise

Coragem, trabalho e inovação : a vocação empreendedora
da família Bettanin / Denise Waskow. -- Porto Alegre :
Palavra Bordada, 2018.

136 p. : il., color.

ISBN: 978-85-69705-08-6

1. Bettanin, Família - História 2. Bettanin - História 3.
Imigração italiana - Brasil 4. Empreendedorismo I. Título

18-2079

CDD 929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Família Bettanin - História

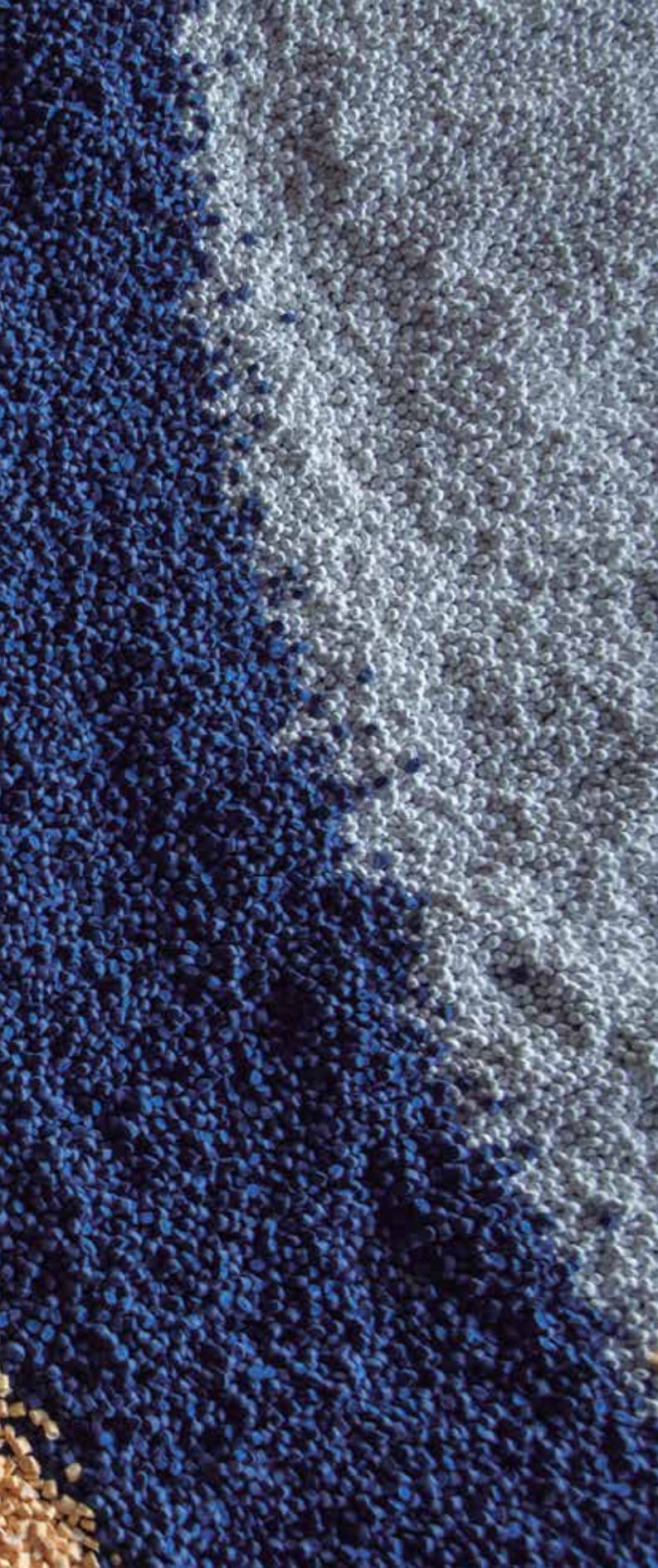
Memórias, relatos, documentos e imagens compartilhados por generosos entrevistados tornaram possível a realização desta publicação. A todos, o nosso mais profundo agradecimento pela colaboração.

Certamente, tantas outras pessoas poderiam ser ouvidas e muito mais poderia ser dito. Mas o livro é finito, embora as vivências e lembranças sejam incontáveis.

As próximas páginas registram um pouco da história de cada um de vocês e fazem referência à contribuição de inúmeros outros colegas que integram essa jornada.

Em uma narrativa única, todos se unem à fascinante trajetória de trabalho, coragem e inovação da família Bettanin.





Sumário

Prefácio	9
Apresentação	11
Desbravar o mundo	12
Da família à empresa	30
Espaço para crescer	50
Construção do futuro	66
Empresas InBeta	86
Memórias a celebrar	108
Índice iconográfico	124
Bibliografia	130

Prefácio

Estar presente na vida das pessoas é a maior conquista da nossa história, que completou 71 anos em 2018. Criamos produtos para tornar o cotidiano mais simples e prático, e para deixar os ambientes mais aconchegantes, limpos, bonitos e organizados. Cada um dos itens que fabricamos carrega o nosso esforço, conhecimento e muito trabalho.

As empresas que integram a InBetta trazem em sua essência a disposição constante para acompanhar as mudanças do mundo, desbravar fronteiras, aprender com os desafios, ampliar e aprimorar nossa estrutura. Mantemos uma postura aberta para as novidades, os avanços tecnológicos e a melhoria contínua.

Essas características têm origem na família Bettanin e na identidade dos pioneiros, os irmãos Nilo, Cezar Antonio e Dante Bettanin, que transformaram um pequeno negócio, em um galpão nos fundos da casa dos pais, em uma grande corporação. Em nossa trajetória, reconhecemos a coragem dos imigrantes e das gerações anteriores, que forneceram a base para as conquistas em mais de sete décadas de atividade empresarial. E, sem dúvida, a colaboração inestimável das pessoas que passaram pela InBetta, além dos mais de 2,6 mil profissionais que estão lado a lado conosco atualmente.

Registrar os episódios mais marcantes dessa história é um dos objetivos deste livro. Queremos compartilhar com as equipes, os clientes, os parceiros e os amigos a nossa cultura organizacional, baseada em valores que estão ligados a esse núcleo familiar, e que se multiplicam diariamente em cada uma das nossas realizações.

Inspirados pelo exemplo de todos os que nos antecederam, percebemos que, desde o início, sempre fomos InBetta: em constante transformação e aperfeiçoamento. Ao projetar os próximos passos, sabemos que esse é o caminho para continuarmos presentes na vida das pessoas, construindo o futuro no dia a dia, com coragem, trabalho e inovação.

Eduardo Bettanin
Diretor-presidente das empresas InBetta



Apresentação

Revisitar as memórias que constituem a nossa essência foi um percurso repleto de descobertas emocionantes. Ao longo de mais de um ano, entrevistamos familiares e colegas de empresa, que colaboraram com relatos preciosos para nos auxiliar na elaboração deste livro. Acompanhei alguns desses encontros, em que não faltaram lembranças felizes, depoimentos sobre momentos cruciais e reflexões acerca de conquistas e superações que fazem parte do que somos hoje.

À medida que as primeiras páginas tomaram forma, percebemos que era necessário ampliar a pesquisa e retomar as nossas origens desde a chegada dos primeiros integrantes da família Bettanin ao Brasil. Retornamos a épocas e localidades distantes, no intuito de entender e registrar as raízes da vocação empreendedora que mobilizou a criação e o desenvolvimento das empresas InBeta.

É com esse objetivo que a história familiar ocupa um papel central na narrativa aqui apresentada, destacando a coragem necessária para construir uma vida melhor, o trabalho como o propulsor do desenvolvimento e a postura inovadora que assegurou o sucesso e a continuidade dos negócios. A esse contexto, somaram-se inúmeros profissionais que compartilham de valores semelhantes, tornando possível o sonho dos irmãos Nilo, Cezar Antonio e Dante Bettanin.

Os fundadores tiveram ao seu lado os pais, a irmã, as esposas, o cunhado, os filhos, os sobrinhos, os netos e os amigos. Muitos desses familiares, hoje, estão à frente das empresas. E formaram uma rede de apoio e de incentivo, que se mostrou uma fortaleza diante das dificuldades e um motivo para celebrar as vitórias, conferindo um sentido especial a tudo o que se construiu.

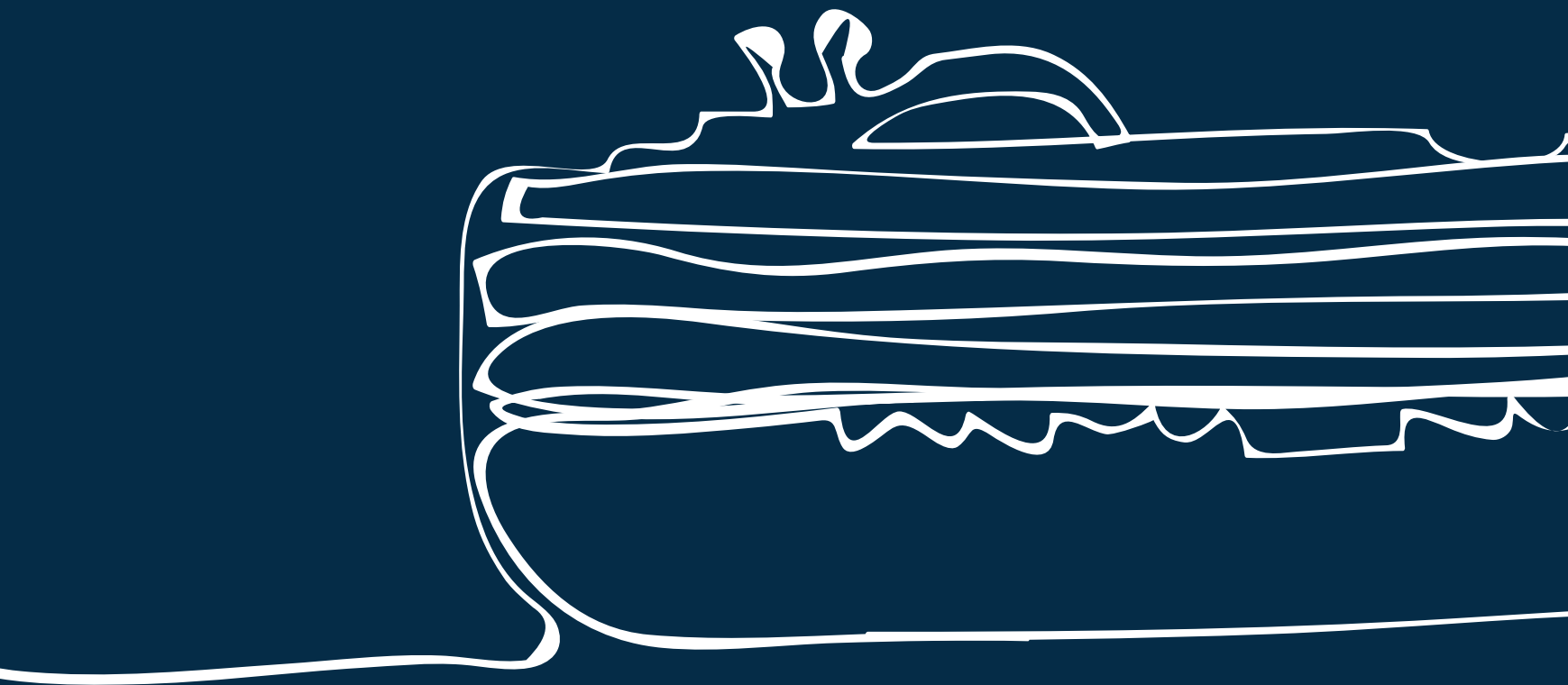
Conhecedores da nossa história, conseguimos olhar para o futuro com mais clareza e propósito. Esse foi um dos aprendizados que a realização deste livro nos permitiu concretizar – e que esperamos compartilhar com todos os leitores.

Rosane Bettanin Gatti

Presidente do Conselho de Família



Desbravar o mundo







A trajetória de sonhos, trabalho e conquistas da família Bettanin venceu distâncias e atravessou gerações. É uma corajosa jornada que remete ao final do século XIX, com a partida da Itália rumo a uma terra que prometia oportunidades, fartura e um futuro melhor.

Os imigrantes que carregavam o sobrenome Bettanin compartilharam da mesma esperança dos mais de 1,4 milhão de conterrâneos que chegaram ao Brasil entre 1870 e 1920, no auge do período denominado como “grande imigração”. Buscavam, do outro lado do Atlântico, um cenário diferente das adversas condições econômicas, políticas e sociais enfrentadas em seu país de origem, muitas delas decorrentes de um longo e doloroso processo pela unificação.

Após a queda de Napoleão Bonaparte, a Itália sofreu uma fragmentação em seu território com as decisões estabelecidas no Congresso de Viena, que se encerrou em 1815. Regiões como Lombardia e Veneza passaram ao domínio austríaco, além dos tronos de Toscana, Parma e Módena. O movimento de reunificação teve início com a Revolução de 1848, que, apesar de bastante expressiva, obteve resultados pouco exitosos. Somente com a mobilização liderada pela região de Piemonte ocorreu a liberação da Lombardia, em 1859, e de Veneza, em 1866, seguida da inclusão dos Estados Romanos como parte do reino, em 1870.

Décadas de conflito deixaram marcas profundas no país, que enfrentou dificuldades para formar uma identidade italiana. As localidades cultivavam hábitos culturais distintos, comunicavam-se por meio de dialetos próprios e preservavam costumes e tradições religiosas específicos. Tais contrastes somaram-se ao desafio maior do contexto econômico após o período de confrontos.

Ao final das batalhas pela unificação, a Itália ainda era predominantemente agrária, com modos de produção bastante rudimentares, especialmente nas pequenas propriedades. Os recursos eram insuficientes para enfrentar o esgotamento da terra e a crise agrícola que assolavam os países europeus, refletindo em escassez de alimentos. Sem condições de produzir para a própria subsistência e para abastecer as regiões em que viviam, muitos pequenos agricultores tiveram suas propriedades confiscadas ou precisaram abandonar os lotes que cultivavam como arrendatários.

A tentativa de encontrar trabalho nas áreas mais urbanizadas também se mostrou infrutífera para a maioria das famílias. Com o crescimento dos índices demográficos, o país vivia um cenário de aumento populacional e de ampla oferta de mão de obra, incapaz de ser absorvida em sua totalidade. Em paralelo, especialmente no norte do território, os primeiros avanços tecnológicos nas atividades industriais fizeram frente à produção artesanal e reduziram as possibilidades de emprego, agravando a situação de pobreza.

Áreas como a educação e a saúde ficaram desassistidas, com carência de escolas e hospitais. O analfabetismo atingia sete entre cada dez habitantes. Doenças como a pelagra — uma enfermidade comum em pessoas subnutridas, provocada por baixos índices de vitamina B3 no organismo — passaram a atemorizar a população.

Naquele cenário de fome, desemprego e ausência de perspectivas, a notícia de que, na América, havia terra, trabalho e fartura reacendeu as esperanças dos que estavam descrentes no futuro. O governo italiano estimulou a emigração, assim como outros países europeus, com o intuito de aliviar as dificuldades sociais e econômicas de uma nação empobrecida. Além disso, aqueles que já haviam se fixado no exterior costumavam enviar recursos aos que permaneciam na Itália, gerando um fluxo de renda significativo para a recuperação da economia local.

Desde 1860, os vapores começaram a partir carregados de famílias com poucos pertences e inúmeros sonhos rumo a países como Brasil, Estados Unidos e Argentina. Conforme as correspondências de familiares e amigos eram recebidas, descrevendo as oportunidades do outro lado do Atlântico — e, muitas vezes, omitindo os problemas e dificuldades —, mais aumentava o interesse daqueles que se dispunham a desbravar novas terras. Não eram raros os pedidos de que trouxessem na bagagem ferramentas e utensílios para serem utilizados nas atividades agrícolas, bem como objetos de uso pessoal e doméstico, nem sempre acessíveis aos longínquos povoados onde se instalaram.

As informações positivas de quem havia se estabelecido em solo brasileiro foram acrescidas da intensa propaganda promovida pelos agentes de imigração, ilustrada por cartazes sugerindo que os alimentos caíam do céu. Aldeias inteiras se



**DA ITALIA NOI
SIAMO PARTITI
SIAM PARTITI COL
NOSTRO ONORE.
TRENTA SEI GIORNI DI
MACCHINA E VAPORE
E IN AMERICA SIAMO ARRIVÀ.**

**MERICA, MERICA, MERICA,
COSSA SARALA STA MERICA?
MERICA, MERICA, MERICA,
UN BEL MAZZOLINO DI FIOR.**

Os versos da canção que se tornou o Hino Oficial da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul são atribuídos ao imigrante Ângelo Giusti. Eles retratam as provações da viagem, as incertezas diante do futuro e a esperança de que a América fosse o local tão sonhado para concretizar uma vida melhor



O movimento migratório apresentou características diferentes nas inúmeras províncias italianas. Cerca de 30% do total de migrantes vieram da região do Vêneto, que representou mais da metade da população italiana estabelecida no Rio Grande do Sul

mobilizaram em um êxodo em massa, no qual seus moradores se submetiam a exaustivas caminhadas ou a percursos em trens e carroças para chegar aos portos. Na metade norte da Itália, a cidade de Gênova foi o local de embarque daqueles que representaram cerca de 30% do total de migrantes, oriundos da região do Vêneto, bastante atingida pelas consequências dos conflitos relacionados à unificação e pela escassez de alimentos. Ao se espalharem pelo mundo, formaram mais de 50% da população italiana que se estabeleceu no Rio Grande do Sul. Outros movimentos migratórios importantes ocorreram na Campânia, na Calábria e na Lombardia.

E foi justamente do Vêneto, onde está situada a comuna de Lusiana, pertencente à província de Vicenza, que partiram Giovanni Battista Bettanin e sua esposa, Catterina Angonese. Ele havia nascido naquela localidade em 1825. Ela, nascida em 1829, era natural de San Giacomo Delle Segnate, uma comuna na província de Mantova, na Lombardia. Cerca de 150km separavam os dois povoados.

Ao seu lado, estavam os seis filhos, que tinham entre 17 e três anos de idade: Maddalena, nascida em 1860; Maria, em 1862; Francesca, em 1864; Anna, em 1870; Giovanni, em 1872, e Giuseppe, em 1874. Juntos, eles não se intimidaram com a distância de quase 400km a ser percorrida até o porto de Gênova: era apenas o primeiro trecho da longa jornada rumo a uma vida nova na América.

A bordo do vapor Isabella, enfrentaram uma viagem que, em muitos casos, podia ter aproximadamente 30 dias de duração. Os inúmeros relatos encontrados na literatura sobre o deslocamento empreendido por tantos italianos ilustram condições difíceis: normalmente, os imigrantes ocupavam a terceira classe dos navios, em alojamentos escuros, úmidos e apertados, equipados com beliches. Com pouca luz e ventilação, eram ambientes de condições sanitárias inadequadas,

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Caterina Bettanin	Nº ORDEM 0371	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 46
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Feminino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	49		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

BRUNARRO OL. 6 RPY/PLU 0626

DADOS IMIGRANTE			
NOME Giovanni Bettanin	Nº ORDEM 0375	PARENTESCO Nada consta	IDADE (anos) 49
IDADE (meses)	IDADE (intervalo)	SEXO Masculino	NACIONALIDADE Italiana
ESTADO CIVIL Casado (a)	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM			
DATA DE CHEGADA 25/01/1878	PORTO DE ENTRADA Gênova	NAUO Isabella	CLASSE
PROCEDÊNCIA Itália	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES						
PRENOME	SOBRENOME	Nº ORDEM	PARENTESCO	IDADE (anos)	IDADE (meses)	IDADE (intervalo)
Anna	Bettanin	0375	Nada consta	7		
Caterina	Bettanin	0371	Nada consta	46		
Francesco	Bettanin	0374	Nada consta	13		
Giovanni	Bettanin	0376	Nada consta	5		

que favoreciam surtos de doenças como sarampo e cólera. Infelizmente, não eram raros os óbitos e o consequente despejo dos corpos ao mar após uma breve cerimônia, pois não havia condições de transportá-los para um sepultamento digno.

Para apacar a tristeza, a saudade e a incerteza perante o futuro, entoavam-se canções tradicionais, típicas da cultura de cada região. Os múltiplos dialetos não impediram que as travessias pelo Atlântico fossem um período para formar

Registros disponíveis no Arquivo Nacional indicam a chegada do casal Bettanin e dos seis filhos ao Brasil em 26 de janeiro de 1878, pelo porto do Rio de Janeiro, a bordo do vapor Isabella



Com a demarcação das áreas de colonização, o governo brasileiro estabeleceu a imigração subvencionada, destinada a povoar regiões desabitadas do país. No mapa, as antigas colônias de Conde d'Eu e Dona Isabel, atuais municípios de Garibaldi e Bento Gonçalves

amizades entre famílias ou despertar um sentimento especial entre jovens com idade para casar. Outro acontecimento celebrado eram os nascimentos, que reforçavam a mensagem de recomeço no imaginário e nos corações dos viajantes.

Um país de muitas culturas

A decisão de criar raízes em outro continente encontrou um terreno fértil para se desenvolver. Se, na Itália, não havia alimento, emprego e espaço para todos, o Brasil necessitava de mão de obra e de pessoas dispostas a colonizar regiões inabitadas, com o propósito de desenvolver tais localidades.

O contexto imperial brasileiro do final do século XIX justificava essa demanda: desde 1850 havia sido proibido o tráfico de escravos; em 1871, foi declarada a Lei do Ventre Livre, libertando os filhos de escravos que nascessem após sua promulgação; em 1885, os sexagenários com mais de 65 anos foram beneficiados e, finalmente, em 1888, a Lei Áurea foi assinada. Com a produção agrícola essencialmente baseada no trabalho escravo, o país se viu diante de um cenário de escassez de recursos humanos para continuar a plantar e colher.

A origem latina e a proximidade do idioma, da religião e dos costumes foram considerados fatores decisivos para o incentivo à vinda de italianos, com a expectativa de que eles pudessem se integrar facilmente à comunidade já estabelecida e não representassem qualquer ameaça ao território e à nacionalidade. Também galgaram mais espaço devido à negativa, por parte do governo alemão, de enviar mais famílias ao Brasil, em função das denúncias de más condições de trabalho e de vida, principalmente nas grandes lavouras. Diante de tais prerrogativas, os italianos eram avaliados como adequados e confiáveis aos objetivos da política de imigração.

Destinavam-se a atender duas principais demandas: a primeira, como trabalhadores para as fazendas de café em São Paulo; a segunda, como povoadores dos núcleos de colonização localizados no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e no Espírito Santo. Houve ainda uma terceira via, que se tornou expressiva ao longo do tempo, de pessoas que passaram a viver nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, contribuindo para o desenvolvimento de aspectos econômicos, sociais e culturais daqueles centros urbanos.



Para motivar os interessados, foi adotada a prática da imigração subvencionada, na qual as famílias, normalmente numerosas, recebiam passagens, alojamento e trabalho inicial na lavoura. Em troca, se comprometiam com contratos que determinavam seu futuro e as condições de vida que encontrariam. Em um primeiro momento, tais subvenções foram organizadas por fazendeiros e, depois, passaram a ser coordenadas pelo governo.

Aqueles que eram destinados às fazendas de café encontraram um cenário muito hostil, com extensas jornadas e raras oportunidades de reunir capital e adquirir uma pequena propriedade. O compromisso firmado em relação ao trabalho incluía a participação de mulheres e crianças, além de uma remuneração fixa por família pelo cuidado de um determinado número de pés de café. O acordo previa moradia e um pequeno quintal no qual poderia ser cultivada uma horta, bem como a possibilidade de se plantar milho e feijão entre as fileiras do cafezal. Tal combinação se constituía em uma relação de dependência entre o agricultor e a fazenda e, de certo modo, reproduzia uma experiência semelhante à vivida por muitos na Itália como arrendatários, o que contribuiu para se compreender o porquê de eles aceitarem aquelas condições de trabalho.

Os italianos que se encaminharam para os núcleos de colonização igualmente se depararam com condições bastante adversas. Ocuparam áreas que antes eram terras devolutas, ou seja, não pertenciam a ninguém e não estavam sob os cuidados do Império. Elas somente foram loteadas quando o governo estabeleceu a Lei de Terras, em 1850, tornando-as mercadoria e providenciando a instalação da infraestrutura básica.

Esse foi o caso do Rio Grande do Sul, onde a região disponível para povoamento era a acidentada, selvagem e pouco acessível encosta da serra. Os italianos vieram somar-se a um estado multifacetado, que já havia sido habitado por povos indígenas e no qual viviam africanos, poloneses, belgas, suíços, franceses e, em número mais expressivo, açorianos e alemães. Enquanto os originários das ilhas portuguesas se estabeleceram, a partir de 1752, às margens do Rio Jacuí e no Litoral Norte, os teutos fixaram residência nas terras planas dos vales dos rios Caí e Sinos desde 1824. Mas, após os dez anos de intenso combate da Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, o número de habitantes tinha sido reduzido



Após a exaustiva viagem, que incluía o deslocamento pelo Rio Grande do Sul por vias fluviais, além da subida da serra a pé, a primeira parada dos Bettanin em terras gaúchas foi em Forromeco. Lá permaneceram por quatro anos, até se mudarem para Borghetto, na antiga colônia de Conde d'Eu

significativamente, agravando a crise econômica e o déficit de produtividade agrícola. Desse modo, havia muito trabalho a ser feito pelos italianos.

Em 1870, foram demarcadas as colônias de Conde d'Eu e Dona Isabel, que deram origem, respectivamente, aos atuais municípios de Garibaldi e de Bento Gonçalves. Nos primeiros cinco anos, o fluxo migratório foi abaixo do esperado, modificando-se esse cenário a partir de 1875, quando o governo imperial passou a acompanhar o processo de colonização mais intensamente. No mesmo período, foi fundada a colônia Caxias, na região conhecida como Campo dos Bugres.

As colônias eram formadas por propriedades pouco férteis e isoladas, o que dificultava o escoamento da produção e a integração comunitária. Após dois anos de permanência, nos quais as famílias recebiam um apoio inicial com diárias e possibilidade de trabalho em obras públicas, era necessário começar a quitar as dívidas do terreno, que normalmente tinha entre 15 e 35 hectares, e de outras despesas. Tais compromissos financeiros podiam se estender por mais de uma década e, nem sempre, os colonos conseguiam angariar recursos para os pagamentos, o que implicava em devolução das terras e até mesmo no retorno à Itália.

Foi rumo à colônia Conde d'Eu que a família Bettanin desembarcou no porto do Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1878. Aqueles que chegavam ao Brasil pela capital imperial aguardavam pelo novo deslocamento para as regiões de destino. Quando o destino era o Rio Grande do Sul, a etapa seguinte usualmente era na cidade de Rio Grande, onde os imigrantes eram divididos em embarcações menores para chegarem a Porto Alegre.

Acomodavam-se em precários barracões que serviam de hospedaria ou, na falta de espaço, reuniam-se em ruas e praças à espera do próximo trecho da viagem.

Por via fluvial, seguiam até São Sebastião do Caí ou Montenegro, conforme o destino (Conde d'Eu ou Dona Isabel). E então tinha início a tortuosa caminhada de subida da serra, que poderia se estender por pelo menos três dias. Por vezes, os mais debilitados repartiam espaço com os pertences da família, transportados em lombo de burros ou carroças. Todos enfrentavam a trilha acidentada e as densas matas, expostos à intempérie e ao risco de ataque de animais. Quando, finalmente, se aproximavam dos lotes onde iriam viver e trabalhar, dividiam acomodações com outros imigrantes em ranchos rudimentares até conseguirem limpar o terreno e construírem uma moradia provisória para, minimamente, se estabelecerem em suas propriedades. Muitas vezes, não possuíam as ferramentas adequadas para tal empreitada, mas trabalhavam de sol a sol para erguerem um novo lar.



O cultivo da terra provia o milho para a polenta, o trigo para as massas e as frutas para os doces e compotas. Da criação de animais, as famílias se abasteciam com itens como carne, leite, queijo, ovos, salame, banha e presunto



Com a abundância de madeira na região e o trabalho incansável, os imigrantes construíram ferramentas, móveis e moradias. As casas normalmente tinham a cozinha separada, para evitar incêndios. O cômodo era o principal local de convívio e reunião das famílias. Aos poucos, com a chegada de novos moradores, o povoado foi tomando forma

Um pequeno núcleo comercial se desenvolveu em Conde d'Eu, a partir dos excedentes da produção agrícola e da atividade artesanal ainda em fase inicial. As carroças eram o principal meio utilizado para transportar alimentos e mercadorias

Colonizar e trabalhar

Ao final da exaustiva viagem, a primeira parada dos Bettanin em terras gaúchas foi em Forromeco, área nomeada em função do arroio que nasce em Farroupilha e cruza os municípios de Carlos Barbosa, São Vendelino e Bom Princípio. Depois de quatro anos, a família se mudou para Borghetto, situada na localidade chamada, à época, de Linha Garibaldi Nova. O atual nome da região é Garibaldina, um bairro da cidade de Garibaldi.

Foi neste pequeno povoado que, junto a outros imigrantes, eles superaram os inúmeros desafios que se apresentaram para uma nova vida. A abundância de madeira favoreceu a construção de carroças, ferramentas, móveis e moradias. A arquitetura colonial italiana desses primeiros anos de imigração se tornou conhecida mundo afora: as casas tinham um porão de pedra, a parte principal (sala e quartos) formada por longas tábuas e uma cumeeira alta, para abrigar o sótão. Normalmente, possuíam um detalhe decorativo de madeira



recortada na borda dos telhados, chamado de lambrequim. A cozinha geralmente era separada do restante da residência, para evitar o risco de incêndios e preservar a propriedade. O cômodo era o espaço principal de refeições e de reunião da família.

Com o mínimo de estrutura, os colonos se dedicaram ao plantio, principalmente de milho, que era a base para a polenta, e de trigo, para a produção de pães e massas. O passar do tempo permitiu que as árvores frutíferas como bergamoteiras, figueiras e macieiras fornecessem os ingredientes para doces e compotas. A criação de gado, frangos e suínos abastecia as famílias de carne, leite, queijo, ovos, salame, banha e presunto. Depois de algumas dificuldades iniciais, os parreirais começaram a se espalhar pela região, estimulando a produção da grapa e do vinho artesanal, bem como o seu consumo para além dos limites da colônia.

Somada à união familiar e à dedicação ao trabalho, a fé foi um dos pilares das colônias italianas no Rio Grande do Sul, preservando uma das características fundamentais de sua identidade étnica. As capelas católicas ocupavam locais de destaque nas colônias, construídas a partir de doações e de trabalho voluntário das comunidades. Eram espaços de celebrações litúrgicas, convívio fraterno e festividades, exercendo um papel central no desenvolvimento das localidades em seu entorno.

Na Linha Garibaldi Nova, um dos grandes colaboradores da igreja foi Giovanni Battista Bettanin, que contribuiu para o crescimento do povoado no qual ele e sua família encontraram as condições para desenvolver a sua trajetória após chegarem ao Brasil. No livro *“Galeazza – Um emigrante italiano conta sua história”*, escrito por Pio Vitório Galeazzi, Giovanni é lembrado como um católico atuante, que generosamente doou o terreno para abrigar a escola, a capela e o cemitério, erguidos a partir de oferendas e do trabalho voluntário dos moradores. À época, existiam na pequena comunidade as casas de negócio de Cecconi e de Bonoto, a ferraria de Antônio Asta e a sapataria da própria família Galeazzi.

Ainda, segundo o livro, o patriarca Bettanin se dedicava a ornamentar os altares, além de hospedar e acompanhar o padre em suas visitas ao povoado para realizar missas, batizados e casamentos. Encarregava-se de, na ausência do sacerdote, tocar o sino aos domingos para a reza do terço,



Abundante nas lavouras, a palha era utilizada na produção de diversos artefatos. Entre eles, os chapéus fabricados pela família Bettanin em uma pequena indústria, instalada nas proximidades da residência. O filho mais jovem, Giovanni, era o principal responsável pela atividade



Celebrado em 1892, o casamento de Giovanni Battista Bettanin e Beatrice Antonia Garziera movimentou a freguesia de São Pedro de Conde d'Eu. Aos 20 anos, ele já utilizava a grafia do seu nome em língua portuguesa, João

atividade que se intensificava ao longo do mês de maio, no qual anunciava diariamente o momento de devoção a Nossa Senhora. Ele teria trazido para o país o Rosário de Maria, rezando-o frequentemente e transmitindo o seu legado de fé aos descendentes. A família o acompanhava nas atividades religiosas: sua esposa Catterina e uma das filhas ensinavam o catecismo nas tardes de domingo. Outro relato importante é de que eles auxiliaram, em conjunto com outros imigrantes, na colocação da primeira imagem na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, que recebe fiéis até hoje.

A moradia dos Bettanin ocupava um terreno de esquina na Estrada Buarque de Macedo, via principal de Garibaldi. Nas proximidades, estava instalada a fábrica de chapéus, atividade estimulada pela abundância de palha e desenvolvida principalmente pelo filho Giovanni. Na infância, ele era chamado pelo apelido de Titela, diminutivo de Battistela, por ter o mesmo nome do pai. Este é o primeiro registro da relação entre a família e a produção industrial.

À época, os laços se ampliavam em virtude dos casamentos da segunda geração. Maddalena se casou com Santo Faccio; Maria tornou-se esposa de Giorgio Appi; Francesca contraiu núpcias com Giovanni Fontanari; Anna se casou com Giuseppe Marcatto; Giovanni desposou Beatrice Antonia Garziera; Giuseppe teve a sua primeira união com Angela Galeazzi e, após o falecimento dela, contraiu núpcias com Maria Tereza Miglioranza.

O casamento de Giovanni e Beatrice está registrado na certidão com a data de 26 de novembro de 1892, na freguesia de São Pedro de Conde d'Eu. Ele já utilizava a grafia do seu nome em língua portuguesa, João, trabalhava como chapeleiro e contava 20 anos de idade. Ela era um ano mais nova e também residia com a família em Linha Garibaldi Nova – três lotes separavam as duas moradias.

O casal teve treze filhos, dos quais quatro sobreviveram: Irene Catharina, Demétrio Hilário, Irma Vitória e Iria. Hilário nasceu em Garibaldi em 12 de janeiro de 1900. Quando ele tinha dois anos de idade, a família decidiu buscar novas oportunidades e se mudar para São Paulo, instalando a fábrica de chapéus de palha nas imediações do número 1060 da atual Avenida Rangel Pestana, pertencente ao Bairro do Brás, núcleo de imigrantes italianos em terras paulistas.



O encontro de Bettanin e Bianchi

As conquistas e desventuras enfrentadas pela família Bettanin somaram-se a milhares de trajetórias semelhantes, que têm contribuição essencial na formação histórica do Brasil. Entre essas tantas jornadas, está a do jovem Natal Bianchi. Mais velho entre seis irmãos, ele havia perdido o pai nos conflitos que assolaram o território italiano. A mãe se desdobrava para criar os filhos, enfrentando a miséria, a fome e o frio. Para que sobrasse um pouco mais de alimento à família, com a promessa da fartura a acalantar sua esperança, ele embarcou sozinho rumo à América. Era pouco mais do que um menino quando subiu a bordo do navio.

Após todos os percalços da extensa viagem, chegou em Porto Alegre sem saber para aonde ir. Decidiu, então, acompanhar os passos de um casal que havia conhecido durante a viagem. Após desembarcaram no porto, eles seguiram pela atual Rua Voluntários da Pátria, via que, até 1870, era chamada de Caminho Novo. Tratava-se de uma das principais ligações entre o Centro da cidade e o interior do estado. Carretas de boi e carroças repletas de alimentos e mercadorias circulavam por ali; uma estação da ferrovia para São Leopoldo, edificada em 1874, provocava intenso movimento. O rio era uma presença próxima e desfrutada nos diversos clubes náuticos e de lazer, tornando-se mais distante com o passar do tempo devido aos sucessivos aterros.

Ao final da caminhada, Natal e o casal que ele conheceu se dirigiram a uma pensão na atual Avenida Sertório. O rapaz necessitava de emprego e a proprietária da hospedaria aceitou oferecer-lhe abrigo em troca de auxílio nas atividades da pousada. O dinheiro que conseguia arrecadar com os seus esforços era remetido à Itália, para ajudar no sustento da mãe e dos irmãos.

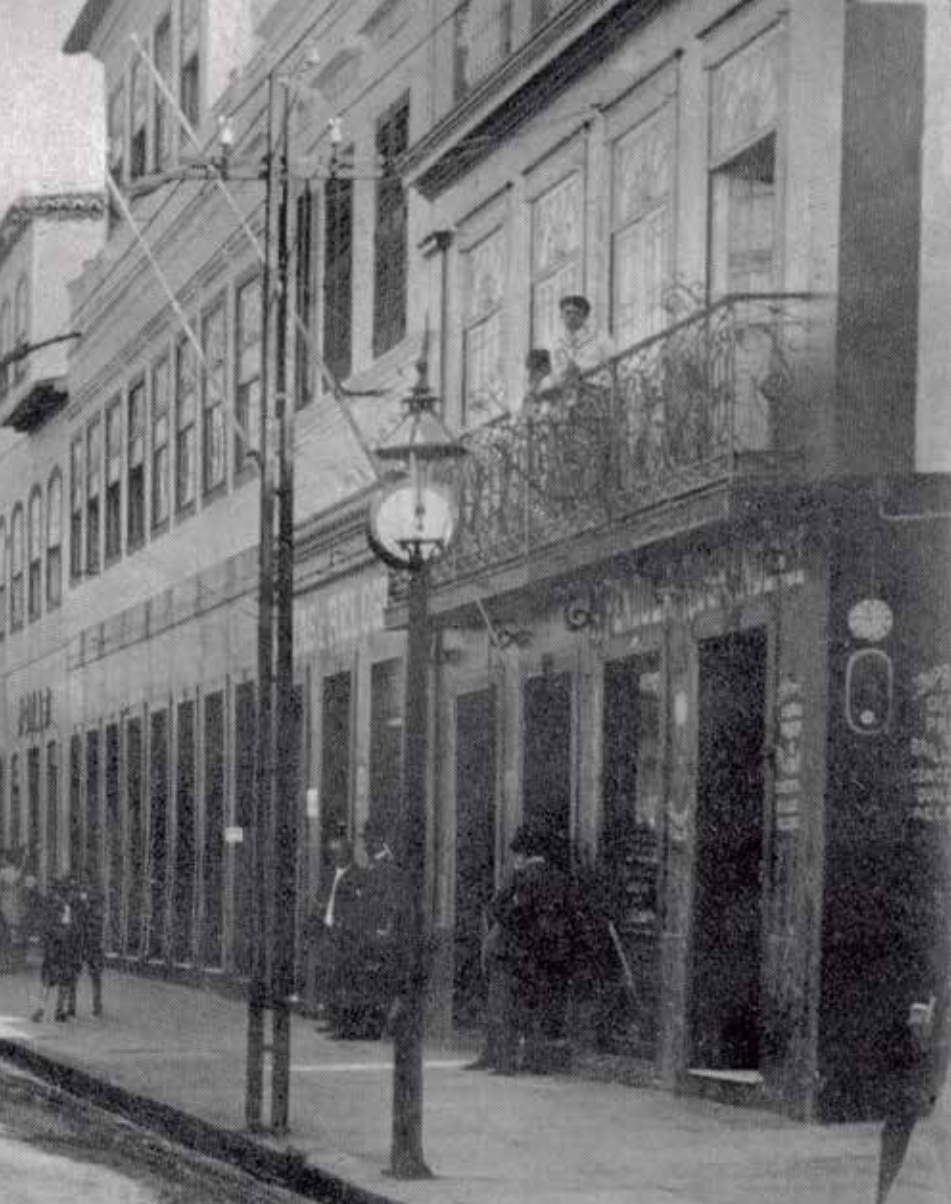
Algum tempo depois, foi trabalhar em um tambo de leite e se casou com Cesara, filha do leiteiro. Após reunir algumas economias, decidiu investir em outro ramo de atividade: montou um armazém na esquina das atuais Avenidas Brasil e Missões, no Bairro Navegantes. Ali construiu algumas casas, sendo uma para moradia com a esposa e as quatro filhas – Maria Luiza, Josefina (conhecida como Pina), Anita e Ida – e as outras para locação.

No entorno, uma nova família acabava de se instalar. Após quase 15 anos em São Paulo, João Battista Bettanin decidiu voltar para o Rio Grande do Sul e se estabelecer em Porto Alegre



com a esposa Beatrice e os filhos. Eles acreditavam que, na capital gaúcha, poderiam ter maior êxito com a fábrica de chapéus e melhores oportunidades devido à proximidade com Buenos Aires, na Argentina – grande centro da América do Sul naquela época, conhecido, inclusive, como “celeiro do mundo”, em virtude da exportação de grãos e carne em larga escala. A esquina das Avenidas Pernambuco e França foi o local escolhido para o recomeço.

Tal destinação não se deu por acaso. Devido à importância da Rua Voluntários da Pátria, os lotes de terra que formavam o então Arraial Navegantes, na margem oposta ao Rio Guaíba, deram origem a uma região com destaque econômico e social. Imigrantes e seus descendentes se estabeleceram em uma das principais áreas da cidade no início do século XX.



Após alguns anos morando em São Paulo, João, Beatrice e os quatro filhos decidiram se estabelecer em Porto Alegre. Instalaram-se no chamado Arraial do Navegantes, região próspera em desenvolvimento urbano, social e econômico

A logística facilitada em função da proximidade com o rio e da estrutura de transportes incentivou a instalação de indústrias e a construção de moradias para os operários das fábricas. Com o passar do tempo, o comércio e a vida social se desenvolveram para atender às necessidades dos novos moradores, que circulavam pelo Navegantes e pelos bairros vizinhos que compunham o 4º Distrito, como São Geraldo, São João e Floresta, a caminho do trabalho ou de atividades de lazer.

Foi nesse núcleo, onde se concentrava o desenvolvimento de Porto Alegre naquele período, que Demétrio Hilário Bettanin conheceu Maria Luiza Angela Bianchi. A partir desse encontro, uma nova etapa, de muita união familiar, trabalho e conquistas estava por começar.



Primogênita do casal Cesara e Natal Bianchi, Maria cresceu ouvindo as histórias do pai, que deixou a Itália quando menino em busca de uma vida melhor. Ele trabalhou desde cedo, abriu um armazém e construiu casas para locação

Ao final do Congresso de Viena, o território italiano foi fragmentado politicamente, passando a ser governado por diferentes nações. A reunificação ocorreu somente em 1870, após décadas de conflitos, que mergulharam o país em uma crise econômica e social.

1815

No dia 26 de janeiro, desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, Giovanni Battista Bettanin e sua esposa, Catterina Angonese. Com eles estavam os seis filhos, que tinham entre 17 e três anos: Maddalena, Maria, Francesca, Anna, Giovanni e Giuseppe. Seu destino, após quatro anos na localidade de Forromeco, foi Borghetto, na colônia de Conde d'Eu.

1878

1870

Início do período da chamada "grande imigração", que se estendeu até 1920 e foi responsável pelo ingresso de 1,4 milhão de italianos no Brasil, destinados ao trabalho nas lavouras de café e ao povoamento. Neste ano, foram demarcadas as colônias de Conde d'Eu e Dona Isabel, futuros municípios de Garibaldi e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul.



Os jovens Hilário e Maria eram vizinhos e logo assumiram o compromisso que os levou a construir uma família ancorada em valores como educação, honestidade e trabalho

Nascimento de Hilário. Quando o menino tinha dois anos, a família se mudou para São Paulo, instalando sua atividade fabril na cidade. Permaneceram no Bairro do Brás, núcleo de imigrantes italianos, até decidirem retornar ao Rio Grande do Sul e se estabelecer em Porto Alegre.

1900

1893

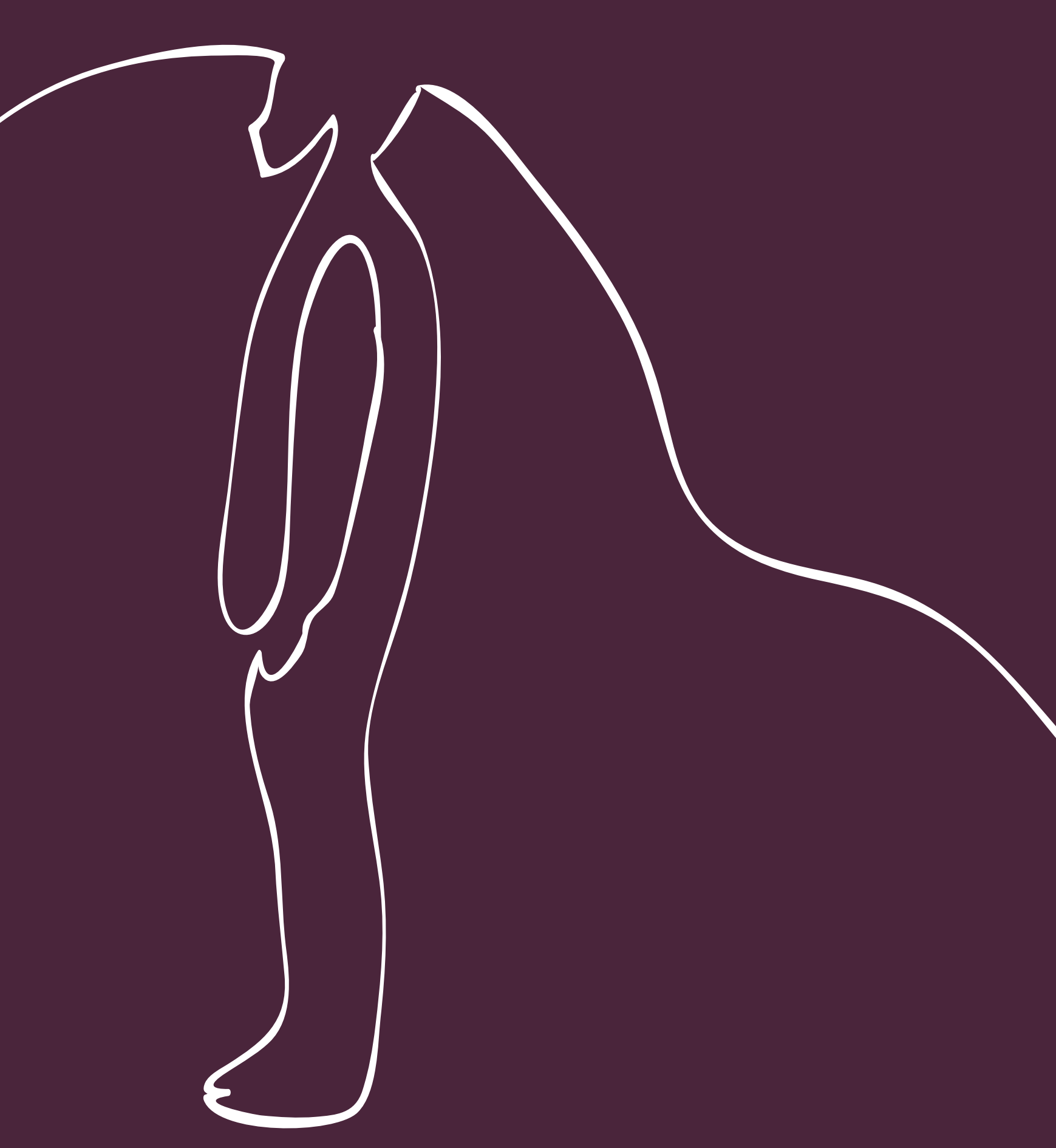
Casamento de João Battista Bettanin com Beatrice Antonia Garziera. Dos treze filhos do casal, quatro sobreviveram: Irene Catharina, Demétrio Hilário, Irma Vitória e Iria. No início da vida em família, eles se dedicavam à confecção de chapéus em Garibaldi.

1917

Por volta deste ano, os Bettanin foram morar no chamado Arraial dos Navegantes, onde Hilário conheceu Maria Luiza Angela Bianchi. Ela era a primogênita das quatro filhas de Cesara e Natal Bianchi, que havia emigrado da Itália quando ainda era menino.

Da família à empresa







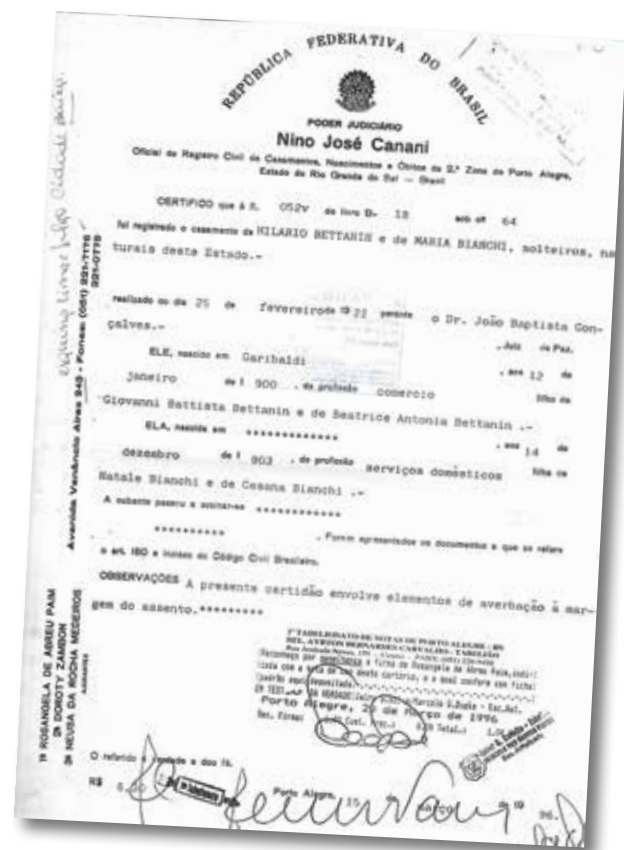
Celebrado no dia 25 de fevereiro de 1922, o casamento de Hilário e Maria contou com a participação da família e com inspiradas palavras em italiano do tio do noivo, José Bettanin, que discursou sobre a primavera na Itália e as flores do mês de abril. A reunião ocorreu em um local que se tornaria especial para as futuras gerações: Avenida Sertório, número 574, no Bairro Navegantes. O terreno havia sido adquirido por José, que construiu sua moradia no local.

Nos primeiros anos, os recém-casados residiram em uma das casas que pertenciam ao pai da noiva, na esquina das Avenidas Brasil e Missões. Também eram muito próximos dos pais de Hilário. Após o retorno de São Paulo, a fábrica de chapéus de João Bettanin não resistiu aos impactos econômicos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e teve suas atividades encerradas. Ele acabou por vender o maquinário para o cunhado Angelo Garziera, que remontou a empresa em Garibaldi, na serra gaúcha, local onde a fábrica havia sido fundada.

Decidido a abrir um novo negócio, João se associou ao amigo Mottin para a produção de licores. Mudaram-se da casa localizada na esquina das Avenidas França e Pernambuco (que sediava a empresa) para uma residência na Rua Gaspar Martins, no Bairro Floresta. Ali, ele se tornou sócio de Dante Aldrighi, marido de Amélia Vicintin, jovem casal com quem estabeleceu um laço de amizade em São Paulo e que migrou para Porto Alegre na mesma ocasião do retorno dos Bettanin.

Após algum tempo, João encerrou o negócio e a família retornou à antiga moradia. Com a experiência de ter vivido em terras paulistas, passou a viajar para a região com o objetivo de negociar frutas, especialmente uvas. Atendia ainda a um cliente de Farroupilha para o transporte de valores até São Paulo, que levava junto ao corpo em um cinturão de pano costurado pela nora Maria.

A disposição empreendedora do pai se mostrou uma característica presente em Hilário, que teve ampla e diversificada atuação profissional. Sua boa formação contribuiu para isso: em São Paulo, estudou no Colégio São Bento, centenária instituição educativa. Ao chegar a Porto Alegre, integrou a terceira turma do curso de guarda-livros – equivalente ao atual curso de Contabilidade – do Instituto Comercial Israel Torres Barcelos, em 1921. Entre os cinco alunos diplomados naquele ano estava o jovem da família Bettanin.



Em uma cerimônia marcada por momentos emocionantes, Hilário e Maria deram início a uma nova família no dia 25 de fevereiro de 1922



Formado como guarda-livros, profissão equivalente ao atual contador, Hilário utilizou os seus conhecimentos em busca de boas oportunidades para trabalhar e empreender. Acima, o registro da conclusão do curso, em 1921. Abaixo, o certificado de atuação profissional, emitido anos depois

Um dos primeiros empregos de Hilário foi no Curtume Termignoni, cuja sede era em Guaporé, município colonizado por italianos. Por esta empresa, ele realizava viagens ao norte do Brasil a bordo dos navios da Companhia de Navegação ITA. Seus esforços foram reconhecidos a ponto de receber a oferta de uma cota na sociedade. Após a passagem por um curtume em Bento Gonçalves, retornou a Porto Alegre para continuar na companhia da esposa e da filha Laura, que havia nascido em 18 de janeiro de 1923.

Outra oportunidade importante se deu na fábrica de alumínio Couraça, de Luiz Ugolini. Novamente, sua dedicação rendeu-lhe um convite para se tornar sócio, mas ele decidiu não acompanhar a transferência da empresa para São Paulo. Aceitou, então, a proposta de montar um armazém com a cunhada Josefina, mas o empreendimento não perdurou.

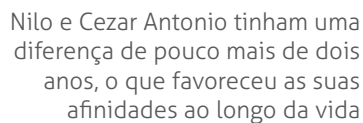
Naquele período, com uma pequena diferença de datas, dois filhos nasceram: Nilo, em 18 de abril de 1926, e Cezar Antonio, em 11 de junho de 1928. Foi o momento em que eles se mudaram para a Avenida Sertório, adquirindo o terreno e a residência do tio José. O endereço que, no futuro, abrigaria muitas alegrias, também acolheu algumas tristezas, como o falecimento de João Battista Bettanin em 10 de setembro de 1929, aos 57 anos.

A residência tinha a sala da frente alugada para que uma professora da rede estadual atendesse alunos, a maioria filhos de funcionários das fábricas do entorno. O mesmo acontecia em outras casas, em um modelo de organização de ensino que ficou conhecido pelo nome de Escolas Reunidas. Até que esse núcleo de educadoras se agrupou em um prédio que pertencia à família Mazzotti, a uma quadra de distância da Paróquia Nossa Senhora de Navegantes, na própria Avenida Sertório. Ali se consolidaram as atividades do Grupo Escolar 1º de Maio, em 1934 – atual Escola Estadual Normal 1º de Maio, localizada na então chamada Avenida Eduardo (atual Avenida Presidente Franklin Roosevelt).

Enquanto isso, a família Bettanin continuava a crescer, com o nascimento do filho mais novo, Dante, em 24 de outubro de 1934. E Hilário persistia em sua vocação industrial. Em sociedade com Nino Carlesso, abriu a fábrica de alumínio Titã, na esquina das Ruas Voluntários da Pátria e Ernesto Alves.



A menina Laura foi a primeira filha, nascida pouco antes de o casal completar um ano de matrimônio



Com o nascimento de Dante, a família ficou completa

Contudo, a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que se estendeu de 1939 a 1945, impediu o sucesso da iniciativa. Para viabilizar a produção, era necessário importar discos de alumínio dos Estados Unidos e da Alemanha. Deste último país, havia sido encomendada ainda uma laminadora, com o objetivo de trabalhar a matéria-prima no Brasil, a fim de reduzir custos. Mas o navio que transportava o equipamento foi bombardeado e naufragou. Restaram apenas as notícias do conflito, transmitidas pelo rádio montado por Hilário, um dos primeiros da vizinhança. Sem o maquinário e sem os discos, a empresa foi vendida para a Casa Fracalanza, na qual ele teve participação societária e atuou como gerente por um longo período.

Educação como prioridade

Entre períodos de êxito e outros de dificuldades financeiras, Maria sempre foi uma grande parceira de Hilário. Além dos cuidados com a casa e com os filhos, ela costurava roupas femininas para auxiliar no orçamento doméstico. Produzia pelo menos sete vestidos por semana, incluindo um traje para noiva, que era entregue aos sábados. Contava com a ajuda de uma prima, Marieta, que morou com eles por alguns anos. Mesmo assim, ela assumia um enorme volume de trabalho, com o propósito de oferecer o melhor para Laura, Nilo, Cezar e Dante. As roupas utilizadas por eles quando bebês, feitas de veludo e com acabamento em renda, são um exemplo do capricho da mãe com as crianças.

Os uniformes escolares impecáveis também eram costurados por Maria. Os calçados limpos, a aparência bem cuidada e os materiais organizados demonstravam que a educação era prioridade para a família. Nem sempre os poucos colegas tinham as mesmas condições—alguns compareciam à sala de aula descalços. A consciência do empenho dos pais para que tivessem acesso aos estudos marcou a trajetória dos quatro irmãos. Eles cursaram os primeiros anos na escola do bairro e, chegada a época do chamado Ginásio, foram estudar no Colégio das Dores (atual La Salle Dores). Todos os dias, deslocavam-se para a Rua Riachuelo, no Centro, em busca de conhecimento.

Algumas vezes, não era possível enviar o pagamento da mensalidade na data prevista. Nessas ocasiões, a primogênita Laura, que tinha pouco mais de 12 anos e já auxiliava a mãe em



Incansável na dedicação ao marido e aos filhos, Maria cuidava dos afazeres domésticos e costurava roupas femininas, inclusive vestidos de noiva. Os uniformes das crianças também eram feitos por ela, que valorizava o compromisso com os estudos



Companheiros de brincadeiras e atividades, Nilo e Cezar chegavam da escola e costumavam conversar por um longo período, sentados em um banco do lado de fora da casa



Dante é o filho mais novo de Hilário e Maria. Assim como os irmãos, se dedicou aos estudos e seguiu os conselhos e ensinamentos dos pais

diversas tarefas, era enviada para explicar a situação à direção da escola. Comunicativa e inteligente, adorava ouvir as histórias do avô Natal e alegrava-se com os mimos e merendas que ele lhe oferecia. Zelosa com os irmãos, aprendeu a cozinhar, a costurar, a fazer tricô e até chapéus. Mas sua paixão e habilidade se destacavam quando o assunto eram números: ela resolvia operações matemáticas mentalmente com enorme facilidade e empolgava-se ao solucionar desafios que envolvessem cálculos.

Nilo e Cezar, com idades próximas, compartilhavam afinidades desde pequenos. Ao retornarem da escola, sentavam-se em um banco, do lado de fora da casa, para dividir os assuntos do dia, em uma conversa acompanhada de um refresco de vinho com água e açúcar preparado pela mãe, o chamado capilé. Diante da empolgação com as histórias, perguntas e relatos, Maria comentava, de brincadeira, que os filhos estavam “se confessando” um para o outro.

Eles já demonstravam vocação empreendedora desde cedo: uma de suas ocupações favoritas era recolher as balas de chumbo que se espalhavam no entorno do Esporte Clube Navegantes pela prática de tiro ao alvo, principal modalidade oferecida pelo clube do qual eram vizinhos. Depois da coleta, derretiam e vendiam o metal, o que gerava uma pequena renda aos meninos.

Dante, o filho mais novo, teve alguns problemas de saúde nos primeiros anos da infância. Mas a dedicação dos pais em oferecer-lhe os melhores cuidados disponíveis à época devolveu-lhe a saúde e a disposição que lhe permitiram estudar e se desenvolver. A memória do carinho e do cuidado oferecidos por Hilário e Maria faz parte das recordações de infância dele e dos irmãos.

Além dos infortúnios e alegrias da vida particular, a família era impactada por acontecimentos de grandes proporções, como foi o caso dos conflitos bélicos mundiais, que alterou, por exemplo, a oferta e o preço de alguns itens.

Localmente, um dos eventos de maior repercussão eram as enchentes que atingiam o 4º Distrito, transformando ruas e casas em uma extensão das águas do Guaíba. Apesar de não ser a única região afetada – há registros de alagamentos em outras áreas da cidade desde 1824 – foi palco de grandes inundações.



A última, que foi a maior e a mais conhecida, ocorreu no ano de 1941. Após 22 dias de intensa chuva em Porto Alegre, entre 10 de abril e 14 de maio, mais de 40 mil pessoas precisaram sair de suas casas. Hilário, Maria e os filhos passaram a utilizar o barco como meio de transporte. Cezar e Nilo, que já eram adolescentes, arriscavam até mesmo um mergulho na imensa “piscina” que havia se formado. A família enfrentou a mudança de rotina sem perder a alegria e, quando o Guaíba voltou ao seu nível normal, trabalhou para recuperar o que havia sido perdido e tornar a casa novamente limpa e habitável. Diante do estrago provocado no município, foram realizadas diversas obras para evitar que o episódio se repetisse, como a construção do muro de contenção das águas.

Nessa época, Laura era aluna do curso de Música no Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre. Esforçada, praticou muito para desenvolver a habilidade musical, que faria parte de sua vida ao longo de décadas. A exemplo do pai, Nilo, Cezar e, mais à frente, Dante, realizaram a formação em Ciências Contábeis, preparando-se para o ofício que ainda era conhecido como guarda-livros.

O início do atacado de louças

Após alguns anos de trabalho como gerente na Casa Fracalanza, Hilário decidiu investir em uma nova sociedade, dessa vez com Hugo Mottin, filho de amigos de Garibaldi,

Mais de 40 mil pessoas foram desalojadas na enchente de 1941, que atingiu o 4º Distrito de Porto Alegre. A família Bettanin não saiu de casa, mas se deslocava de barco

sua cidade natal. Eles adquiriram a fábrica de vassouras e escovas Irmãos Bertolla Ltda., localizada na Rua Olinda, 272, atual Bairro São Geraldo, na capital gaúcha. Com os rendimentos da empresa, que apresentava bons resultados, uma reforma começou a ser realizada na casa da família, na qual a filha Laura já não morava mais.

Ela havia escolhido Farroupilha para ser o seu novo lar, ao lado do marido Giacomo Fiorencio Broilo, com quem se casou em 16 de janeiro de 1943. Na companhia da mãe e da avó Cesara Bianchi, a jovem costumava visitar a cidade serrana e lá permanecer por poucos dias. É provável que o casal tenha se conhecido em uma dessas ocasiões e, durante o noivado, tiveram de lidar com a angústia de uma possível convocação do rapaz para a guerra, temor que, felizmente, não se confirmou. Ele desenvolveu sua atividade profissional com o pai, que tinha um curtume e uma pequena fábrica de calçados. Não tardou para que a família aumentasse, com o nascimento do primeiro filho, Paulo – batizado com o mesmo nome do avô paterno.

Em Porto Alegre, Nilo era funcionário no Armarinho Gandur, localizado na Rua Voluntários da Pátria. Sua dedicação em aprender e sua agilidade para executar as tarefas e entregar as encomendas, utilizando os serviços dos bondes das linhas Navegantes e São João, eram elogiadas pelo patrão. Cezar era funcionário nas Lojas Mesbla, onde se destacou: em toda a ampla rede da empresa, era quem preenchia com mais rapidez as apólices de seguros, uma das modalidades de serviços financeiros oferecidas.

Apesar de bem colocados em suas funções, eles almejavam voos mais altos. Sonhavam em criar uma empresa, crescer profissionalmente e proporcionar um bom futuro para a família e para a comunidade. Firmes em seu propósito, começaram a realizá-lo. Nilo, à época, com 21 anos, saiu do emprego e recebeu uma indenização de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros). Cezar, que estava com 19 anos, cumpriu o aviso prévio de 30 dias na Mesbla e juntou-se ao irmão para empreender. Era o ano de 1947, o primeiro de uma história com mais de 70 anos de sucesso.

Começaram com a compra e venda de produtos para atender o pequeno varejo de secos e molhados, bares e restaurantes. A rapadura, trazida da cidade de Santo Antônio



da Patrulha, foi uma das primeiras mercadorias na qual investiram. Os fretes iniciais tiveram venda rápida, mas logo o estoque se acumulou. Diante da pouca demanda, venderam o excedente para uma fábrica de doces. Nessa época, o meio de transporte utilizado para as entregas era uma carroça, e a aquisição de alfafa e milho para alimentar os cavalos fazia parte das tarefas de Nilo e Cezar.

Decidiram, então, apostar nas utilidades domésticas, como vidros, louças, ferragens e artigos de bazar. Adquiriam mercadorias dos fornecedores e distribuíam para os clientes, que demonstravam interesse crescente pelas novidades. Um importante auxílio para o desenvolvimento dos negócios veio da irmã Laura e do cunhado Giacomo, que não hesitaram em sacar da poupança o dinheiro que estavam guardando para construir a sua casa e emprestar aos irmãos. Agradecidos, eles retribuíram o valor, algum tempo depois, em mercadorias.

Para se destacar entre os concorrentes, Nilo e Cezar promoveram alguns diferenciais nos produtos. Encomendaram a pintura das louças com estampas florais, para agradar as senhoras que buscavam um jogo de mesa decorado. Ou, ainda, de símbolos do Grêmio e do Internacional nos copos, no intuito de chamar a atenção dos torcedores mais empolgados.

Pela fragilidade dos utensílios, o transporte era uma das questões mais importantes. Não raro, as peças chegavam ao destino lascadas, trincadas ou quebradas. Nilo e Cezar testaram diferentes formas de embalar o produto, mas a perda chegava a 10% do total de mercadorias. Até descobrirem que a maneira mais simples era a mais eficiente: bastava colocar uma louça dentro da outra, com papel ou jornal no entorno, que os artigos permaneciam intactos.

Outra estratégia, lembrada até hoje pela família, era utilizada na venda de copos, para demonstrar a qualidade e a durabilidade dos produtos. Em frente aos clientes, eles seguravam o utensílio pela borda, levemente inclinado e, com o fundo, formado por um vidro mais resistente, batiam em uma mesa ou bancada. Certa vez, houve um prejuízo, mas não do lado que se poderia imaginar: a mesa de pedra de um dos clientes ficou rachada após a demonstração. No entanto, não há registros de que algum copo tenha sido danificado, o que comprova a validade da propaganda.

Para armazenar o estoque, eles ocuparam um galpão nos



A tela pintada alguns anos depois por Vireny, esposa de Nilo, representa a fachada da residência da família, na qual tiveram início as atividades da Bettanin & Cia. LTDA, na Avenida Sertório, 574, no Bairro Navegantes, em Porto Alegre



Atualmente, o quadro está exposto na sala da Presidência da empresa e se tornou uma referência para a equipe

fundos da casa da família, na Avenida Sertório, 574. Logo o espaço ficou pequeno e os pais cederam para os filhos o uso da sala da frente e do quarto onde dormiam. Mas a expansão continuou e, em pouco tempo, a casa inteira foi ocupada pela empresa. Hilário, Maria e Dante, que tinha por volta de 12 anos, mudaram-se para uma casa na Avenida Farrapos. Nilo e Cezar permaneceram morando no endereço de trabalho e, para não perderem o horário de início das atividades, eventualmente contavam com um inusitado despertador: antes de dormir, amarravam um barbante no pé e deixavam a ponta da corda para fora da casa, pela janela. No outro dia, no início da manhã, o amigo Peppino, apelido diminutivo



de Giuseppe, passava por ali e puxava o barbante, avisando que estava na hora de começar a jornada.

Àquela altura, a entrega das mercadorias era feita de bonde e de ônibus, até que a criação das feiras livres em Porto Alegre exigiu um meio de transporte mais prático. Os irmãos adquiriram uma barraca e saíam de madrugada para montar a estrutura e expor os produtos nas diferentes regiões da cidade. Foi então que compraram uma clássica caminhonete Ford Modelo A, produzida no ano de 1929. No cenário pós-guerra, a indústria automobilística brasileira estava se estruturando, e os modelos importados, mesmo mais antigos, prevaleciam entre a frota em circulação. A falta de peças de reposição e os problemas decorrentes do tempo de uso exigiam manutenção constante, que nem sempre era suficiente: por vezes, o radiador esquentava e o óleo precisava ser trocado com maior frequência.

Perda transformada em oportunidade

Em poucos meses de atividade, a empresa de Nilo e Cezar estava indo bem, até que uma perda inesperada se converteu em uma oportunidade para o crescimento. Nas manhãs de domingo, em um dos poucos momentos de folga, seu pai Hilário costumava ir ao Centro da cidade, região considerada nobre e com espaços de convívio para encontrar amigos e parceiros comerciais.

Ao retornar para casa, de bonde, ouviu a notícia de um incêndio em uma empresa. Apreensivo, seguiu até as instalações da fábrica de vassouras e escovas na qual era sócio, e que, à época, já havia sido nomeada como Bettanin, Mottin & Cia Ltda. Chegando lá, sua suspeita se confirmou: o pavilhão havia sido consumido pelas chamas. O sócio Hugo, que morava no local, havia saído para ir à missa e, quando retornou, encontrou a construção destruída.

Sem condições para continuar a operar, as atividades foram encerradas. Hilário recebeu, pela sua parte, um seguro de Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) e manteve a linha telefônica, algo valioso e difícil de se conseguir. Pequenas máquinas e matérias-primas que não tinham sido completamente avariadas foram colocadas à venda. Nilo e Cezar avaliaram a possibilidade de adquirir os salvados do incêndio para anexar uma linha de produção de vassouras

às atividades de comércio. Os vendedores da fábrica, que haviam ficado sem emprego, incentivaram a ideia, pois tinham clientela fiel e poderiam continuar a exercer suas atividades no atacado de louças.

Dispostos a aproveitar a oportunidade, eles levaram os equipamentos para a Avenida Sertório, 574. E foi assim que, no ano de 1947, teve início a Bettanin & Cia. Ltda., dedicada inicialmente a dois ramos de negócio: comércio atacadista, como distribuidor de louças, vidros, ferragens e artigos de bazar, e fabricação de vassouras, escovas e pincéis.

Hilário associou-se aos filhos, contribuindo com recursos financeiros e com sua vasta experiência na área industrial. O capital inicial era de Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), com cotas correspondentes a um terço. Nilo foi designado como diretor Industrial, Cezar assumiu como diretor Comercial e Administrativo-Financeiro, e o pai atuava como conselheiro, visto que era sócio e diretor Geral da metalúrgica Simpala naquele período.

Nos fundos da residência, foi construído um pavilhão em madeira, no qual se instalou a máquina para a produção de vassouras. Tratava-se de uma prensa que dava o formato da palha, e o restante do processo era feito a mão.

“Eu era guri, então, aquele espaço parecia enorme. Olhava as madeiras, pregos, ferramentas. Tinha um piso no meio, formando um sótão para guardar palha. E a máquina ficava bem no centro. Hoje eu lembro, o galpão tinha 5,5m² x 5,5m²”, brinca o irmão caçula Dante Bettanin, referindo-se às grandes proporções que o espaço tomava diante do seu olhar juvenil.

Logo houve necessidade de mais espaço, e um novo galpão, de 160m², foi erguido, para abrigar a produção de escovas e de pincéis. No início das atividades, eles contavam com o auxílio das chamadas escoveiras: senhoras que trabalhavam em casa, recebiam a piaçava cortada, as cepas furadas e o arame, e montavam o produto. Em média, elas produziam de 10 a 20 dúzias de escovas por semana. Para incrementar a produção, foi adquirido um equipamento manual, importado da Alemanha por meio de um incentivo do governo para a compra de máquinas estrangeiras.

Com o equilíbrio entre os investimentos e o retorno do mercado, o negócio conseguiu se estabelecer. Em um relato

de pouco mais de quatro páginas datado de 2010, no qual registra os principais momentos da trajetória da empresa, Cezar destacou que a “estratégia de conciliar comércio por atacado e fábrica mostrou-se muito acertada”. Segundo ele, os itens de produção própria eram comercializados no varejo a preços competitivos, e as mercadorias como vidros e louças davam maior escala às vendas, o que aumentava as possibilidades de ganho da equipe.

Amores duradouros

Enquanto o objetivo de crescimento profissional estava se concretizando, outros episódios marcantes fizeram parte da vida da família. Em um baile junino na Sociedade Ginástica Navegantes São João, no dia 24 de junho de 1950, Nilo conheceu sua futura esposa, cujo nome de solteira era Vireny Hanisch. As coincidências não demoraram a aparecer: ela morava com os pais em uma das casas pertencentes a Natal, o avô de Nilo, na Avenida Brasil. Sua mãe, Julieta, havia estudado com uma modista juntamente com a mãe de Nilo, Maria.

O casamento ocorreu em 20 de outubro de 1951 e, nos primeiros anos, o casal foi morar em um apartamento na Avenida Farrapos. Vireny demonstrava uma forte inclinação para as artes plásticas e o marido tornou-se um grande admirador do seu talento, a incentivando a pintar e interessado pela sua produção.

Ela foi a responsável por uma obra que carrega um significado especial para a família: o quadro de 1952 que reproduz a fachada da casa que era sede da Bettanin, na Avenida Sertório, 574. Nas manhãs de domingo, Nilo a levava de carro até a empresa, estacionava na calçada e instalava o cavalete de frente para o terreno, para que Vireny pudesse trabalhar. Ao longo de três ou quatro sessões, ela esboçou a pintura e, depois, arrematou os detalhes em casa. Hoje, a obra é parte do acervo da empresa e ocupa um lugar de destaque na sala da Presidência.

Cezar conciliava as atividades da Bettanin com as do Curso de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/Porto Alegre). Apesar de a formação se concentrar aos finais de semana, ele tinha uma rotina intensa. O que o ajudava a cumprir os compromissos era a sua maestria em pilotar uma motocicleta pelas ruas da cidade. Em horários de pouco movimento,



No início da empresa, Cezar Antonio se dividia entre as atividades comerciais e o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/Porto Alegre)



O casamento entre Cezar e Lecy foi celebrado em 23 de abril de 1955. Ela guarda com carinho um presente que representou o compromisso entre os dois: um broche de ouro em formato de laço, ornamentado com pérola e turmalina

como o amanhecer, percorria o trecho entre a casa no Bairro Navegantes e o Morro Santa Tereza, onde está localizada a base militar, em poucos minutos, demonstrando habilidade no trânsito.

Em 1950, ele conheceu a jovem Lecy Bonato, que residia na então chamada Avenida Eduardo. Não demorou para que o casal se aproximasse. A timidez inicial e os olhares à distância se transformaram em um compromisso sério algum tempo depois, quando Cezar foi até a casa da pretendente pedi-la em namoro.

No ano seguinte, um presente guardado com amor até hoje deixou claras as intenções do rapaz: um broche de ouro em formato de laço, ornamentado com pérola e turmalina. Após o casamento celebrado em 23 de abril de 1955, eles foram morar em um apartamento no Bairro Floresta.

Enquanto isso, Dante ingressou pouco a pouco na empresa, auxiliando em diversas atividades e se aventurando, inclusive, no transporte de produtos e de matérias-primas com a caminhonete. Em breve, teria oportunidades de contribuir ainda mais com o negócio da família.

O casamento de Demétrio Hilário Bettanin e Maria Luiza Angela Bianchi, no dia 22 de fevereiro, marcou a formação de uma nova família. Formado como guarda-livros, ele teve diversas atividades profissionais e foi sócio de empresas. Ela desempenhava as tarefas domésticas e costurava roupas femininas.

Nascimento de Nilo.

Falecimento de João Battista Bettanin, o pai de Hilário, de quem ele herdou a vocação empreendedora, especialmente voltada à indústria. Nessa época, a família já residia no endereço da Avenida Sertório, 574, no Bairro Navegantes.

1922

1926

1929

1923

1928

1934

Nascimento da primeira filha do casal, Laura.

Nascimento de Cezar Antonio.

Nascimento de Dante.



Com os irmãos à frente do negócio, o garoto Dante observava e auxiliava no que fosse possível. Assim como eles, estudou Contabilidade e viria a se tornar um dos sócios da empresa

A maior enchente da história de Porto Alegre deixou inúmeros bairros alagados, entre eles, o Navegantes. Mais de 40 mil pessoas ficaram desalojadas.

1941

Nilo, com 21 anos, e Cezar, com 19 anos, iniciaram um negócio de compra e venda de produtos para armazéns de secos e molhados, bares e restaurantes. Meses depois, a fábrica de vassouras da qual o pai era sócio sofreu um incêndio. Com o que foi possível salvar, eles uniram as atividades de comércio e indústria. Era o início da Bettanin & Cia. Ltda.

1947

Casamento de Cezar Antonio com Lecy Bonato, em 23 de abril de 1955.

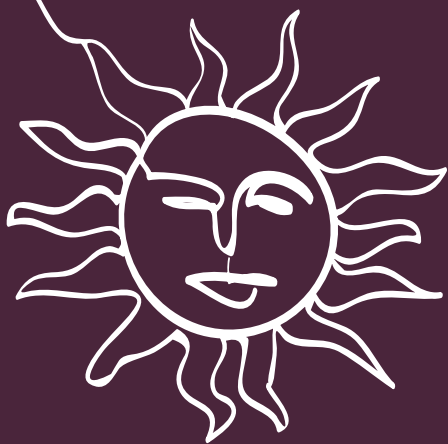
1955

1943

Casamento de Laura com Giacomo Broilo, em 16 de janeiro. O jovem casal se mudou para Farroupilha (RS), cidade onde o noivo já residia.

1951

Casamento de Nilo com Vireny Hanisch, em 20 de outubro de 1951.



A caixinha encantada

Personagem nada secundária nesta trajetória, Maria era zelosa com as finanças da família e não hesitava em recorrer às suas economias na caderneta de poupança para auxiliar em alguma necessidade da empresa. Mas uma de suas contribuições mais marcantes foi compartilhar com os filhos a história da caixinha encantada, que atravessou gerações e é conhecida até hoje.

Ela contou a Laura, Nilo, Cezar e Dante que, em uma cidade de um país desconhecido, morava uma senhora que nunca conseguia ter dinheiro suficiente para passar o mês. Ela sofria com aquela situação e queria encontrar uma forma de resolvê-la. Certo dia, um circo chegou à região, trazendo uma cartomante que lia a sorte e previa o futuro. A mulher foi consultá-la em busca de ajuda e recebeu a seguinte orientação:

“Eu tenho essa caixinha aqui, que é valiosa. Leve-a por toda a casa, pela manhã e à tarde, para não faltar dinheiro. Só que eu só



posso lhe emprestar: quando o circo passar de novo, a senhora deve me devolver."

Ela seguiu o combinado e, a cada dia, conforme percorria os cômodos carregando a caixinha, notava pequenos desperdícios: um vazamento, o sabão que havia ficado na água e estava se desmanchando, um alimento mal-acondicionado que havia estragado... Tratou de consertar o que estava danificado, preservar o que tinha e evitar perdas. Aos poucos, o dinheiro passou a ser suficiente para todo o mês.

Quando o circo voltou à cidade, a mulher disse que queria comprar a caixinha, pois acreditava que ela era a responsável por ter conseguido melhorar a sua condição financeira. Mas a cartomante respondeu:

"Vou emprestá-la para outra pessoa. Você já aprendeu o que era necessário."

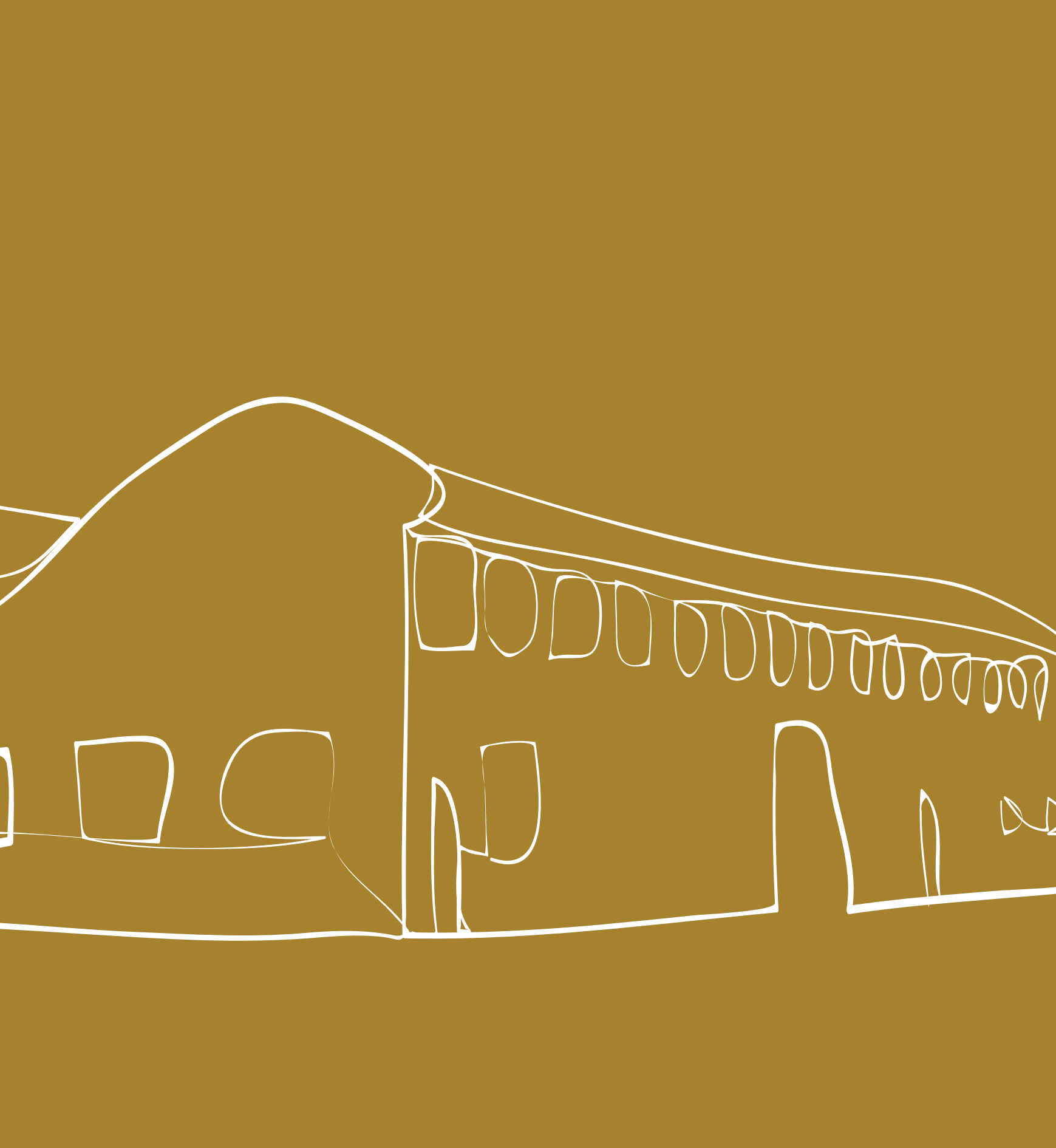
Os ensinamentos da caixinha encantada – prestar atenção aos detalhes, evitar desperdícios, reduzir despesas – foram levados para o dia a dia da empresa, tanto nas pequenas tarefas quanto nos grandes investimentos.



Espaço para crescer



BELLANLIN



O êxito nos negócios logo tornou a casa da Avenida Seratório pequena para abrigar o atacado e a produção industrial. Incentivados pela vontade de crescer, os irmãos buscaram alternativas para a expansão da empresa.

Inicialmente, eles haviam adquirido um terreno no Bairro Anchieta, na capital, mas a demora para a urbanização do entorno e as consequentes dificuldades de acesso desmotivaram a empreitada. Ampliaram seu horizonte para a cidade de Esteio, à época ainda um distrito de São Leopoldo, que se apresentou como a melhor escolha. Havia a possibilidade de compra de um lote ao lado da padaria Estrela do Sul, propriedade dos Biazetto, que eram familiares dos Bettanin.

O primeiro movimento de formação de um povoado no atual município remete ao ano de 1788, quando o governo imperial recomendou a mudança de localização da Real Fazenda do Linho do Cânhamo, a dois quilômetros de São Leopoldo, para uma região que viria a se chamar Real Feitoria. Tal mudança só ocorreu em 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, mas não houve progresso em seu desenvolvimento, apesar das 46 moradias lá existentes. O projeto foi extinto e as terras foram divididas em lotes, destinadas a colonos alemães em dezembro de 1824.

O território de Esteio pertencia à Fazenda Areião do Meio, um banhado repleto de jacarés e de difícil acesso. Posteriormente, as terras foram adquiridas pelo fazendeiro Serafim Pereira de Vargas, conhecido como “Coronel Janjão”. No ano de 1873, o povoado efetivamente se estabeleceu, a partir da Ferrovia Porto Alegre - São Leopoldo, que depois seria estendida até Novo Hamburgo. As obras mobilizaram a instalação de moradias para os operários, dando início à ocupação da região. Trata-se do mesmo acontecimento que, na outra ponta da via férrea, havia ajudado a impulsionar o desenvolvimento do Bairro Navegantes.

Novas residências somaram-se ao pequeno núcleo com a instalação de uma estação da ferrovia, em 1905. Comércio de secos e molhados, abertura de ruas e, desde a década de 1930, a venda de lotes para povoamento, estimularam o crescimento do local, que recebeu o nome atual em 1950. Esteio refere-se à madeira de lei utilizada para sustentar pontes e, à época, colocar trilhos em ferrovias em construção.

Em 1952, o descontentamento com os investimentos

inferiores à arrecadação proporcionada pelo distrito mobilizou um grupo de pessoas pela autonomia administrativa. E foi no ano do plebiscito para decidir o futuro da região, 1953, que a Bettanin vinculou sua história à de Esteio. Nos muros, cartazes com inscrições “vote sim!” e “vote não!” indicavam a aproximação do pleito, que foi favorável à emancipação, concretizada em 1955.

O terreno de 900m² adquirido por Nilo e Cezar estava localizado na região central, na antiga Rua Lindolfo Collor, atual Avenida Presidente Vargas, na altura do número 2255. Em vias do entorno, casas de madeira se distribuíam dos dois lados. À frente de cada uma delas, havia uma ponte improvisada para atravessar os valos sem canalização. Caixas de som instaladas nos postes alegravam o final da tarde com músicas, no momento em que as pessoas retornavam aos seus lares, em sua maioria utilizando como meios de locomoção o trem e os chamados carros-motores, uma espécie de ônibus que andava sobre os trilhos.

Na divisão de tarefas dos irmãos, Cezar continuou em Porto Alegre, administrando o atacado, em conjunto com o pai Hilário. O espaço disponível com a transferência das

Após um plebiscito realizado em 1953, Esteio se emancipou de São Leopoldo. Foi nesse mesmo período que a Bettanin se estabeleceu na cidade, inicialmente na região central



operações industriais foi ocupado por um estoque cada vez mais diversificado de mercadorias, armazenado em um novo prédio erguido na parte da frente da propriedade.

Nilo e Dante ficaram responsáveis por assumir as atividades em Esteio, instalando a fábrica em um pavilhão de 600m² que ocupou boa parte do lote. Em pouco tempo, foi necessário adquirir um outro terreno, para a serraria, e uma área anexa para a construção do prédio destinado à expedição. Ao final de cada dia, a caminhonete era abastecida com a produção de vassouras, escovas e pincéis, transportados por Dante para o depósito na capital.

A empresa também dava os primeiros passos na fabricação de outros acessórios para pintura, como rolos. E um dos responsáveis por ensinar o processo de curtimento de peles, etapa de preparação da matéria-prima, foi um integrante da família Fontanari, mesmo sobrenome do marido de Francesca, uma das irmãs de Giovanni Battista Bettanin que emigrou com ele para o Brasil. A prática de colaboração entre os italianos, presente desde a imigração e fundamental para a fundação de diversos negócios, permanecia viva décadas depois.

Em relação às matérias-primas, uma tarefa de grande dificuldade era a preparação dos pelos de pele de suíno para a confecção de pincéis. Era necessário fervê-los, penteá-los, amarrá-los a uma tábua e colocá-los em um copo cônico de alumínio, repetindo algumas das etapas. Tinham de ser separados por tamanho, pois não podiam ser cortados: uma das pontas, com as plumas, era usada para pintar. A outra, com a raiz, era fixada na cola. Com o auxílio de uma régua, os pelos eram medidos e separados em grupos por comprimento: 8cm, 7,5cm, 7cm... até que se reunisse a quantidade suficiente para montar os pincéis.

Depois de todas essas etapas, ao final do dia, uma funcionária havia conseguido preparar, em média, apenas 2kg de material. Foi então que o ímpeto de buscar soluções e inovar se manifestou. Uma indústria da região havia instalado um processo de preparação de cerdas, com uma produção de 200kg por dia. Nilo conseguiu autorização para conhecer os equipamentos e obter o desenho, acompanhado de Dante. Ao retornarem à fábrica, ele seguiu com as suas atividades voltadas à produção e o irmão mais novo, que ajudava no

escritório, descobriu uma preciosa habilidade.

“Tínhamos alguns mecânicos que trabalhavam aqui e eu comecei a aprender com eles. Eu não entendia quase nada do que precisava ser feito, fiz o desenho dessa máquina em tamanho 1:1. Então, colocamos a trabalhar e funcionou! Foi aquela alegria, quebramos um champanhe e eu me declarei fabricante de máquinas”, narra Dante, entre sorrisos de satisfação.

Diante da constante expansão das atividades industriais, Nilo foi o primeiro a transferir o endereço da família para mais perto do trabalho. Após um curto período de deslocamento diário entre a capital e Esteio, que se mostrou cansativo pelas condições precárias das estradas, ele e Vireny se mudaram para uma casa quase em frente à fábrica. Bastava atravessar a rua para dar início às atividades.

Ganharam companhia familiar pouco tempo depois, quando Dante se casou com Adélia Martins da Rosa, em 11 de fevereiro de 1956. O primeiro endereço do casal foi em uma residência alugada, a quatro quadras da empresa, para onde ele se deslocava diariamente de bicicleta. Mudaram-se, então, para uma casa ao lado do pavilhão industrial, na qual viviam quando nasceu o primeiro filho, Dante Alberto, em 27 de fevereiro de 1957. Depois, se estabeleceram em uma moradia do outro lado da rua.

Cezar permaneceu na capital, juntamente com os pais. Quando ele e Leczy ainda residiam no apartamento do Bairro Floresta, tiveram seus dois primeiros filhos: César Luiz, em 23 de abril de 1956, e Eduardo, em 25 de agosto de 1959. De Farroupilha também chegavam boas novas sobre o nascimento de outros dois filhos de Laura e Giacomo: a família que residia na região serrana ficou completa com Décio e Maria Helena.

Opção pela indústria

Após um período de escassez decorrente dos impactos da Segunda Guerra Mundial, a economia nacional dava sinais de recuperação. O marco dessa nova fase ocorreu em 1956, quando Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência do Brasil. Seu clássico bordão “50 anos em 5” impulsionou o cenário industrial e os investimentos em infraestrutura, incluindo a abertura de estradas e o frenético ritmo das obras para a construção de Brasília, que ficou pronta em 41 meses.

O país voltava-se à produção bens semiduráveis e de



Mais novo entre os quatro irmãos, Dante se casou com Adélia Martins da Rosa em 1956, fixando residência perto da fábrica, em Esteio, onde já residiam o irmão Nilo e a cunhada Vireny



Filha mais nova de Laura, Maria Helena sempre foi muito próxima dos familiares. A foto registra um encontro entre ela, a mãe e a avó Maria

capital, como os automóveis, a partir da política de “substituição de importações”, que buscava fortalecer e diversificar a indústria nacional. No Rio Grande do Sul, contudo, prevaleciam os chamados ramos tradicionais, que beneficiavam a matéria-prima do setor primário.

Para o setor atacadista, esse contexto representou um desafio. Com a facilidade de acesso ao comércio do interior do estado pelas rodovias recém-construídas, os fabricantes passaram a contatar diretamente os clientes, sem intermediários. O fenômeno da inflação, decorrente da aceleração econômica e desconhecido na época, levou ao fechamento de diversas empresas, nas quais os administradores não perceberam a desvalorização da moeda.

Atento a essas questões, Cezar percebeu que o preço dos produtos deveria ser constantemente alterado, para repor as perdas. E ponderou que o futuro dos negócios precisava ser reavaliado. Compartilhou sua preocupação com os irmãos, que, juntos, tomaram a decisão de encerrar as atividades do setor atacadista e centralizar a atenção da Bettanin na indústria. Com o capital obtido mediante a venda do estoque de louças, vidros e artigos de bazar, adquiriram um terreno às margens da BR-116, na altura do km 258, no sentido Porto Alegre - Novo Hamburgo, em Esteio. Ergueram no local um pavilhão de 1.600m², para onde transferiram as operações da empresa, retirando-se das instalações na região central.

A razão social e a composição acionária foram alteradas, bem como o ramo de negócios. Sob o registro de Bettanin Industrial S.A., a empresa passou a se dedicar exclusivamente à fabricação de escovas, vassouras e pincéis. Nilo permaneceu como diretor Industrial, Cezar tornou-se diretor Comercial e Financeiro, e Dante ingressou como diretor Técnico. O pai, Hilário, seguiu como sócio.

A configuração esboçou o futuro a ser construído, reunindo as melhores habilidades de cada um em prol do crescimento do negócio. Enquanto Nilo se dedicava especialmente ao desenvolvimento de produtos, Cezar cuidava da área administrativa, financeira e comercial, além de conduzir as obras de expansão. Dante focou sua trajetória na fabricação de máquinas e na utilização de novas tecnologias. Os três, cada um em sua área de interesse, demonstraram aptidão para desenho, de forma autodidata, traçando as linhas de



sonhos que, com muito trabalho, conseguiram realizar.

Nessa nova fase, as vassouras já não eram mais feitas de palha, mas somente de pelos ou de piaçava. Essa última nem sempre era fácil de se obter, pois vinha da região Norte do Brasil. A inflação desenfreada, que impactava no orçamento, e as condições das estradas, que impediam uma entrega rápida, transformavam a compra em um desafio. Nessa época, Dante encarou uma aventura de avião até Manaus (AM), atravessando a Floresta Amazônica, para conseguir abastecer a fábrica. Só o trecho de voo entre Porto Alegre e São Paulo levou 12 horas. Após a negociação, adquiriu cerca de 20 toneladas da matéria-prima. A troca de ideias com os irmãos sobre as condições do negócio ocorreu via telegrama: enviava

Um registro histórico: ao lado dos pais e das esposas, os três irmãos empresários celebram a construção do novo pavilhão na cidade de Esteio. Alguns integrantes da geração seguinte também participam do momento: César Luiz e Eduardo, filhos de Cezar Antonio e Lecy, e Dante Alberto, filho de Dante e Adélia



O prédio com o telhado em quatro pontas abrigou diferentes etapas de expansão das empresas



Com a mudança para Esteio, a Bettanin focou na utilização da piaçava para a produção de vassouras. Mas o artigo não era fácil de se conseguir: Dante percorreu diversos estados do país para não deixar a fábrica sem estoque

a mensagem em um dia, recebia a resposta no outro. Mas o esforço valeu a pena: por quase dois anos, a Bettanin era uma das poucas empresas que tinha piaçava em estoque.

Foi no início dos anos 1960 que nasceram os demais integrantes da quarta geração de descendentes de Giovanni Battista Bettanin no Brasil. Em 14 de julho de 1962, Nilo e Vireny tornaram-se pais de Flávia, filha única do casal. Dante e Adélia ampliaram a família com Fernando, em 20 de outubro de 1961, e André, em 21 de abril de 1964. A menina de Cezar e Lecy, Rosane, nasceu em 04 de maio de 1966.

Foco e competitividade

A compreensão de que era preciso cruzar fronteiras para inovar e adquirir outros conhecimentos levou Cezar e Dante a uma viagem que se tornou um marco na trajetória da Bettanin. Em 1964, eles passaram 75 dias entre os Estados Unidos e a Europa, com o intuito de aprender sobre tecnologia e gestão de negócios.

Viajar para o exterior representava, naquela época, um

alto investimento, especialmente pelo custo da passagem de ida e volta, que ficava em torno de US\$ 1,2 mil (hoje, cerca de R\$ 4.040). Como comparativo, a diária média de um hotel em Nova Iorque era US\$ 10. Com o valor de duas passagens, US\$ 2,4 mil, seria possível ficar hospedado por 240 dias. Uma cifra tão alta que os irmãos acreditaram que seria a sua primeira e última visita a terras estrangeiras.

A motivação inicial havia sido a aquisição de uma máquina automática, fabricada pela empresa inglesa *Evans*, que tornava possível fabricar duas vassouras ao mesmo tempo. Mas os resultados superaram os benefícios do novo equipamento – que permitiu o desenvolvimento de tecnologia para mais de 20 máquinas, graças à habilidade de Dante e da equipe de mecânica.

“Trouxemos muito conhecimento dessa viagem, porque tinham tantas coisas diferentes! Voltei com vários cadernos cheios de ideias, de desenhos de equipamentos. Um deles eu nomeei de *Bible of Brush* (A Bíblia da Escova). O Cezar aprendeu sobre vendas”, relata o irmão mais novo.

Além de percorrer a Feira Mundial de Nova Iorque e de conhecer diversas empresas nos Estados Unidos, os dois se dedicaram essencialmente a visitar fábricas na Itália e na Alemanha. Esforçaram-se para conseguir se comunicar em outros idiomas, o que rendeu alguns imprevistos e muitas boas histórias. Retornaram encantados com as descobertas e convictos de que ampliar o olhar mundo afora era a melhor maneira de inovar nos negócios.

Enquanto Cezar e Dante estavam fora, Nilo seguiu à frente da empresa com o suporte de um funcionário especial: seu cunhado Willy Hanisch, que ingressou em novembro de 1964. Ele segue trabalhando e é o profissional mais antigo ainda em atividade. Aqueles foram os primeiros passos de uma longa e diversificada trajetória de dedicação e competência na sua área de especialidade, a Matrizaria.

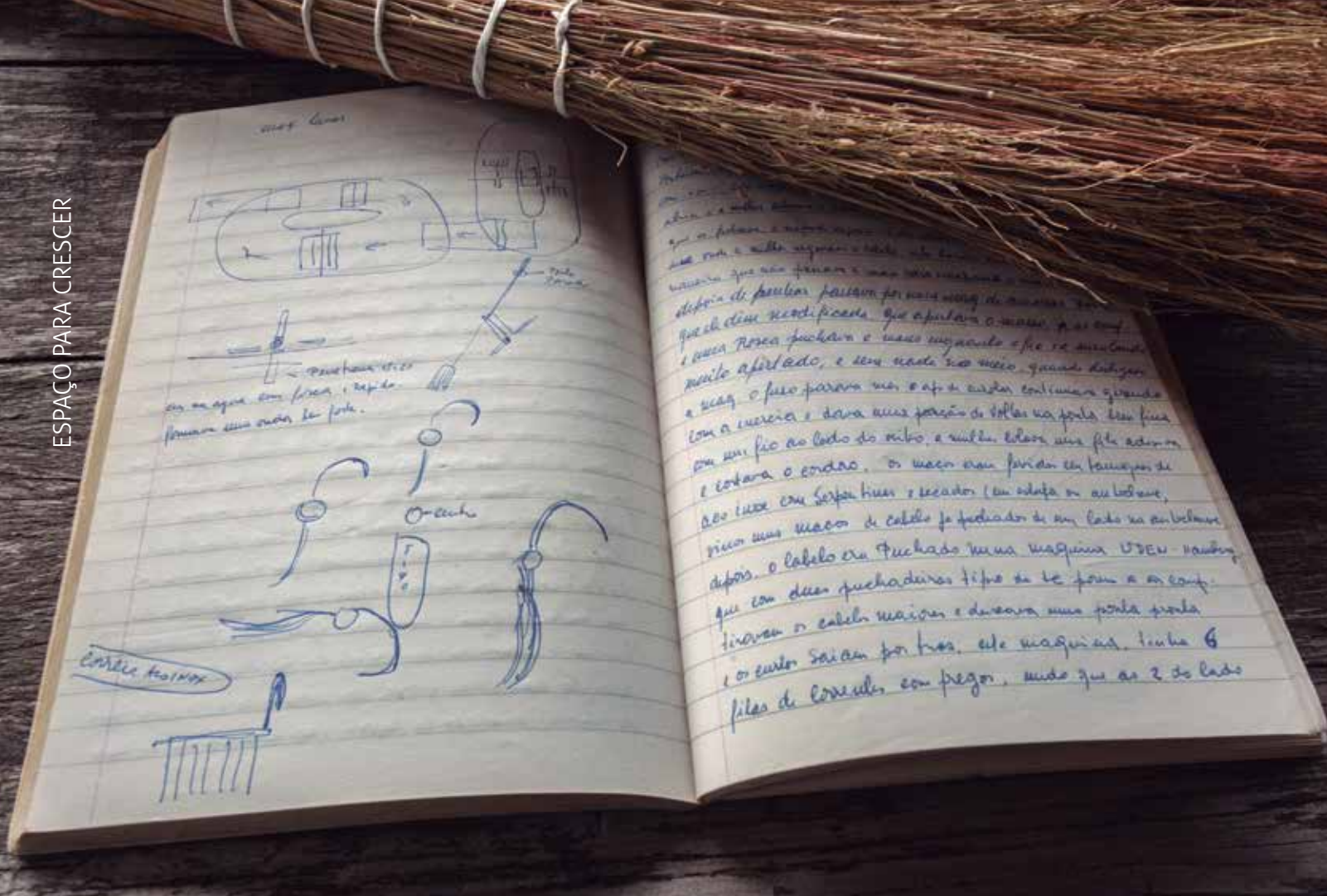
Com o fim da viagem, os irmãos colocaram em prática um dos principais aprendizados obtidos no exterior: para ser especialista em um determinado segmento, é preciso estar focado e compreender as particularidades do mercado consumidor, do processo industrial e de vendas. À época, a Bettanin dividia a sua produção em três setores principais: vassouras, escovas e pincéis. Os dois primeiros itens



Em 14 de julho de 1962, nasceu Flávia, filha única de Nilo e Vireny. Ao longo da infância e da juventude, ela revelou um talento especial para o desenho e a pintura, assim como a mãe



A primeira máquina importada foi produzida pela fábrica inglesa *Evans*. Sua tecnologia inspirou, inclusive, a modernização de outros equipamentos



Um marco na trajetória da Bettanin, a viagem realizada pelos irmãos Cezar Antonio e Dante, em 1964, consolidou a postura de buscar novidades mundo afora para aplicar nas empresas. Daquela aventura, criou-se uma prática: Dante guarda entre os seus registros os cadernos com as anotações dos conhecimentos adquiridos na Europa e nos Estados Unidos

tinham muitas semelhanças, mas o terceiro se encaixava em contexto distinto de fabricação e vendas.

Cientes dessas características e inspirados pelo modelo estrangeiro, decidiram investir na segmentação. E foi assim que surgiu a Pincéis Atlas S.A., no ano de 1966, destinada à fabricação de pincéis, rolos e demais acessórios para pintura. A direção da nova unidade foi confiada a antigos funcionários, que receberam uma participação no capital da empresa.

Ocorreu, também, uma separação física: enquanto a Bettanin permaneceu no novo pavilhão, a Atlas instalou-se, inicialmente, nos antigos prédios da Avenida Getúlio Vargas, no centro do município, ao lado da padaria Estrela do Sul. Foi nesse endereço que, em 1968, uma jovem com 17 anos começou sua trajetória de quase cinco décadas na empresa: Maria Otacília Dias, atualmente aposentada, era uma das seis profissionais da área Administrativa, que atuavam em



Como responsável pela Matrizaria, Willy Hanisch, que ainda segue em atividade, desempenha um papel fundamental na confecção de moldes para novos produtos. Nesta foto, ele está ao lado de uma das suas equipes de trabalho

conjunto com outros 20 funcionários na Produção. Responsável pela Contabilidade, recorda de acompanhar o processo manual de trabalho e o beneficiamento da matéria-prima, totalmente realizado no local. Algum tempo depois, a empresa foi transferida para um pavilhão de 2.500m² em um terreno na Rua Maurício Cardoso, 528, nas proximidades, instalando ali sua fábrica e escritório.

Um dos itens produzidos pela Atlas era uma bandeja de pintura feita de folha de flandres, um tipo de lâmina metálica revestida com estanho. Até que surgiram no mercado as primeiras peças de polietileno, material plástico até então pouco utilizado. Nos anos 1960, a indústria do ramo era incipiente e o consumo de plástico no Brasil somava, em média, 2kg por pessoa, anualmente.

A circulação deste novo insumo foi recebida com entusiasmo pelos irmãos Bettanin, apesar da existência de



Segunda empresa a ser criada, em 1966, a Atlas dedicou-se ao segmento de produtos para pintura e acabamento, como rolos, pincéis e bandejas



O polipropileno revolucionou o processo fabril, sendo adotado pela empresa com pioneirismo no estado



Para desenvolver a produção e a comercialização de utensílios plásticos, foi fundada a Sanremo, em 1969

apenas um fornecedor no país, de quem a empresa conseguia adquirir uma cota limitada. Mesmo assim, motivou a compra de uma máquina específica, adquirida por Cezar em São Paulo, para a fabricação de bandejas de pintura de polietileno. Logo que o equipamento chegou, foram desenvolvidas matrizes de utensílios domésticos, diversificando a capacidade produtiva.

Outro insumo bastante utilizado à época era o náilon. O principal fornecedor era a empresa Rhodia, de São Paulo, que aplicava esse polímero na fabricação de meias e gerava uma grande quantidade de sobras, adquiridas pela Bettanin. A montagem de uma máquina extrusora permitiu a produção de fios para escovas e vassouras a partir desse material.

Pouco tempo depois, Nilo alertou sobre o lançamento de uma nova matéria plástica, chamada polipropileno. Em uma atitude pioneira no Rio Grande do Sul, o polímero foi adotado não apenas nas bandejas de pintura, mas também para a produção de bacias, baldes e cestas para frutas.

No entanto, estes últimos três itens enfrentavam dificuldades de vendas, pois eram comercializados juntamente com as mercadorias da Bettanin. Diante do potencial de crescimento do segmento e da necessidade de especialização surgiu uma terceira empresa: a Plásticos Sanremo S.A., em 1969, voltada à produção de utilidades domésticas. Além da estrutura física e da equipe Administrativa e de Vendas, foi necessário investir na fabricação de maquinário, principalmente injetoras. Os conhecimentos adquiridos nas viagens foram colocados em prática nas oficinas mecânicas, oferecendo um diferencial competitivo para que a empresa pudesse escalar a sua produção.

Diversão em família

O grupo de irmãos e primos, filhos de Nilo, Cezar e Dante, encontrou nas instalações das empresas um espaço privilegiado para brincadeiras e descobertas. A Sanremo, que chegou a produzir brinquedos, tinha uma enorme piscina de bolas plásticas de futebol, na qual os meninos se lançavam corajosamente de um andar para o outro. Para Flávia e Rosane, as bonecas fabricadas ali eram a atração favorita. Partidas de futebol no pátio e brincadeiras nos mais diversos setores, como Almoxarifado, Expedição e Mecânica, quando as

máquinas estavam paradas, transformavam as indústrias em um parque de diversões.

A essa altura, Hilário e Maria já haviam se mudado para Esteio, para o mesmo prédio de Dante: eles moravam no andar de cima e o filho, a esposa e os netos na parte de baixo. Apesar da perda da visão, que afetou sua mobilidade, Hilário estava sempre de prontidão: logo no início da manhã, arrumava-se para qualquer compromisso que pudesse surgir, sem abandonar o senso de dever e de trabalho. Sentava-se no sofá para desfrutar da companhia dos netos e, com seriedade, auxiliava na sua educação. Um de seus exemplos mais marcantes era o de fazer as refeições sem provocar barulho com os talheres no prato, indicando aos pequenos que eles também conseguiriam se comportar assim.

Maria se esmerava na produção de massas e pães caseiros, além de outros pratos da culinária italiana que eram muito apreciados pela família. Dedicava-se, ainda, a cultivar uma horta. Adorava semear legumes e verduras e apresentar, a quem fosse visitá-la, os frutos da terra e do seu trabalho. O pátio grande acomodava uma piscina, que tinha um diferencial: quando a fábrica estava instalada no Centro do município, podia ser abastecida com água aquecida em uma caldeira, que era transportada por uma mangueira até a casa da família.

Após alguns anos morando no município, a família de Cezar e Leci retornou a Porto Alegre, acompanhada tempos depois pela família de Dante e Adélia. Mas as visitas à empresa não cessaram: as crianças e alguns amigos, com pouco mais de dez anos, embarcavam em um ônibus na Avenida Farrapos e percorriam o trajeto em ruidosa animação, ao longo de quase uma hora de viagem. Até mesmo o projeto de um *kart* mobilizou a turma, que construiu o pequeno carro de corrida e aproveitou o reduzido movimento na BR-116 para estreiar o equipamento.

A maioria desses passeios ocorria aos sábados, quando pais e filhos permaneciam no local de trabalho após o expediente, ou aos domingos, em um encontro na fábrica depois de um almoço pela região. Educados pelo exemplo, os jovens cresceram junto com as empresas – e, a partir dos 14 anos, quase todos tiveram a carteira de trabalho assinada para trabalhar meio turno em diferentes setores.



Conselheiro e sócio dos filhos nos negócios, Hilário também contribuiu com a educação dos netos, compartilhando valores, exemplos e ensinamentos para a vida



As receitas da culinária italiana preparadas por Maria eram as favoritas da família. Alguns temperos eram colhidos na horta que ela cultivava no pátio de casa



Com atuação relevante na sociedade farroupilhense, Laura e o marido, Giacomo, contribuíam com atividades filantrópicas e de desenvolvimento da região. Ela era professora de piano e ele, empresário do setor calçadista

Quem também se fazia presente, sempre que possível, era a família de Laura. A distância entre Farroupilha e Esteio não era obstáculo para um convívio próximo e afetuosos. A irmã era uma admiradora dos “guris”, como chamava Nilo, Cezar e Dante, e afirmava que eles tinham talento e inteligência acima da média.

Na cidade da serra gaúcha, ela e o marido eram reconhecidos e atuantes em eventos políticos e sociais. Giacomo foi um dos sócios-fundadores do *Rotary Club* do município e presidente da instituição em mais de uma gestão. A esposa era sua parceira na organização de eventos e de atividades de filantropia, com uma expressiva participação no voluntariado. Certa vez, conseguiu transformar uma situação triste em esperança: em um acidente, dois funcionários que carregavam toras de madeira em um caminhão faleceram. Por tal motivo, ninguém queria comprar aquele material. Laura organizou para que ele tivesse um fim nobre, ao ser doado para uma família que havia perdido a casa em um incêndio.

Uma das passagens mais significativas na memória familiar foi a recepção ao então presidente da República, João Goulart (1961-1964), em um coquetel na residência do casal. O propósito era celebrar a inauguração da primeira

Os irmãos decidiram separar as atividades: em Porto Alegre, permaneceu o atacado de louças, enquanto a fábrica foi transferida para o centro de Esteio. Cezar Antonio ficou responsável pelo comércio; Nilo e Dante se dedicaram à indústria.

Nascimento de Dante Alberto, filho de Dante e Adélia, em 27 de fevereiro.

Nascimento de Fernando, filho de Dante e Adélia, em 20 de outubro.

1953

1957

1961

1956

1959

1962

Casamento de Dante com Adélia Martins da Rosa, em 11 de fevereiro.

Nascimento de César Luiz, filho de Cezar Antonio e Leci, em 23 de abril.

Nascimento de Eduardo, filho de Cezar Antonio e Leci, em 25 de agosto.

Nascimento de Flavia, filha de Nilo e Vireny, em 14 de julho.

agência do Banco do Brasil de Farroupilha, incentivada por Giacomo por acreditar que traria importantes benefícios ao município e à região.

Após superar a resistência inicial do marido para que ela exercesse atividades profissionais, Laura atuou em sua área de formação, foi professora de piano e montou o primeiro departamento de Música da Escola Normal mais antiga de Farroupilha. Ela tocava órgão na igreja, acompanhando os ensaios do coral ou em missas solenes e casamentos, o que fazia por cortesia.

Em sua atividade como empresário do setor calçadista, Giacomo trabalhou intensamente para desenvolver um solado de sapato flexível e durável, chamado de neolite, que foi o primeiro solado pré-moldado do segmento. Faleceu precocemente em 1969, aos 51 anos, em decorrência de uma pancreatite e das complicações de um infarto. Recebeu uma homenagem pela sua contribuição ao município, dando nome a uma das ruas de Farroupilha. Laura seguiu trabalhando na companhia de sapatos, também pertencente ao cunhado, até a empresa ser vendida. Dedicou-se a oferecer a melhor educação aos filhos, perpetuando o mesmo apreço pelos estudos que herdou de seus pais.



Meses depois da festa de 15 anos da filha Maria Helena, Giacomo faleceu, aos 51 anos. Concentraram-se em Laura os cuidados com os filhos

Nascimento de André, filho de Dante e Adélia, em 21 de abril.

Instalação do novo pavilhão industrial, com uma área total de 1600m².

Viagem de 75 dias pela Europa e pelos Estados Unidos, na qual Cezar Antonio e Dante adquiriram importantes conhecimentos.

1964

1966

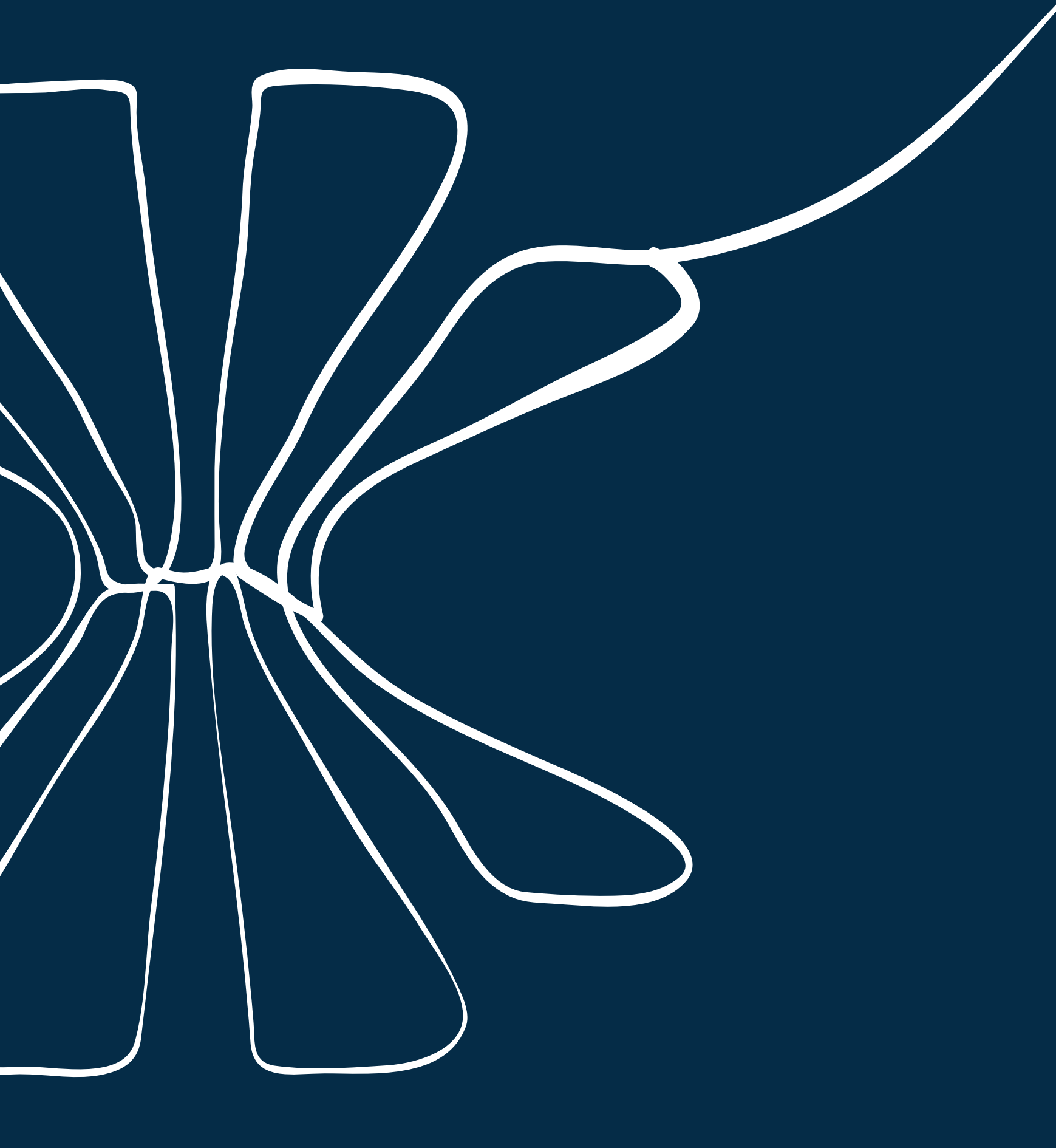
Nascimento de Rosane, filha de Cezar Antonio e Lecy, em 04 de maio.

Fundação da Atlas, empresa destinada à fabricação de produtos para pintura e acabamento, como rolos, pincéis e bandejas.

1969

Com o desenvolvimento do polipropileno como matéria-prima, foi criada a Sanremo, voltada à produção de utensílios plásticos de uso doméstico.

Construção do futuro



Com a aquisição de novos lotes do outro lado da BR-116, o prédio no qual estava instalada a Bettanin passou a abrigar as instalações da Atlas

O município de Esteio se revelou o local ideal para acolher a expansão da estrutura física das empresas. Com a instalação da Sanremo em um pavilhão ao lado da Bettanin e a necessidade de ampliação do espaço físico da Atlas, um novo movimento se iniciou, a partir da compra de terrenos do outro lado da BR-116, na mesma altura do km 258, mas no sentido Novo Hamburgo - Porto Alegre. Foram adquiridos dois lotes, em um total de 120m de frente por 540m de fundos, perfazendo uma área de 64.800m².

Para circular pelo local, era necessário calçar botas, já que se tratava de um local repleto de barro. Não era incomum encontrar perdizes pelo caminho. Quando o negócio foi concretizado, em 1972, os três irmãos mediram, a passo, a distância entre a rodovia e o final da propriedade, onde fincaram uma bandeira.

“Voltamos na estrada e olhamos para lá. Vimos aquela bandeira ao longe, tão pequenininha. Ficamos impressionados! Pensamos que nunca mais precisaríamos comprar terras”, conta Dante, acrescentando que, hoje, já são quase 1.000m da frente ao fundo.



Apaixonado pela área da construção civil, Cezar acompanhou e orientou o andamento das obras, que se iniciaram com um longo processo de aterro. Ele deixou registrado, em seus relatos escritos, o tamanho das novas instalações industriais. Nos anos seguintes, um pavilhão de 2.700m² passou a abrigar a Sanremo, a primeira a ser transferida para a localização atual. Depois, foi a vez da Bettanin, em uma área construída de 8.600m². A Atlas ocupou a estrutura do outro lado da rodovia, que abrigava as outras fábricas até então, ampliando o galpão para 5.000m², o dobro do tamanho anterior. Apenas o curtiúme foi montado nos lotes recém-adquiridos.

Mas havia outra questão que preocupava os irmãos naquele período: a expansão da produção esbarrava nas dificuldades em se obter maquinário de origem internacional, pelos altíssimos custos ou pela proibição de aquisição de bens do exterior. O mercado nacional era restrito e não possuía oferta suficiente de equipamentos, em um cenário de fornecedores incapazes de atender à demanda existente e de acompanhar o desenvolvimento tecnológico.

Como uma alternativa para solucionar esse problema, foi criada a Primafer Máquinas S.A., em 1973, com o objetivo de produzir maquinário próprio para utilização nas atividades industriais. Inicialmente, a fábrica seria instalada no Nordeste, devido ao incentivo fiscal concedido pelo governo. Um terreno chegou a ser adquirido em Pernambuco, na cidade de Paulista, para tal fim. Naquele momento, o projeto não se confirmou – mas o futuro mostraria uma nova chance.

A unidade teve o seu propósito revisto: localizada ao lado das empresas Bettanin e Sanremo, em um pavilhão com 5.000m², passou a se chamar Primafer Industrial S.A. e a trabalhar com produtos de consumo. Os primeiros itens foram espetos de aço inox ou arame galvanizado e porta-cuias, pratos e copos. Apesar da mudança de planos, a vocação para fabricação de equipamentos foi mantida e constantemente aprimorada.

Outra empresa fundada para atender às demandas de fornecimento foi a Florestal Vale Verde S.A., em 1974. Com o intuito de atender as exigências legais na área ambiental, a unidade era voltada ao reflorestamento, devido ao expressivo uso de madeira na produção de cabos de vassouras, escovas e pincéis. Para isso, foi adquirida uma área de 700



Após o aterramento, foram erguidos os primeiros pavilhões. O tempo mostraria que, no futuro, o espaço que parecia imenso se tornaria pequeno para tantas expansões



As constantes inovações tecnológicas agregaram agilidade às etapas manuais de trabalho



Vista da BR-116, no sentido Interior-Capital. À esquerda, o acesso direto do pórtico de Esteio à estrada. Do lado direito, as obras para a construção da Avenida Independência, em frente ao Parque de Exposições Assis Brasil

hectares no município de Arroio dos Ratos, na qual foram plantados pinus e eucaliptos. Com as mudanças nos insumos utilizados, a empresa foi renomeada como Vale Verde Empreendimentos S.A., agrupando as lojas interna e de fábrica, e a aquisição e administração de terrenos do então chamado Grupo Bettanin.

As novas instalações industriais integraram-se a um contexto de desenvolvimento da região. Em 1970, o Parque de Esteio, situado a menos de 1km das empresas, tornou-se a sede oficial da Expointer – à época, ainda chamada de Exposição Estadual de Animais, que estava em sua 33ª edição. O nome atual do evento seria adotado somente a partir de 1972, fortalecendo a sua identidade como um dos maiores do mundo em seu segmento. Cinco anos depois, o local seria renomeado como Parque Estadual de Exposições Assis Brasil. Outros empreendimentos se estabeleceram no entorno, como o tradicional “posto do cafezinho”: o posto de combustíveis em cuja lancheria os três irmãos costumavam se reunir para saborear um café e conversar sobre a administração dos negócios e os planos para o futuro.

Partidas e chegadas

O ano de 1977 registrou entre os episódios tristes o falecimento de Hilário, aos 77 anos. O patriarca certamente partiu orgulhoso da família que construiu e a quem inspirou com sua atitude empreendedora, refletindo-se nas inúmeras realizações de seus filhos. Após ficar viúva, Maria foi morar com Nilo, Vireny e a neta Flávia, que logo voltaram a residir em Porto Alegre, onde os outros familiares já haviam se estabelecido.

No entanto, o final dos anos 1970 trouxe também renovação. Pouco a pouco, os integrantes da segunda geração ingressaram nas empresas, assumindo responsabilidades e novos desafios. Todos já haviam passado por breves experiências no Grupo durante a adolescência, principalmente no período de férias escolares. Quando completavam 14 anos, tinham as carteiras de trabalho assinadas e eram encaminhados para conhecer alguns setores, aprender sobre o dia a dia e auxiliar em diversas atividades.

César Luiz foi um dos primeiros: aos 20 anos, começou como vendedor de tornos na Primafer e, logo depois, trabalhou como auditor interno na Bettanin. Encontrou seu espaço de grande êxito profissional em meados da década de 1980, quando ingressou na Atlas como diretor Comercial, conduzindo a empresa em uma trajetória ascendente, que o levou à Superintendência. Foi um período de intenso convívio e aprendizado com o pai, Cezar Antonio, que era diretor Industrial da unidade naqueles anos.

“Por muitos anos, a minha luta foi vender a empresa antes do produto e mostrar que ela tinha viabilidade. Eu era jovem, não tinha experiência, mas com muita força de vontade, coloquei a questão como um desafio”, relembra César Luiz.

Os obstáculos que se apresentaram pelo caminho foram superados pelo aperfeiçoamento constante e pela visão de mercado. O investimento em estratégias de Marketing, a adoção de novas tecnologias e o foco em crescimento nos diferentes períodos econômicos foram algumas das diretrizes capitaneadas por César Luiz, que resultaram na conquista de uma posição de liderança da Atlas ao longo dos anos.

Com idade próxima a do primo, Dante Alberto iniciou sua atividade profissional como auxiliar de Compras na Bettanin, tornando-se supervisor de Almoxarifado Técnico e, mais tarde, gerente de Manutenção. Assumiu a diretoria Técnica e, a seguir,



César Luiz foi um dos primeiros integrantes da segunda geração da família a atuar nas fábricas, trilhando uma carreira exitosa na Atlas



Enquanto esteve à frente da Bettamaq, Dante Alberto desenvolveu maquinário específico para atender às demandas de cada unidade



Depois de uma breve passagem pela Primafer, Eduardo desenvolveu a maior parte de sua trajetória na Sanremo

o desafio de desenvolver a Bettamaq, criada em 1984 com o propósito de fornecer equipamentos para todo o Grupo. A unidade chegou a contar com quase 140 mecânicos, existindo até o início da década de 1990, quando Dante Alberto prosseguiu na diretoria Técnica até que novos desafios se apresentaram. O pai, Dante, atuou como seu grande orientador na área, compartilhando os conhecimentos e a experiência adquiridos.

Eduardo teve sua primeira experiência profissional na Primafer. Em conjunto com o engenheiro da época, Gastão Peruzzo, elaborou um projeto de placas de energia solar para aquecimento de água, instaladas em quase 40 obras, ao longo de mais de cinco anos. Após uma breve temporada de estudos nos Estados Unidos, ele retornou para trabalhar na ferramentaria da Sanremo, sob a orientação do “professor Willy”, cuja experiência e conhecimento contribuíram também com a Bettanin e com a Atlas.

Logo o seu interesse se ampliou para outras áreas, como a organização de estoque e a compra de materiais, o que o levou a ser gerente de Compras. Algum tempo depois, ficou responsável pela Produção, tornando-se diretor Industrial, até assumir a Superintendência da unidade, antes de se desenvolver em outras oportunidades nas décadas seguintes.

Foi na Florestal Vale Verde que Fernando galgou os primeiros degraus de sua história profissional. Ingressou como

office boy e assumiu a gerência de Produção, coordenando o fornecimento de madeiras para a Bettanin. Algum tempo depois, passou à gerência da Primafer, onde atuou por quase 40 anos, conduzindo-a rumo à posição de destaque que obteve como líder de mercado na fabricação de cabides.

André, o mais jovem entre os homens da segunda geração, ingressou em meados dos anos 1980, após a conclusão da graduação. Antes, havia feito estágios nas empresas, assim como os irmãos e primos. Iniciou no desenvolvimento de processo das esponjas Esfrebom, construindo uma destacada trajetória na Bettanin que incluiu a gestão de Produção, a gestão Industrial e, anos depois, a Superintendência. Foi um dos principais promotores da qualificação das equipes e de metodologias de trabalho que contribuíram para o bom desempenho da empresa.

Naquele mesmo período, diversos profissionais ainda em atividade trilharam os primeiros passos na organização. Ocorreram investimentos importantes em gestão e processos, de modo a aprimorar as unidades, que atuavam com grande autonomia entre si. É dessa época a fundação da Bettapar, em 1982, para administrar os departamentos de Tecnologia de Informação, Jurídico e Auditoria Interna das empresas.

Montou-se uma estrutura de comunicação pautada em informativos internos mensais, que reuniam as principais informações de interesse das diferentes empresas para serem compartilhadas entre as equipes. Alguns deles eram exclusivamente voltados aos profissionais de vendas. Ao Bettanews, pioneiro produzido pela Bettanin, somaram-se o Andorinha, o Retoque, a Varredura, o Pendura, o Reminho e o Dinforme. Editadas por uma equipe especializada e, muitas vezes, contemplando charges de ilustradores de renome e fotografias, as publicações mobilizavam a participação dos funcionários, com uma linguagem clara, atrativa e descontraída.

Nesse contexto de maior profissionalização, o atual vice-presidente de Operações, Sérgio Dias, foi contratado em 1985 como gerente Industrial da Sanremo. Sua tarefa inicial era investir na capacitação dos funcionários, com aulas sobre técnicas de transformação de plásticos, hidráulica, eletricidade e moldes. Ele estruturou o funcionamento da fábrica em três turnos e criou equipes de manutenção preventiva, o que



O trabalho desenvolvido por Fernando na Primafer conduziu a empresa à liderança nacional na fabricação de cabides injetados



André teve importante atuação na qualificação das equipes e na melhoria dos processos industriais da Bettanin, chegando à Superintendência



Os informativos Bettanews, Reminho e Andorinha são alguns exemplos do histórico de Comunicação Interna dirigida às equipes da Bettanin, Sanremo e Atlas, respectivamente. As publicações tratavam de temas como boas práticas, novidades, crescimento de produção e de vendas, e ainda celebravam aniversários dos profissionais, casamentos e o nascimentos de seus filhos

resultou na redução de custos e no aumento da produção.

Naquela época, o elo com o Pólo Petroquímico de Triunfo (RS) como fornecedor de matéria-prima se tornava cada vez mais forte. Com suas atividades iniciadas em 1982, abastecia a Sanremo e, pouco a pouco, as demais unidades, que incorporavam os polímeros entre os seus insumos.

No entorno do parque industrial ocorreu outra importante mudança, com o início das operações da Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A., a Trensurb, entre os municípios de Porto Alegre e Sapucaia do Sul, cruzando as cidades de Canoas e de Esteio. O novo sistema de transporte utilizou a mesma área de domínio e parte da estrutura da antiga linha férrea, que havia sido desativada na década de 1970 e cumpriu um papel fundamental para o desenvolvimento da cidade. A chegada da Trensurb representou uma maneira mais rápida e fácil de locomoção para a empresa, além de estimular o crescimento econômico e social nas proximidades.

Foi também neste ano que João Paulo Dall'Agnol assumiu como encarregado de Contabilidade da Sanremo (hoje ele é diretor Administrativo Corporativo). Em 1986, acompanhou a aquisição dos primeiros microcomputadores para automatização das rotinas contábeis. O Grupo Bettanin comprou o terceiro computador do Rio Grande do Sul, da marca *Burroughs*, em uma ini-



ciativa incentivada pela visão e interesse de Cezar Antonio pelas inovações tecnológicas. Com a evolução para um equipamento da marca *Philips*, houve um encantamento com as possibilidades de uso da ferramenta, substituindo as anotações manuscritas ou datilografadas que consumiam longas jornadas de trabalho.

Os avanços chegaram a áreas como o Administrativo de Vendas, na qual a hoje coordenadora Ana Borgo, da Bettanin, acompanhou as mudanças. O advento da tecnologia transformou o modo de registrar e encaminhar pedidos, antes feitos por telefone e entregues em blocos de papel pelos representantes. Ao longo dos anos, sistemas eletrônicos foram implementados, com melhorias gradativas que continuaram a contribuir para o desenvolvimento das empresas.

Em mais um movimento do ciclo de chegadas e partidas, a matriarca Maria faleceu em 1985. Nos filhos e nos núcleos familiares formados por eles, viu se perpetuarem os ensinamentos e valores transmitidos por ela e pelo marido.

Na parte de baixo da imagem, o prédio destinado à Atlas por décadas. Do outro lado da rodovia, o parque fabril onde foram erguidas as novas edificações para abrigar, inicialmente, Bettanin, Sanremo e Primafer



Momento de celebração na cerimônia de entrega do Prêmio Exportação de 1986, concedido pela ADVB-RS



O método *Kanban* foi um dos programas de melhoria da qualidade implantados que aprimorou as rotinas e processos dos profissionais

Em constante intercâmbio

Diante das inovações que se apresentavam e do impulso de crescimento, a Bettanin decidiu expandir o alcance de seus produtos para além das fronteiras brasileiras pela primeira vez no ano de 1986, quando realizou uma remessa de escovas de sapato para a Austrália, dividindo o contêiner com outra empresa. Tal pioneirismo foi reconhecido no Prêmio Exportação daquele ano, concedido pela Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil (ADVB-RS). Posteriormente, a exportação para os Estados Unidos exigiu a reorganização das embalagens de vassouras e da forma de envio dos cabos, inaugurando um modelo reproduzido por outras instituições nacionais e uma circulação de produtos que já chegou a mais de 50 países.

As influências externas positivas sempre foram bem aproveitadas pelas empresas, como os programas de qualidade total, popularizados naquele período. Os métodos adotados pelo Japão, considerado referência na área, inspiraram organizações mundo afora, entre elas, o Grupo Bettanin. Viagens de aprendizado resultaram em uma produção mais enxuta, eficaz, com redução de estoques e uso adequado do capital. A Sanremo foi pioneira na implantação dos programas de qualidade, em uma parceria entre Sérgio e Eduardo, multiplicando a sua *expertise* para as demais unidades com o



passar do tempo. Mobilizou-se também para a participação em iniciativas externas, como o Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade, com uma postura que continua a ser estimulada e aprimorada.

Outra experiência transformadora foi a da Atlas, por meio do método *Kanban*, voltado ao aperfeiçoamento da gestão de processos, já no limiar da década seguinte. Seu grande realizador foi Cezar Antonio, conforme acompanhou o engenheiro Mecânico Gilberto Martins de Vargas, funcionário da empresa desde 1980 e, atualmente, aposentado. Ele avalia que a empresa teve a maior escala de suas atividades coordenadas pela metodologia, que se vale de cartões para indicar o fluxo de produção, instaurando procedimentos ainda em uso.

Enquanto o mundo apresentava novas formas de organizar o trabalho na fábrica, o cenário econômico nacional exigia muita habilidade na gestão financeira. Celio Centeno, gerente Geral de Vendas da Bettanin e funcionário desde 1984, recorda do contexto especialmente difícil para a área Comercial nos anos 1980. Nomeada por muitos como a “década perdida” na economia brasileira, foi um período marcado por diferentes planos econômicos e consequências como hiperinflação, congelamento de preços, aumento de impostos e escassez de produtos e matérias-primas. Entre o Plano Cruzado, lançado em fevereiro de 1986, e o Plano Real, que estabilizou a moeda somente na década seguinte, foram mais cinco tentativas de conter a desvalorização monetária, sem sucesso. Para as empresas, constituiu-se em uma prova de fogo da sua capacidade de gestão financeira e em um arcabouço de conhecimentos para superar outras crises econômicas que viriam a acontecer.

Na época de hiperinflação, por exemplo, a tabela de preços era trocada mensalmente, mas a cada dia havia um valor de desconto, que reduzia conforme a proximidade do dia 30. Isso porque os custos com matéria-prima, energia elétrica e combustível, entre outros, subiam a cada dois dias, tornando uma redução no preço do produto inviável. Os salários, que se desvalorizavam rapidamente, eram indexados pela inflação e aumentavam mês a mês, mas sem ampliar o poder de compra.

Vender a prazo era um risco, pois não se sabia qual seria o cenário em 30 ou 60 dias. Já o tabelamento de preços trouxe



Telmo Dutra, diretor Comercial da Bettanin, estava sempre atento às novidades do mercado e buscava constantes referências no exterior

outras dificuldades: sem poder reajustar o valor para o consumidor, como manter a qualidade do produto e absorver o impacto dos custos constantemente ampliados?

Um dos responsáveis por desenvolver soluções inovadoras em tempos de dificuldades foi o diretor Comercial da Bettanin, Telmo Dutra. Sua postura entusiasmada e criativa motivava as equipes, e ele dedicava uma atenção especial aos produtos: utilização de cores, design arrojado e até mesmo nomes para cada um dos itens, antes vendidos por códigos, foram algumas das suas realizações mais marcantes.

Telmo apostava, ainda, na tecnologia: em meados da década de 1990, implantou a gestão de vendas pelo sistema Bet@net, acessado pela equipe externa via notebooks. A atitude pioneira impulsionou o crescimento graças à agilidade e à qualidade dos serviços. Foi Telmo quem implantou o uso de material de exposição no ponto de venda, estratégia multiplicada até hoje.

Enquanto essas novidades eram postas em prática, os consumidores adquiriram outros comportamentos. A desvalorização diária da moeda instaurou em muitas famílias o hábito do rancho mensal, para abastecer a despensa logo no início do mês. Diante da necessidade de armazenar perecíveis no *freezer*, a Sanremo lançou a icônica linha de produtos *Vac Freezer*, considerados aliados em busca de economia, para acomodar congelados. O garoto-propaganda de um comercial produzido para as Lojas Americanas e veiculado em rede nacional foi o próprio Eduardo, anunciando a venda de um milhão de potes a preços muito acessíveis. Poucos anos depois, o surgimento do forno de micro-ondas representou mais avanços, mobilizando a empresa a realizar cursos e engajar as donas de casa nas novas possibilidades relacionadas à conservação e ao preparo de alimentos.

Uma outra mercadoria, menos conhecida e mais inusitada, movimentou a unidade a partir daquela década: a produção de um sistema de bilhetagem para transporte público. A partir de uma demanda da Associação dos Transportadores de Passageiros de Porto Alegre, a empresa desenvolveu uma espécie de moeda, com uma estampa elaborada e uma carga magnética que tornava possível verificar se a ficha era verdadeira.

Apesar de ser uma solicitação distinta do escopo, o desafio foi aceito e plenamente atendido por quase uma década,



A linha Vac Freezer estimulou o crescimento da Sanremo no mercado nacional e internacional

estendendo o fornecimento a outras cidades, inclusive de fora do Rio Grande do Sul. As medidas de segurança necessárias alteraram o ambiente fabril: as máquinas injetoras dedicadas a esse produto foram instaladas dentro de uma área cercada, na qual entravam apenas os funcionários responsáveis pela operação e um segurança fornecido pelo cliente. Para o transporte, era utilizado um carro-forte, pois o número de fichas distribuídas chegava a 10 milhões de unidades, representando uma expressiva quantia de dinheiro, que mobilizou a criatividade e a organização da Sanremo.

Um legado inspirador

Naqueles tempos em que a criatividade era fator fundamental para a sobrevivência dos negócios, Nilo Bettanin destacava-se por essa característica e por compartilhar disposição



A empresa organizava cursos, em parceria com as lojas, com orientações sobre como congelar e preparar alimentos no micro-ondas



Os 40 anos da Bettanin, empresa pioneira, foram saudados em um evento com a presença de familiares e profissionais



Lecy, Vireny, Laura e Adélia, esposas e irmã dos empresários, acompanharam e participaram da trajetória de desafios e celebrações



Os irmãos cortaram o bolo em comemoração às quatro décadas da indústria desenvolvida por eles, que alçava conquistas cada vez mais importantes

e bom humor, inspirando a todos que conviviam com ele. Seu falecimento em 5 de setembro de 1988 deixou excelentes recordações e uma bela história de vida e empreendedorismo.

A imaginação prodigiosa era garantia de alegria nas brincadeiras em família: reunia as crianças e inventava narrativas de aventura, que deixavam a todos hipnotizados pela riqueza de detalhes. Dava nomes a personagens como Fifi, Lalá e Janjão, que pareciam ter saído de uma obra de literatura infantil. Certa vez, caprichou em uma história de uma fogueira para a qual André, o mais novo dos meninos, seria levado. Sua descrição foi tão real que os pequenos saíram em busca de auxílio para se esconder, com lágrimas saltando dos olhos. Hoje, a recordação provoca sorrisos e saudade.

Com a turma um pouco mais crescida, ele costumava propor situações desafiadoras, que trouxessem lições sobre ética e atitudes corretas para a nova geração. Nas férias de verão, em Tramandaí (RS), por vezes oferecia uma pequena quantia em dinheiro aos garotos que vendiam puxa-puxa para que “puxassem briga” com a garotada da família, a fim de ver como eles reagiriam. Mas nunca houve registro de um conflito: o que ficou foram os ensinamentos sobre a importância do bom convívio e o respeito pelas pessoas.

Visionário obstinado, Nilo tinha o sonho de juventude de fabricar aviões. Em terra firme, eram a sua constante busca por inovações e o seu senso de oportunidade que voavam. Atrás do volante, porém, era bem conservador: mesmo com um automóvel com excelente motor, não ultrapassava os 60km/h nas estradas, para desespero dos sobrinhos a quem oferecia carona, que queriam vê-lo acelerar. Bem-humorado, perguntava a eles quem era o Rei das Estradas Gaúchas, sem esperar outra resposta que não fosse o seu nome, confirmado por todos no veículo.

Queria que todos os jovens da família trabalhassem e exigia responsabilidade e comprometimento, na mesma medida em que incentivava e apoiava os projetos apresentados por eles. Continuava, claro, a ser generoso e companheiro: costumava ter um pulôver no porta-malas do carro, para emprestar a um dos jovens quando fazia frio. Eles já sabiam disso e costumavam recorrer ao tio, assim como o fizeram quando danificaram um automóvel após uma colisão de trânsito: procuraram os conselhos de Nilo sobre como agir (e, talvez, de como



Lembrado com saudade e carinho pelos sobrinhos, Nilo incentivava a criatividade nos pequenos e aproveitava cada oportunidade para ensinar valores e lições às crianças



Bom conselheiro, ele era acolhedor e estava sempre pronto para ouvir e recomendar caminhos e alternativas



O perfil criativo de Nilo se refletia no incentivo às artes, paixões da esposa, Vireny, e da filha, Flávia

escapar de um eventual “puxão de orelhas” dos pais).

Apreciador do belo, se encantava com a criação artística da esposa Vireny, que produziu lindos quadros incentivada pelo marido, entre eles a já referida pintura com a fachada da casa na qual a Bettanin iniciou suas atividades. Era grande admirador da filha Flávia, tão habilidosa quanto a mãe para as artes plásticas: um de seus trabalhos mais lembrados é um desenho da família na casa de praia. Foi em homenagem a uma obra dela que Nilo sugeriu o nome do primeiro restaurante das empresas, localizado inicialmente nas antigas instalações do centro de Esteio, onde os diretores almoçavam: Relincho. A imagem de um cavalo correndo na água ficou exposta no local, embelezando o ambiente.

Ele próprio circulava pelo universo das artes, como a poesia, expressando sua visão do cotidiano por meio de versos repletos de criatividade. E unia essa predileção ao trabalho: no domingo à tardinha, costumava sentar-se à uma mesa redonda, no canto da sala da casa da família, para anotar



O nome Relincho, em alusão a uma pintura feita por Flávia, foi utilizado por anos nos restaurantes da empresa

as tarefas da semana, ler e desenhar produtos. Foi naquele espaço que se aprimoraram ideias sobre os itens que poderiam se transformar em sucesso entre os consumidores.

Para desenvolver esses projetos, Nilo reunia conhecimentos qualificados. A esposa Vireny, por exemplo, costumava testar os produtos em casa. Certa vez, ao experimentar uma vassoura com muitas cerdas, que ficavam grudadas umas nas outras, ela alertou o marido que não seria possível varrer um tapete com o utensílio. Em outra ocasião, chamou sua atenção para as cerdas curtas demais.

Até que recebeu uma amostra que considerou adequada e sugeriu que o marido levasse a vassoura em um maquinário existente na Atlas, para que as pontas das cerdas adquirissem plumas com o propósito de agarrar melhor os resíduos. A ideia foi tão bem aceita que permanece em uso até hoje: eram os primórdios da Noviça, criada em 1977. Foi a primeira vassoura a receber um nome no Brasil e a ser produzida com fios sintéticos coloridos, com



Vireny costumava testar em casa os novos produtos. As observações e opiniões dela auxiliaram a aprimorar diversos itens antes que chegassem aos consumidores



A Nova, um dos ícones da empresa, evoluiu em qualidade, matéria-prima e design ao longo dos anos. A vassoura, com seu colorido e as pontas plumadas, tornou-se líder no segmento

preferência entre os consumidores pela beleza e praticidade. Líder de vendas no segmento no mercado nacional, tornou-se um *case* de destaque no *design*: o modelo Certa integrou uma reportagem da revista *Time*, em 2000, e a Nova fez parte de uma exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2009. Conquistas que, talvez, nem o visionário Nilo pudesse imaginar.

Dante costumava ser o seu parceiro nessas descobertas. Em uma viagem à Itália, os dois estavam em uma cidade próxima a Milão, visitando um supermercado em busca de novidades, quando o irmão mais velho viu esponjas à venda e alertou que aquele seria um produto importante. Os dois leram o endereço do vendedor na embalagem: era uma cidade no interior da Alemanha, nos arredores de Frankfurt. Sem hesitar, embarcaram em um automóvel alugado e percorreram os 1,5 mil km até lá. Ao chegarem, explicaram que desejavam adquirir aquela tecnologia. Mas o interlocutor informou que a produção era feita pelos Corazzi, em Cremona, nas proximidades de Milão. Eles percorreram, então, o caminho de volta à Itália, para bem perto de onde haviam partido.

Quando, finalmente, conseguiram conversar com o fabricante, este disse que queria vender a máquina. Mas aquela

Os irmãos adquiriram dois lotes na outra margem da estrada para a construção de um pavilhão que, inicialmente, abrigou a Sanremo.

1972

Com o estabelecimento da Florestal Vale Verde S.A., uma área de 700 hectares foi adquirida para a plantação de pinus e eucaliptos, a fim de suprir a necessidade de matéria-prima.

1974

1973

Fundada a Primafer Máquinas S.A., com o objetivo de fabricar máquinas. Tempos depois, a empresa teve sua razão social modificada, passando a ser chamada Primafer Industrial S.A. para produzir itens de utilidade doméstica.

1977

Falecimento, aos 77 anos, do empresário Hilário Bettanin.

Criação da Nova, a primeira vassoura do Brasil a ter nome, que se tornou líder no segmento.

não era uma alternativa, pois a importação para o Brasil era extremamente dispendiosa. Retornaram para casa chateados, até que Dante voltou à Itália para negociar uma nova proposta: adquiriu a composição química e as instruções sobre como montar o equipamento para a fabricação de esponjas.

“Eles colocaram dentro de um balde, mexeram e aquela mistura começou a levantar. Foi uma festa quando viram que estava dando certo!”, recorda Vireny, descrevendo o início da Esfrebom, em 1980, produto que é líder de mercado.

A postura visionária de Nilo também foi incentivadora do desenvolvimento da Primafer, que chegou a ser a maior fábrica de cabides do Brasil e da América Latina, com uma produção mensal de 6 milhões de unidades. Em outra viagem com Dante, ele trouxe o molde de um produto para ser injetado. Era o primeiro cabide, que se desdobrou em mais de 25 modelos, com diferentes materiais e acabamentos.

Seu exemplo como um dos expoentes da área industrial o levou à presidência da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Esteio (Acise), em duas ocasiões. Em uma justa homenagem, nomeia a unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) do município, como uma das muitas formas de perpetuar o seu legado, constituindo-se em uma inspiração aos novos profissionais da área.



Em uma das viagens à Europa, Nilo e Dante adquiriram a fórmula química para a produção de esponjas, dando início à fabricação da Esfrebom

Após adquirir na Itália a fórmula química e as instruções de montagem do equipamento, a Bettanin começou a produzir a esponja Esfrebom.

1980

Falecimento de Maria Bianchi Bettanin, em 7 de setembro.

1985

Falecimento de Nilo Bettanin, aos 62 anos.

1988

1982

A Bettapar foi fundada para administrar os departamentos de Tecnologia de Informação, Jurídico e Auditoria Interna das empresas.

1986

Aquisição dos primeiros computadores para automatização das rotinas contábeis.

Realização da primeira exportação: um lote de escovas para sapatos foi vendido para a Austrália.



Empresas InBella





André Gatti contribuiu na aquisição de matérias-primas que agregaram qualidade aos produtos da Atlas

Novos ventos começaram a soprar no início da década de 1990, com a abertura do mercado nacional às importações, que permitiu a aquisição de equipamentos do exterior dotados de melhor tecnologia e capacidade produtiva. Essa possibilidade, associada à substituição de matérias-primas e ao aprimoramento dos programas de gestão e qualidade implementados nos anos anteriores, levou as empresas a um patamar de constante desenvolvimento.

Uma das inovações implementadas pela Bettanin a partir de 1992 foi a utilização da resina reciclada de garrafas PET na produção de cerdas para vassouras e escovas, no lugar do polipropileno. No início, como não havia fornecedores especializados, foi necessário desenvolver uma usina para reciclar as garrafas plásticas no próprio complexo industrial, que iniciou a produção com 500 toneladas de material. Com o passar do tempo, surgiram diversas cooperativas, capacitadas para oferecer o insumo com mais qualidade e menores custos. Em uma iniciativa pioneira no Brasil, a Bettanin estimulou o crescimento de um novo mercado, consolidando-se, atualmente, como uma das principais consumidoras de PET reciclado no país.

A Atlas também realizou um movimento importante nesse sentido: as cerdas de pincéis elaboradas com pelos de suíno, que ainda eram tratadas na empresa, passaram a ser adquiridas do exterior. Primeiro, da Europa, e logo depois, de fornecedores chineses, os maiores produtores mundiais. O responsável por consolidar o negócio com os chineses foi André Gatti. Convidado pelo sogro Cezar para administrar o curtume recém-construído, ele assumiu esta função e, também, a aquisição de suprimentos de forma ampla, desenvolvendo uma cadeia de fornecedores a nível mundial. Atuou na empresa até meados dos anos 2000, com uma rotina intensa de viagens em busca de inovações.

Além de viajar à Oceania para conhecer e comprar peles de carneiro destinadas à fabricação de rolos de pintura, adquiriu maquinário específico que permitiu melhorias no curtume e a utilização da pele no processo de termofusão, proporcionando um salto de qualidade nos produtos. Aquela foi uma atitude de vanguarda no segmento, impulsionando a renovação do parque fabril. Com a estabilização da moeda, a partir do Plano Real, de 1994, os investimentos se mostravam mais vantajosos e seguros, possibilitando que as empresas



A participação em feiras, como a da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), nesse estande de 1997, foi uma estratégia importante no período

conseguissem se desenvolver a passos firmes.

Outra revolução fundamental, a partir da segunda metade dos anos 1990, foi a substituição da madeira pelo plástico como principal insumo. Na Atlas, o polímero começou a ser utilizado essencialmente para a fabricação de cabos de pincéis. Na Bettanin, para a produção de vassouras e escovas: as cepas passaram a ser de plástico e foram adotados os cabos de metal, com introdução de equipamentos importados da Itália.

Funcionário da empresa desde 1970, Cláudio Roberto Wesseli Ferreira vivenciou durante mais de 20 anos o processo de produção de cepas de madeira a partir de toras adquiridas em municípios do interior do estado. As peças passavam por uma preparação de mais de 30 dias, incluindo a confecção de sarrafos, a secagem e o trabalho de carpintaria. Já os cabos eram comprados de fornecedores nos estados de Rondônia e Mato Grosso. Cláudio, como é conhecido, fez inúmeras viagens para visitas técnicas, nas quais orientou profissionais e regulou maquinários das serrarias para qualificar os insumos. Em muitas ocasiões, Dante foi seu parceiro na estrada, revezando com ele o volante. Entre um trecho e outro, às vezes sobravam algumas horas para uma pescaria, que os dois apreciavam com alegria.

No novo cenário, as áreas de serraria e carpintaria deixaram de existir, bem como a gestão e desenvolvimento de fornecedores de madeira – além das preocupações com a



Na carpintaria, as toras de madeira ganhavam a forma de cabos para vassouras, pincéis e escovas, em um processo que levava mais de 30 dias



O feixe de varas, símbolo corporativo criado no final dos anos 1990, representa a força do conjunto de empresas



Os catálogos foram adaptados para impulsionar as exportações, com versões em inglês e até em árabe

sazonalidade e as diferenças de uniformidade. Por outro lado, novos desafios no beneficiamento do plástico continuaram a se apresentar, motivando um constante aprimoramento nos processos e tecnologias.

Período de expansão

Enquanto o mundo se preparava para a virada do milênio e a chegada do século XXI, o Grupo Bettanin dava os primeiros passos rumo a um movimento de integração entre as empresas, ainda independentes entre si. Sob a inspiração do logotipo do feixe de varas, simbolizando que a união fortalece a todos, o conceito de uma gestão compartilhada teve início pelas áreas Contábil e de Tecnologia da Informação.

Na esteira desse processo, uma iniciativa que mobilizou uma maior aproximação foi a inauguração dos centros de distribuição, aperfeiçoando a logística rumo a diferentes regiões do Brasil. O primeiro deles, instalado em Jaboatão dos Guararapes (PE), em 1999, atendeu às três maiores empresas: Bettanin, Atlas e Sanremo. O segundo, que começou a funcionar no ano 2000, em Itapevi (SP), atualmente contempla todas as unidades.

Em paralelo a essa nova estrutura, houve um investimento para personalizar cada vez mais o atendimento das áreas de Vendas, com profissionais específicos para cada região e atenção direcionada às necessidades dos consumidores, respeitando as características das diferentes partes do Brasil. A valorização das equipes comerciais, com programas de reconhecimento e benefícios exclusivos, ganhou relevância como fator de mobilização pelos melhores resultados. A participação como expositores em feiras, estimulada desde os anos 1980, é outra atividade que se tornou essencial. Até hoje, os dias de evento costumam valer por semanas de trabalho, permitindo tornar mais próximo e aprofundar o relacionamento com os clientes, consolidar o posicionamento institucional e fechar bons negócios.

Algumas unidades, como a Atlas, investiram mais fortemente em exportação no período, expandindo-se para outros países e, ao mesmo tempo, coletando subsídios para diversificar o *mix* de produtos, como recorda o diretor da Divisão de Materiais de Construção da InBetta, Márcio Atz, e funcionário da Atlas desde o início da década de 1990. Tal estratégia



se refletiu em um fortalecimento no mercado interno, com a conquista de maior projeção em diversas regiões do país, decorrente da qualificação do portfólio e de um intenso investimento na relação com o varejo.

Essa tendência à ampliação de catálogo se manifestou também na Primafer, que acrescentou acessórios de banheiro de plástico e de metal à sua linha. Motivou, ainda, o surgimento da Ordene S.A., voltada ao segmento de organização de ambientes, em 2001, e que consolidou a sua posição entre clientes e consumidores. O diretor Geral, Marcelo Acuyo Missior, atribui esse crescimento à postura de não se deixar abater em contextos difíceis, desbravar novos mercados, assumir desafios e investir na qualidade dos produtos, características que estão na origem das empresas. Lembra que, assim como ele, que ingressou no Grupo Bettanin em 1997, vários outros colegas construíram uma longa carreira, seja na

Inaugurada em 2001, a Ordene desenvolve produtos para a organização de ambientes

Ordene, muitas vezes chamada de “celeiro de talentos”, ou em outras unidades.

O movimento seguinte foi a construção de um local que acolhesse reuniões, visitantes e exposição dos inúmeros itens produzidos, além de momentos de integração entre as diferentes áreas de todas as empresas. Inaugurado em 2006, o Espaço *Showroom* passou a acolher encontros de diferentes comitês, compostos pelos profissionais dos setores Industrial, Administrativo e Comercial. A troca de experiências demonstrou que, apesar de não tão próximas no dia a dia, as unidades compartilhavam valores semelhantes e uma cultura organizacional que se refletia na tomada de decisões. Anunciava-se, portanto, que o melhor caminho era um aprofundamento dessas relações.

Em paralelo a esse movimento, o crescimento para o Nordeste se concretizou. Em 2007, foi criada a Sandene S.A. Indústria e Comércio, para a produção de itens da Sanremo. O diretor Geral da Sanremo, Eduardo Ignacio, acompanhou esse período e destaca que a integração à cultura local foi um dos aspectos essenciais para o êxito da nova operação, que se desdobraria em um empreendimento maior nos anos seguintes. Funcionário das empresas InBetta desde 1993, com passagens pela Bettanin e pela Ordene, ele é um entusiasta

O Espaço *Showroom* foi criado para receber clientes e abrigar salas de reunião destinadas a promover uma maior aproximação entre as equipes



do processo de maior integração entre as unidades, com um intercâmbio de experiências, para otimizar recursos.

A perspectiva institucional ganhou força por meio da Governança Corporativa, incentivada pela segunda geração e apoiada por Dante e Cezar. Desenvolvida entre 2008 e 2009, favoreceu a integração entre diferentes setores e definiu com clareza os papéis de familiares e executivos no comando dos negócios. O objetivo foi, além de organizar um novo modelo de gestão, estimular a troca de sinergias, sem prescindir do foco de cada empresa e da especialização nas áreas de atuação. Ao final do processo, Eduardo assumiu a presidência do Grupo, desvinculando-se da direção da Sanremo em prol de um desafio valioso, para o qual contou com a preciosa orientação do pai nos primeiros anos.

O RH da Gente, sob a gerência de Evandro Leorato Machado, foi um dos primeiros frutos desse novo contexto: trata-se de uma estrutura corporativa para atender os profissionais de todas as unidades, unificando benefícios e práticas, além de padronizar regras para recrutamento interno, promoções e premiações. Na esteira desse desenvolvimento, passou a ser realizada anualmente a Pesquisa de Clima, que indica o nível de satisfação em relação a aspectos do ambiente organizacional, com uma aprovação média de 85%.

Com um pacote de benefícios estruturado, a corporação oferece plano de saúde, ambulatório médico e odontológico, transporte coletivo, auxílio-creche e convênio com universidades, entre inúmeros outros. Investe em práticas de Recursos Humanos, como Programas Participativos e iniciativas de Treinamento e Desenvolvimento, que estimulam o engajamento e a qualificação das equipes.

A ampla divulgação de informações relacionadas às empresas é garantida por meio de canais de Comunicação Interna, como a Revista Conexão, o Portal InBetta, *newsletter*, mural e e-mail. Os eventos contemplam o Dia do Trabalho, o Dia das Crianças e a Festa de Final de Ano. Após a integração da área de RH, foi implantado o Programa de Participação nos Resultados (PPR), que vem evoluindo a cada ano, para ser mais motivador tanto para os profissionais quanto para cada uma das unidades.

A fundação da SuperPro Bettanin S.A. como uma unidade autônoma é outra consequência positiva, após a sepa-



Transformado em loja, o local que reunia o mostruário das empresas passou a ser visitado por consumidores finais, fortalecendo a relação com as marcas



Durante o processo de Governança, Rosane assumiu a presidência do Conselho de Família e a coordenação das atividades de Responsabilidade Social

ração da coirmã Bettanin. Dedicada ao segmento de limpeza profissional, sob o comando de Dante Alberto na Superintendência, vem conquistando novos mercados com ótimos resultados desde que iniciou as suas atividades.

O êxito no projeto de implantação do SAP, um sistema de gestão integrado, a ser utilizado por todas as unidades do Grupo Bettanin desde 2010, foi mais uma demonstração do entrosamento entre as unidades. Visto como um desafio por muitas organizações, pela necessidade de um envolvimento expressivo das equipes, foi concretizado com excelência. Ao longo de um ano, os processos foram revistos, questionados e avaliados. Refletiu-se sobre os indicadores mais adequados e, aos poucos, o conhecimento sobre as rotinas do novo sistema foi sendo transmitido. Em 7 de setembro de 2010, a mudança ocorreu, transformando-se em um *case* de sucesso na área.

Em constante aperfeiçoamento

A Governança Corporativa motivou uma atuação mais expressiva de Rosane Bettanin Gatti nos negócios da família. Durante os anos 1990, ela havia trabalhado na área Comercial da Bettanin, na qual desenvolveu ações de comunicação com os clientes e a organização da participação da empresa em feiras comerciais. Depois de um período afastada para se dedicar aos filhos, retomou o seu envolvimento sob uma nova perspectiva: como presidente do Conselho de Família. Ela coordena os projetos de desenvolvimento deste órgão de Governança, engajando-se em promover a integração dos núcleos familiares e os valores da família, principalmente, entre os membros da terceira geração – independentemente de eles assumirem ou não um cargo na empresa, visto que o objetivo é fortalecer a sua formação e o seu compromisso como sócios do negócio.

Rosane também está à frente das iniciativas de Responsabilidade Social, praticadas por meio do Comitê Transformação e destinadas ao público interno e à comunidade em geral. São diferentes categorias, definidas por três pilares de atuação: os projetos apoiados com e sem incentivos fiscais, as iniciativas internas socioambientais e as doações.

Na concretização dessas atividades, o foco é a educação, com base em diversas abordagens como cultura, esporte, saúde e qualidade de vida, valores e cidadania, e consciência ambiental.

Os projetos voltados a crianças e adolescentes em escolas públicas, nas comunidades onde as empresas atuam, têm como objetivo promover a educação através de iniciativas voltadas para a disseminação de valores. Outra modalidade é a do apoio a instituições de assistência, como o Instituto do Câncer Infantil (ICI-RS), o Asilo Padre Cacique e a Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD-RS).

Em 2015, a empresa foi pioneira em implementar uma unidade do Projeto Pescar em Esteio. Desde então, tem oferecido formação cidadã e profissional a jovens em situação de vulnerabilidade social. Atividades de engajamento e conscientização também mobilizam o Comitê, como, por exemplo, o Programa de Voluntariado InBetta, a Campanha do Agasalho, o Outubro Rosa e o Movimento pelo Bem: Rústica Social InBetta, para promover o esporte e a solidariedade.

Nas ações da área de Responsabilidade Social, estão contempladas ainda doações a diversas entidades, como os Bancos Sociais da Federação das Indústrias do Estado do Rio

Oferecido pela InBetta desde 2015, em uma iniciativa pioneira em Esteio, o Projeto Pescar tem como objetivo promover a formação cidadã e profissional dos participantes





Missão

Oferecer soluções criativas e competentes que facilitam a vida das pessoas.

Visão

Ser uma corporação com marcas líderes em seus segmentos.

Valores

Paixão pelo negócio

Atitude empreendedora

Disposição para aprender

Respeito pelas pessoas

Fazer bem-feito

Foco em resultados

Agir de forma sustentável

Grande do Sul, abrigos municipais e associações, além de investimentos em iniciativas voltadas para a educação e a cultura. Nos últimos anos, os moradores de Esteio (RS) foram atingidos por duas enchentes que provocaram grandes perdas. A empresa se mobilizou para colaborar com a comunidade, por meio da arrecadação e da distribuição de donativos, em uma relação de parceria ao trabalho desempenhado pela Defesa Civil municipal.

Sob a perspectiva da preservação do meio ambiente, a Responsabilidade Social se alia aos profissionais responsáveis pela área em cada unidade. Atualmente, com a realização da coleta seletiva, papel e papelão são devidamente separados e vendidos para organizações licenciadas pelos órgãos ambientais, que transformam o material em embalagens utilizadas para a comercialização de produtos. Em uma ação mais recente, de 2016, os resíduos sólidos industriais passaram a ser coprocessados, transformando-os em *blend*, um combustível para fabricação de cimento. Redução de consumo de energia elétrica, com a instalação de lâmpadas de LED e de telhas translúcidas nas fábricas, que favorecem o aproveitamento da luz natural, refletem a postura sustentável das empresas.

A reflexão sobre o passado, o presente e o futuro do Grupo Bettanin durante o processo de Governança Corporativa acendeu uma inquietação sobre a identidade da organização. Uma das etapas foi a elaboração do planejamento estratégico, realizada em 2011 e pautada em valores e na cultura familiar e institucional. Esse foi um dos primeiros movimentos acompanhados pelo diretor Financeiro, Alexandre Tulini. Em uma discussão profícua, foram elencados inúmeros aspectos que compõem a trajetória das empresas. Em um tempo relativamente curto, a Missão, a Visão e os Valores estavam finalizados: embora ainda não tivessem expressado em palavras, Cezar e Dante identificaram os aspectos que poderiam definir a corporação. Depois de escritos, permaneceram inalterados, com foco em empreendedorismo, respeito pelas pessoas e qualidade dos produtos.

Essa essência foi preservada e atualizada no processo de mudança de identidade corporativa, realizado em 2014. Era desejo da família um nome que representasse a todos os funcionários (e não fizesse referência a apenas uma das unidades). Foi então que, com a orientação de uma agência



O Acordo Societário significou um avanço no processo de profissionalização da empresa, bem como a preservação e o fortalecimento dos laços familiares

especializada, criou-se a InBetta: o “Betta” remete ao sobrenome da família, mas apresenta-se, em inglês, de um modo novo, como um desdobramento a partir da letra grega “Beta”, que significa algo em evolução. O “In” refere-se a constante. Na junção das duas palavras, aflora o sentido de contínua transformação e aperfeiçoamento. Cumpre-se, também, o objetivo imediato de que todos os profissionais se reconheçam como parte de um grupo, sem perder o foco nas unidades.

Tal conceito vem se fortalecendo diariamente, estimulando a troca de sinergias e o sentimento de pertencimento. Espalhou-se até mesmo para o exterior, onde a Bettamark, criada para consolidar as vendas internacionais há mais de 20 anos, tem expandido a sua atuação. A partir da unificação dos departamentos de Exportação, em 2012, transformou-se em uma empresa especializada no segmento, para impulsionar as vendas de forma sustentável, explorando semelhanças culturais e facilidades logísticas.

Foi pouco tempo depois desse movimento de maior proximidade institucional que Aguinaldo Fantinelli, diretor Geral da Bettanin, se integrou à equipe. Trouxe como referência a percepção do mercado de que se tratava de um grupo de empresas com valores e cultura sólidos, em que predominam a qualidade e a busca pela inovação. Essa expectativa se confirmou no dia a dia, e agregou-se a outros inúmeros aspectos positivos, como o profissionalismo, a alta capacidade produtiva e o alcance dos produtos em diferentes mercados.



A árvore genealógica foi elaborada com a participação das diferentes gerações



Cezar Antonio cultivava o hábito de ouvir as sugestões das equipes, estimulando a participação de todos

Gestor por natureza

Entusiasta das tecnologias e de inovações que promovessem o desenvolvimento, Cezar Antonio Bettanin não chegou a acompanhar a transformação da identidade corporativa da empresa que ajudou a fundar. Faleceu em 7 de setembro de 2013, aos 85 anos, após ter construído uma trajetória inspiradora, na qual multiplicou ensinamentos e afetos.

A habilidade com os números e a capacidade de ser um bom ouvinte fizeram dele um gestor por natureza. São muitas as recordações sobre o seu modo particular de averiguar como estava o desenvolvimento das equipes: tinha por hábito fazer perguntas para as quais, de antemão, sabia as respostas. O que almejava era descobrir o quanto a pessoa com quem conversava estava atenta às novidades.

Também não costumava tecer elogios diretamente. Mas, com frequência, comentava com um dos funcionários que o outro colega, de um setor semelhante, havia “realizado um ótimo trabalho”. Além de fazer a informação circular, estimulava que o profissional a quem confiou a opinião buscasse resultados tão bons quanto os do colega citado. Assim, todos se beneficiavam. Conhecia as características de cada um e se preocupava em deixar todos à vontade, atuando com justiça, inteligência e consideração.

“O Sr. Cezar estava à frente do seu tempo. Semeava as ideias para que outros pudessem dar a sua contribuição. Incutia nas pessoas a vontade de progredir, de querer mais”, define

É lembrado pela postura acolhedora, a habilidade com os números, a ampla visão administrativa e o interesse por inovações



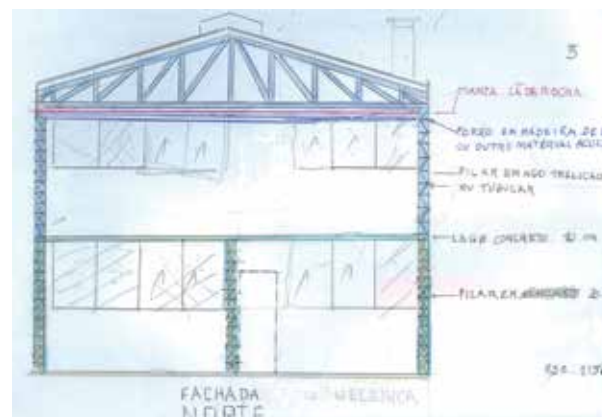
Mári Sinéri Soares da Silva, sua secretária por 23 anos.

Embora intensamente dedicado à empresa, para Cezar, o convívio com a esposa Lecy e com os três filhos – César Luiz, Eduardo e Rosane – era essencial. Honestidade, retidão de caráter, garra e determinação são algumas das características que eles destacam em sua personalidade, motivo de orgulho e inspiração para a família.

“Era uma rotina de muito trabalho. Eu cuidava da casa, da educação das crianças. Ele se dedicava à empresa e era muito amoroso conosco, estava sempre presente. A gente se amava demais”, emociona-se Lecy.

Os dois compartilharam, em 58 anos de convívio, múltiplas afinidades, entre elas, o apreço pela decoração e por viagens. O broche de ouro em formato de laço, ornamentado com pérola e turmalina, delicado presente de noivado, ainda a acompanha em eventos especiais, declarando o amor e a saudade do parceiro de toda uma vida. Cezar é a inspiração para muitas poesias que Lecy escreveu e nas quais relatou a linda história do casal. Em 2018, para celebrar de modo especial o seu aniversário de 85 anos, as criações literárias de uma vida inteira foram reunidas em um livro, sob o título de *Revelação*.

Seu talento e a sensibilidade com as palavras auxiliavam o marido em algumas situações de trabalho, na escolha das melhores frases para compor um discurso ou um cartão. Assim como a esposa, ele tinha uma habilidade especial, no seu caso voltada à arquitetura, que exercitava sempre que possível: projetava



Cezar transportava seus sonhos para o papel ao desenhar as plantas dos novos prédios das fábricas. Os rascunhos o ajudavam a ter uma melhor noção dos espaços e dos materiais, servindo de guia para arquitetos e engenheiros

Lecy e Cezar compartilharam 58 anos de vida. Dessa união tiveram três filhos: César Luiz, Eduardo e Rosane

plantas impecáveis e, depois, se dedicava a acompanhar a execução das obras.

A residência na qual a família morou por 25 anos, em Porto Alegre, foi completamente desenhada por ele. Planejava as expansões da empresa e, quando comprava um terreno ou traçava o projeto de um pavilhão, sempre o fazia maior do que o necessário, prevendo alguma ampliação. Envolvia-se nas diversas etapas e acompanhava de perto o andamento das construções. Se hoje a InBetta continua a ser um canteiro de obras, perpetuando uma tradição histórica, é porque Cezar deixou como legado esta contínua visão de crescimento.

Detalhista e observador, se valia destas duas características nas tarefas administrativas e de controle financeiro. Depois de analisar um balanço, jamais esquecia os dados que tinha visto. E, ao final de uma conversa em que se tratasse de valores ou de percentuais, ele já tinha os números corretos



em mente, sem precisar do auxílio de calculadora.

Organizado e tranquilo, ocupado em fazer o que era correto, ele moldou um modo de atuação que se fortaleceu com base em relações de respeito e confiança com colegas, funcionários, fornecedores e clientes. Apresentar as contas da empresa nunca foi motivo de preocupação, pelo contrário. A satisfação e a tranquilidade de saber que todos os procedimentos estão em dia é uma preciosa herança de Cezar, que pode ser considerado o maior formador da cultura organizacional da InBeta.

Em relação às equipes, sabia ser firme sem ser autoritário, e conseguia mobilizá-las a desenvolver todo o seu potencial. Tinha um olhar generoso sobre as pessoas, acreditando que sempre poderiam ir além. E oferecia exemplos e orientações, muitas vezes de modo sutil, nas entrelinhas, a quem soubesse aproveitar seus preciosos conselhos.

Ele prezava pela adequada utilização dos recursos, buscando o máximo de qualidade com o mínimo de custo. Nas viagens a trabalho pelo exterior, evitava os onerosos telefonemas para a família, apesar da vontade de manter contato.

Em sua primeira visita à China, em 1992, viajou acompanhado do gerente de Compras da Atlas na época e genro, André Gatti. Após a visitação em uma fábrica, eles e os fornecedores decidiram sair para jantar. O cardápio local, repleto de pratos típicos, não deixou Cezar intimidado: saboreou caramujos, centopeias e outros pratos exóticos e, ainda, bebericou um conhaque, ao modo dos chineses, como se fosse vinho.

Com os filhos já crescidos e atuantes ao seu lado, dividindo conquistas e responsabilidades na empresa, continuava a ser um ouvinte atencioso e generoso: gostava especialmente de conversas sobre viagens e empreendedorismo, nas quais compartilhava suas experiências.

Em sua trajetória ao lado dos irmãos, seus companheiros de empreendedorismo, Cezar não se furtou aos desafios. Por meio de uma atitude visionária diante das oportunidades e de uma capacidade reflexiva que o levou a tomar as decisões mais acertadas em cada contexto, formou líderes entre os filhos, os sobrinhos, os amigos e os profissionais que conviveram com ele. Movidos pelo exemplo de um empresário sempre atento às suas responsabilidades, todos os que se inspiram no que ele construiu buscam articular o sucesso nos negócios com o respeito pelas pessoas e pela sociedade.



As poesias escritas pela esposa, muitas delas dedicadas ao marido, foram reunidas no livro *Revelação*



Em homenagem ao empreendedor e à sua importante contribuição para o desenvolvimento da região, a avenida situada ao lado das empresas InBetta, em Esteio, recebeu o nome de Cezar Antonio Bettanin, em 2013

A recordação de sua postura serena e acolhedora ficou eternizada com a homenagem póstuma, na qual uma avenida ao lado da sede da InBetta, em Esteio, foi batizada com o seu nome. Com esse gesto, sua memória se mantém ainda mais próxima da empresa que se mistura à história de sua própria vida.

Algum tempo depois, em 20 de maio de 2015, a irmã mais velha dos pioneiros da InBetta, Laura Bettanin Broilo, faleceu. Sua vida pautada pela solidariedade e pela superação constituíram um capítulo especial no percurso da família Bettanin.

Horizontes ampliados

Motivada pelos avanços decorrentes de uma maior aproximação entre as empresas, a InBetta se encaminhou para uma nova mudança em 2016, desta vez na estrutura organizacional. Optando por um modelo de gestão matricial, objetivou fortalecer a cultura empresarial, facilitar a troca de conhecimentos e, ao mesmo tempo, intensificar o foco nos mercados específicos de atuação.

O organograma prevê, no topo, as estruturas de Governança. Abaixo delas, o presidente das empresas e, logo depois, os vice-presidentes de áreas e diretores corporativos. Por fim, os gerentes de áreas e os diretores de unidades. Nesse contexto, alguns familiares se retiraram de suas atividades ou assumiram cargos distintos, abrindo espaço para executivos.

Esse novo cenário de integração tornou possível a conquista de maior relevância na trajetória recente da empresa: a inauguração da unidade industrial e do centro de distribuição em

Paulista (PE), na região metropolitana do Recife, em 17 de abril de 2018. Passados 45 anos de um sonho alimentado por Cezar, Nilo e Dante, quando adquiriram um lote para a instalação da Primafer no Nordeste, fato que não se confirmou à época, a InBetta fortaleceu as suas raízes na localidade, dando início a um movimento de expansão social e econômica no entorno de suas instalações.

Em um terreno próprio de 260 mil m², junto à PE-022, foram realizados investimentos na ordem de R\$ 160 milhões, para dar forma a 33 mil m² de prédios. No primeiro ano de operação, voltada para a produção de itens de Bettanin, Atlas e Sanremo, estima-se a geração de 300 empregos diretos.

O gerente da Sandene, Carlos Jeferson Michaelsen, e a gerente Administrativo e de Recursos Humanos da unidade, Jane Barboza Brigoni, são os gaúchos pioneiros que assumiram o desafio de implantar a empresa em Pernambuco em 2007. Funcionários do Grupo Bettanin desde os anos 1980, eles se mudaram para o Nordeste para estruturar a produção, desenvolver equipes e implantar a cultura da organização no local. Diante do crescimento realizado com êxito em 2018, acompanham a consolidação de processos, as inovações tecnológicas e a aplicação de conhecimentos inovadores na fábrica recém-inaugurada, além do envolvimento da comunidade, que se orgulha do empreendimento.

Uma cerimônia com expressiva participação dos familiares, que vibraram com a conquista e fizeram questão de acompanhar esse momento, e de autoridades locais, marcou o início das atividades da nova fábrica, estrategicamente localizada para atender o Brasil e demais países da América Latina.

Enquanto isso, na matriz em Esteio, o período também tem sido de expansão e integração. A nova planta da Atlas, localizada no mesmo terreno das demais empresas do complexo industrial, foi inaugurada no dia 1º de agosto de 2018, em uma cerimônia emocionante que reuniu os profissionais e os integrantes da família.

Com as atividades a pleno vapor, a unidade integrou as operações em um único centro de Produção e de Logística, proporcionando maior agilidade nos serviços e redução de custos. A estrutura fabril mais moderna, ancorada no uso de novas tecnologias, foi projetada para ampliar a produtividade, além de fortalecer a cooperação entre as equipes por estar mais próxima das outras empresas do grupo e das áreas corporativas.



Na nova unidade da Sandene, em Paulista (PE), são produzidos itens da Sanremo, Bettanin e Atlas. A inauguração, em abril de 2018, contou com a presença de familiares, entre eles, membros da terceira geração



Em agosto de 2018, a nova fábrica da Atlas, com uma estrutura mais moderna e eficaz, foi inaugurada. César Luiz (à direita da imagem, ao lado dos irmãos Rosane e Eduardo), recebeu homenagens pela sua contribuição à empresa

Nesta fase de crescimento, três gerações convivem lado a lado no ambiente empresarial. Dante Bettanin é o atual presidente do Conselho Consultivo e vice-presidente de Tecnologia e Inovação da InBetta, reunindo a experiência acumulada ao longo do tempo com a incansável disposição para aprender e o olhar atento às novidades.

Trilhou uma trajetória igualmente expressiva em entidades vinculadas à área empresarial. Entre outras atribuições, foi presidente da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Sapucaia do Sul (ACIS) e continua a integrar a diretoria da Associação Comercial Industrial e Serviços de Esteio (Acise), da qual já foi presidente. Na área social, foi presidente do Lions Clube de Esteio e compartilhava a atuação com a esposa, Adélia, de quem ficou viúvo em 2018. Ela tinha uma destacada inserção em projetos sociais e de voluntariado, além de ser lembrada pelo delicioso mocotó que oferecia na casa da praia para a família, preparado com muito carinho.

Dante representa o elo com a gênese da empresa, que se perpetuou na segunda geração ainda à frente dos negócios: Eduardo, Rosane e Dante Alberto. O legado e a cultura construídos em mais de 70 anos de história são o patrimônio que eles e os integrantes das gerações seguintes, alguns deles já em atividade na InBetta, têm o compromisso de conhecer, preservar e ampliar.



Ao lado da esposa, Adélia, Dante participou do Lions Clube de Esteio e das associações comerciais, industriais e de serviços desse município e de Sapucaia do Sul.



Entusiasta da fabricação de máquinas, ele tem uma colaboração fundamental no desenvolvimento das empresas ao longo do tempo.



Atualmente, é vice-presidente de Tecnologia e Inovação da InBetta e presidente do Conselho Consultivo.

A participação da terceira geração em eventos e no Programa de Carreira Interna amplia e aprofunda os vínculos

Victor e Marcos, filhos de Eduardo, e Giuliano, filho de Rosane, são os membros da terceira geração que atualmente integram o Programa de Carreira Interna. A iniciativa oportuniza que herdeiros interessados em desempenhar atividade profissional sejam devidamente acompanhados para exercerem esse papel, bem como o de futuros sócios preparados e responsáveis.

Neste diálogo constante entre passado, presente e futuro, é o sentimento de orgulho por pertencer a uma família que honra o trabalho, luta pelos seus objetivos e respeita as pessoas e a sociedade que deve ser multiplicado. Desde a partida da Itália até os dias atuais, os Bettanin demonstraram que, com esforço e coragem, os desafios podem ser superados, resultando em uma trajetória de sucesso, hoje concretizada na InBetta.



A Bettanin passou a utilizar resina reciclada de garrafas PET como matéria-prima na confecção de cerdas para vassouras e escovas.

Criação da Ordene S.A, atualmente focada em produtos para a organização de ambientes.

Fundação da Sandene S.A. Indústria e Comércio. A empresa, sediada em Jaboatão dos Guararapes (PE), iniciou as suas atividades com a produção de itens da Sanremo.

1992

2001

2007

1999

2006

2009

Os logotipos com o feixe de varas tornaram-se símbolos de todas as empresas, com as cores que caracterizam cada unidade de negócio.

Criação do Centro de Distribuição de Jaboatão dos Gararapes (PE). Um ano depois, começou a operar o Centro de Distribuição de Itapevi (SP).

Inauguração do Espaço *Showroom*, reunindo, em um único local, todos os produtos e marcas.

Eduardo Bettanin foi empossado como diretor-presidente.

Fundação da SuperPro, voltada ao segmento de limpeza profissional.



Coragem para superar desafios, dedicação ao trabalho e busca constante pela inovação construíram a trajetória vitoriosa da família Bettanin, que inspira os descendentes a valorizarem o percurso trilhado desde a Itália

Assinatura do primeiro Pacto Familiar, Societário e Empresarial de Governança Corporativa.

Criação do Comitê de Responsabilidade Social.

O Grupo Bettanin assumiu uma nova identidade institucional, passando a ser denominado InBetta.

A Bettanin, empresa que originou o grupo InBetta, completou 70 anos.

2011

2014

2017

2013

2015

2018

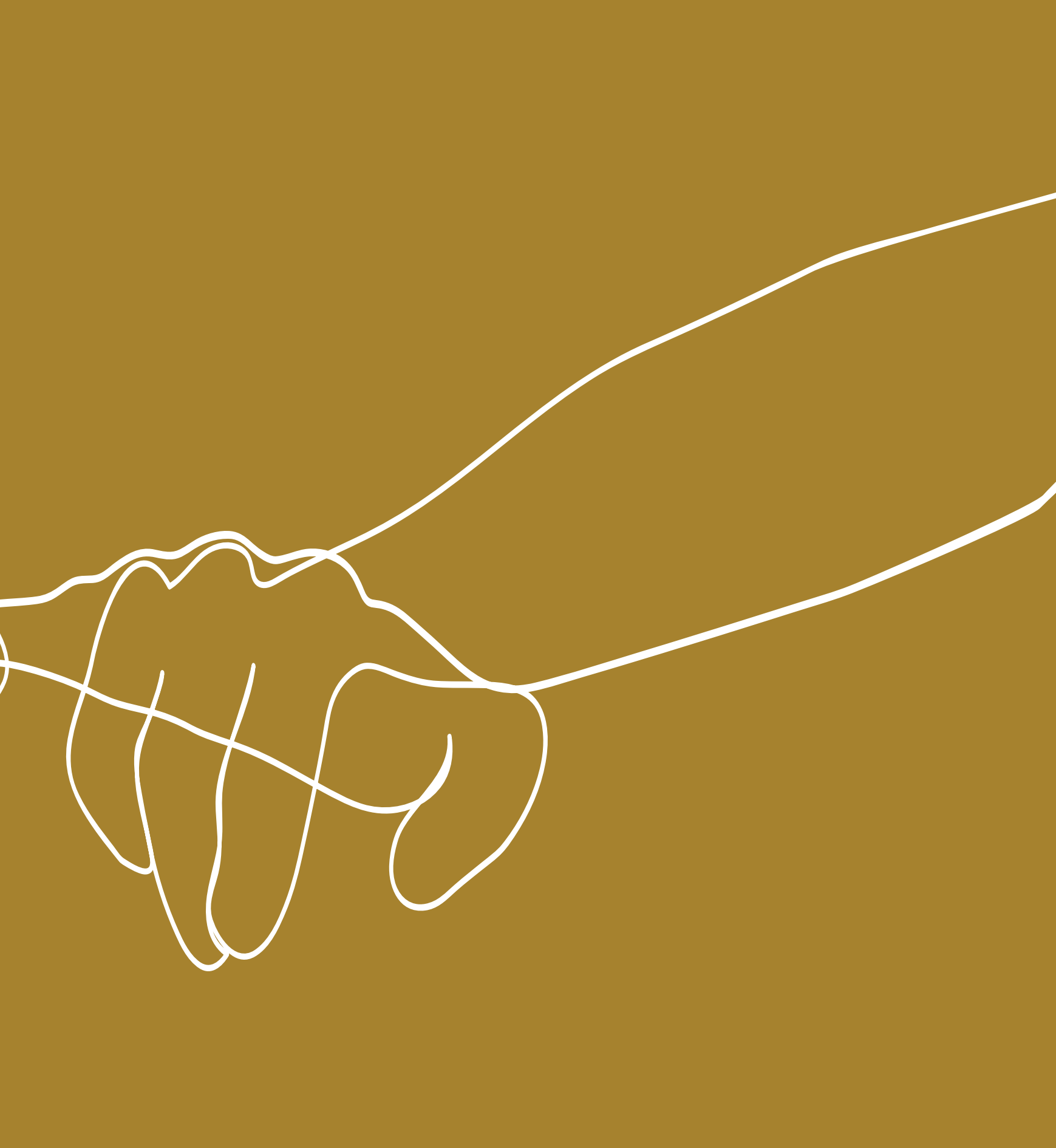
O falecimento de Cezar Antonio Bettanin, aos 85 anos, emocionou a família e o grupo de profissionais das empresas. Seu legado inspirador como líder empresarial, a postura ética e a visão de futuro permanecem presentes até hoje. Uma avenida próxima à matriz, em Esteio, foi nomeada em sua homenagem.

Falecimento de Laura Bettanin Broilo, irmã e incentivadora de Nilo, Cezar e Dante.

Em abril, foi inaugurada a nova fábrica da Sandene, em Paulista (PE). Em agosto, a unidade atualizada da Atlas iniciou as suas atividades.

Memórias a celebrar







Relações duradouras e de crescimento mútuo entre a InBetta e os seus profissionais e clientes representam aprendizado conjunto e memórias a serem compartilhadas.

Ao longo das entrevistas para a elaboração deste livro, inúmeros relatos traduziram em palavras as atitudes frequentes que demonstram essas relações. Nada mais justo, portanto, do que dar voz a esses depoimentos na sua forma mais espontânea.

“A história da InBetta é muito bonita, de inúmeras vitórias. Os meus irmãos e eu sempre nos demos bem, isso foi fundamental. A evolução do tempo e da empresa é inexorável, vai continuar. E o futuro continua a ser um grande desconhecido. Tomara que tudo o que fizemos até aqui consiga levar bonança para a nossa família por longo tempo.”

Dante Bettanin

Presidente do Conselho Consultivo e vice-presidente de Tecnologia e Inovação





“Os detalhes do que aconteceu, que são interessantes, ficam gravados na nossa memória. Tudo partiu de muita observação e um pouco de sorte. Os fundadores construíram um legado muito bonito, pois tiveram coragem e vontade de fazer algo diferente. E esses valores foram preservados pelas novas gerações.”

Vireny Bettanin
Esposa de Nilo Bettanin

“Todas as conquistas começaram com o trabalho dos fundadores, que sempre se dedicaram, empenhados em construir a empresa. Hoje eu me sinto orgulhosa também dos filhos e netos, porque eles vão desenvolver ainda mais o que já existe. É uma satisfação viver essa história tão bonita, em que tudo nos deixa felizes.”

Lecy B. Bettanin
Esposa de Cezar Antonio Bettanin

“Conquistamos o sucesso porque gostamos do que fazemos. É preciso abrir mão do tempo pessoal para se dedicar, pois as exigências se tornam sempre maiores. Atualmente, vivemos um momento de muita integração, em que existe um esforço conjunto para chegar a resultados cada vez mais recompensadores para todos.”

Dante Alberto Bettanin
Superintendente da SuperPro

“O nosso mérito foi ter reunido um grupo de pessoas competentes e deixar que elas se desenvolvessem. É fantástica a dedicação das nossas pessoas, que tornam a empresa um lugar especial. O tempo passa, os processos se transformam, mas a cultura é basicamente a mesma, e tem sua origem na família. É algo a ser preservado com carinho.”

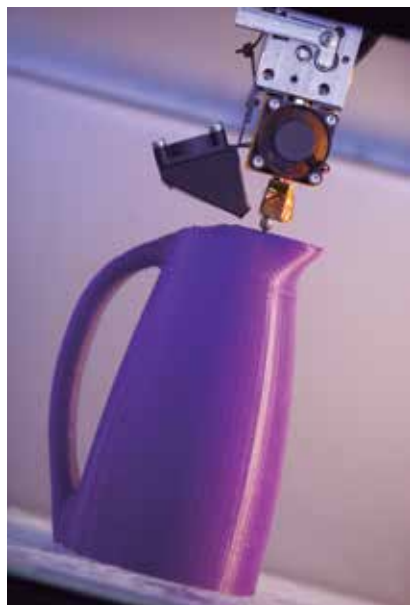
Eduardo Bettanin
Diretor-presidente das empresas InBetta

“Eu me realizei na Atlas. Tive sorte, mas principalmente competência. Assumi uma empresa que era a terceira no segmento no Rio Grande do Sul e ajudei a transformá-la em uma das maiores do mundo. Fundamental foi trabalhar com pessoas que me ajudaram a chegar a esses resultados, pois sempre me senti como integrante de um grupo.”

César Luiz Bettanin
Ex-superintendente da Atlas



Dante Alberto Bettanin,
superintendente da SuperPro



“Os fundadores nos ensinaram que trabalhar é importante, além de ter perseverança, lealdade, qualidade no que se faz. E sempre lutar, pensando à frente, preservando a união entre as empresas. A fábrica é como se fosse a nossa segunda casa, se não a primeira: todos fazem parte de uma grande família.”

Fernando Bettanin

Ex-diretor da Primafer

“A capacidade de adaptação às oportunidades e às mudanças sempre esteve presente na nossa história e faz parte do nosso DNA, motivando novas formas de pensar. Cada empresa tem destaque entre os seus consumidores, como resultado de trabalho e da elaboração de bons produtos, com design e diferenciais competitivos.”

André Bettanin

Ex-superintendente da Bettanin

“O sentimento de orgulho por pertencer a algo grandioso que a família criou é o elo principal entre o passado e o futuro. É um legado que honra o trabalho, a garra, a atitude e a busca pelo potencial de cada um, com respeito pelas pessoas. O essencial para seguirmos em frente e continuarmos a crescer é estarmos todos unidos.”

Rosane Bettanin Gatti

Presidente do Conselho de Família





“Tive um convívio especialmente próximo com o Sr. Cezar, que sempre nos deu muita liberdade para trabalhar e acreditava que as pessoas poderiam chegar a um mesmo objetivo por diferentes caminhos. Ele fazia com que cada um se sentisse dono do negócio, o que é uma característica que percebo ainda hoje nas empresas InBeta.”

André Gatti

Genro de Cezar Antonio Bettanin e ex-executivo da Atlas

“O grupo sempre nos deu liberdade de criar e de nos desenvolvermos. Desde que entrei, há 33 anos, senti essa confiança e procurei retribuir da mesma forma, com muito respeito. É um ambiente de lealdade, de cuidado com as pessoas. Ao mesmo tempo em que tudo mudou – produtos, procedimentos, equipes –, os valores humanos permanecem.”

Sérgio Dias

Vice-presidente de Operações



A atual diretoria corporativa, composta por Evandro Leorato Machado, Alexandre Tulini, Eduardo Bettanin, Sérgio Dias e João Paulo Dall'Agnol

“Conhecer a cultura da empresa nos ajudou a chegar aonde estamos hoje. Nossos fundadores são exemplos e, por isso, para trabalhar na empresa é preciso ter certos valores. É necessário inovar sempre, somos desafiados a todo momento, mas sentimos a segurança de que, se fizermos tudo certo, continuaremos aqui, porque o respeito pelas pessoas é impressionante.”

Evandro Leorato Machado
Gerente Corporativo de Recursos Humanos

“Existe liberdade para trabalhar, que nos traz uma responsabilidade cada vez maior. Esse ambiente cria uma motivação, porque somos desafiados todos os dias. Acabamos fazendo parte da empresa, com um sentimento de pertencimento que é muito importante. Agradeço a confiança que recebi aqui.”

João Paulo Dall'Agnol
Diretor Administrativo Corporativo

“Quando cheguei à InBetta, havia uma cultura muito forte. Tive de me reciclar e foi ótimo para mim, pois estou adaptado à essência do negócio, que continua a mesma. O processo de profissionalização demonstra aos familiares que a empresa é sólida.”

Alexandre Tulini

Diretor Financeiro Corporativo

“A maioria das pessoas tem uma trajetória longa aqui dentro, porque os gestores proporcionam liberdade para as equipes trabalharem. É o ambiente que faz uma empresa. As portas estão sempre abertas, o convívio é simples, nunca houve cerimônia. Mesmo assim, não afeta o comprometimento dos funcionários, pois todos têm bons exemplos.”

Janine Filomena

Gerente Corporativo de Cadastros

“A empresa representa a continuidade da minha vida e da minha família, porque eu cresci junto com as oportunidades, nesses 47 anos. Cada funcionário sempre foi valorizado. O sonho dos fundadores se confunde com o nosso, pois tivemos uma caminhada lado a lado, com o mesmo objetivo: fortalecimento, crescimento e constante reconhecimento.”

Claudio Roberto Wesseli

Gerente de Resíduos Industriais



O novo restaurante, em espaço compartilhado, foi disponibilizado às equipes em agosto de 2018



Aguinaldo Fantinelli,
diretor Geral da Bettanin

“Quando fui convidado a vir trabalhar na Bettanin, vi como uma grande oportunidade, porque sempre enxerguei a InBetta como uma empresa inovadora, de crescimento, que investe, cria, desenvolve e tem colaboradores com muito tempo de casa. Essa postura está na essência dos fundadores e arraigada na cultura da empresa.”

Aguinaldo Fantinelli
Diretor Geral Bettanin

“As pessoas tendem a permanecer bastante tempo no Grupo e fazer da atividade profissional uma parte importante da sua vida. Trabalham com paixão, com dedicação e se orgulham disso, em função da atmosfera que se cria, da cultura que se tem. É um modo de conduzir as empresas que oportuniza desafios e valoriza quem faz a diferença.”

Márcio Atz
Diretor da Divisão de Materiais de Construção

“Existe muito respeito pelas pessoas, investimento e essa energia de fazer o melhor. Cada um tem o negócio como sendo seu. Pela organização, pelo investimento nas pessoas, pelo produto, pelas equipes, é maravilhoso trabalhar aqui.”

Eduardo Ignacio
Diretor Geral Sanremo



Márcio Atz, diretor da Divisão
de Materiais de Construção



Eduardo Ignacio, diretor Geral da Sanremo

“Eu brinco que sou casado há mais tempo com a empresa do que com a minha esposa. Percebo a valorização das equipes e as oportunidades de crescimento, em um ambiente corporativo saudável e respeitoso. E também me sinto orgulhoso pela preferência dos clientes e consumidores em relação às nossas marcas.”

Marcelo Acuyo Myssior
Diretor Geral Ordene

“Construímos essa amizade que me mantém próxima até hoje, mesmo aposentada após 48 anos de trabalho. Tive muitas demonstrações de como eles se importam com o bem-estar dos funcionários e de suas famílias. As pessoas ficam na empresa porque gostam e se sentem valorizadas.”

Maria Otacília Dias
Ex-gerente Financeira da Atlas

“O trabalho de todas as empresas é fantástico. Não somente na venda, mas em se fazer presente com os clientes. Aqui nunca houve monotonia: a criatividade sempre foi incentivada, o que leva à liberdade de ação e a uma maior responsabilidade.”

Gilberto Vargas
Ex-engenheiro mecânico da Atlas

“O respeito é parte da cultura da família Bettanin. As portas estão sempre abertas, não é preciso marcar hora. Com 33 anos de empresa, tenho muita vontade de trabalhar, cada dia é diferente e desafiador. Feliz de quem pode fazer o que faço.”

Celio Centeno
Gerente Geral de Vendas da Bettanin

“A condição de buscar novidades e de se atualizar recebe apoio por parte dos gestores. Sempre tive toda a liberdade de propor, de dar opiniões, nunca existiram restrições. Esse é um legado dos fundadores transmitido para a segunda geração.”

Luis Heleno Zinn de Almeida
Gerente Nacional de Vendas



Marcelo Acuyo Myssior,
diretor Geral da Ordene



“Minha trajetória profissional teve início nas empresas do Grupo. Vivencio as melhores emoções, seja no mais simples projeto ou nas grandes realizações que nós, atores diários, deixamos como legado nas páginas da história da InBetta. É especial contribuir para facilitar a vida das pessoas, com produtos que oferecem a elas tempo para viver com quem amam.”

Angelita Souza da Silveira
Secretária Executiva

“A InBetta me proporciona todos os dias novas responsabilidades, desafios e aprendizados. Desde 2016, quando inauguramos a loja, percebo a relação direta dos consumidores com os produtos e as marcas. Eles ficam encantados com a variedade, a diversidade de cores e modelos, e sempre elogiam a qualidade do que fabricamos.”

Lucila Zelenko da Silveira
Supervisora de Loja



“Eu me sinto orgulhoso de estar na empresa há 54 anos, pois tudo que fizemos foi com boa vontade e satisfação, para engrandecer sempre mais. Não tenho como separar a minha vida pessoal da profissional: é família, é paixão pelo trabalho. A confiança mútua, o compromisso, a amizade e o respeito são valores que fazem tantas pessoas permanecerem por muitos anos.”

Willy Hanisch

Gerente de Matrizaria Bettanin

“A CDA Distribuidora tinha uns dois ou três anos de funcionamento quando fui a uma feira no Ceará e, lá, vi o estande da Bettanin com as vassouras, escovas e esponjas, e todos os outros itens. Naquela época, a marca e os produtos da empresa eram desconhecidos dos consumidores do Rio Grande do Norte e o mercado era dominado pelo concorrente. E apresentá-la aos clientes foi o grande desafio.

O cenário hoje é bastante diferente. A Bettanin é muito reconhecida e tornou-se líder de mercado no nosso estado. Um exemplo disso é o prêmio que recebemos na convenção nacional como melhor distribuidor de *mix* do Brasil, pois todos os itens são muito bem vendidos aqui.

Tive duas oportunidades de ir até a fábrica, em Esteio. A primeira, logo que iniciamos essa parceria e, a segunda, em 2017. Depois de tantos anos, ao voltar, me deparei com uma Bettanin diferente, mais moderna e tecnológica. E ao mesmo tempo, uma empresa familiar e profissionalizada.

A relação que criamos é de uma parceria muito sólida e de crescimento. Assim como a Bettanin se desenvolveu, nós crescemos e, hoje, atendemos mais de 8 mil clientes em todo o Rio Grande do Norte. Quando alguém fala em Bettanin, como dizemos por aqui, a gente defende com unhas e dentes.”

Elias de Azevedo da Cunha Filho

Proprietário da CDA Distribuidora

Natal - Rio Grande do Norte

“Conheci os irmãos Bettanin há muitos anos. Eu era representante de uma fábrica de louças e eles eram meus clientes, quando tinham o atacado na Avenida Sertório.

Em 2 de março de 1967 eu abri a Ferragem Nunes, no Bairro Auxiliadora, em Porto Alegre, e foi então que passei a ser cliente deles. Comecei com os produtos da Atlas e, ao longo do tempo, coloquei os itens da Sanremo, Bettanin e Primafer também à venda na minha loja.

O atendimento deles sempre foi próximo e os produtos têm uma saída fácil, especialmente os pincéis e rolos. Recordo em especial de um galetto que as empresas organizaram para os clientes, há uns 25 ou 30 anos, e que foi excelente. Essa proximidade com que os clientes são tratados torna a relação muito especial.”

Nelson Zanatta Nunes, 86 anos
Proprietário da Ferragem Nunes
Porto Alegre

“Somos clientes da Sanremo há 18 anos e temos com a empresa uma relação de confiança, de gaúcho para gaúcho. Lembro que, quando criança, minha mãe utilizava os produtos da Sanremo e da Bettanin em casa e, até hoje, ela é uma consumidora fiel. Assim, quando recebemos a visita de um representante para iniciarmos essa relação, eu já reconhecia a qualidade e o valor das marcas.





Certa vez, em São Paulo, encontrei os produtos da Sanremo em um supermercado, o que despertou um sentimento de orgulho por ver uma empresa gaúcha em um cenário tão competitivo.

Acredito que os clientes percebem a qualidade e, por isso, voltam para pedir itens da marca que compraram anos atrás. O porta-frios da Sanremo é um exemplo dessa diferenciação. Assim, a venda dos produtos da InBetta nas lojas da Casa Maria sempre foi natural e progressiva. Estão entre os primeiros em rentabilidade dos itens comercializados em nossas lojas.”

Wagner Amorim
Proprietário da Casa Maria
Rede com 20 lojas no RS

FOCO EM
RESULTADOS

DISPOSIÇÃO
PARA
aprender

FAZER
bem
FEITO

valores
INBETTA

• ATITUDE •
empreendedora

paixão
PELO
negócio

RESPEITO
pelas
PESSOAS

AGIR
DE // forma
SUSTENTÁVEL

Índice iconográfico

Capa

Reprodução de obra de autoria de Vireny Bettanin por Leonid Streliaev
Acervo da Família Bettanin/Fotógrafo não identificado
Leonid Streliaev
Leonid Streliaev

Sumário

Página 6
Leonid Streliaev

Prefácio

Página 9
Leonid Streliaev

Apresentação

Página 11
Leonid Streliaev

Capítulo 1

Página 14
Shutterstock
Página 15
Freepik
Página 16
Freepik
Página 17
Imagens do Arquivo Nacional/ Reprodução
Página 18
OLIVEIRA, Júlio da Silva. Planta das ex-colônias Conde d'Eu, Da. Izabel e Novo Núcleo Alfredo Chaves. Rio de Janeiro, RJ: Photolithographia Paulo Robin & Cia., [1885]. 1 mapa, col.,
Localização: cart209431

Página 20

Zona da Alfândega, atual Bairro da Alfândega.
Local: Colônia Conde D'Eu, atual município de Garibaldi.
Data: 1885 -1897.

Autoria não identificada.

Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul João Spadari Adami.

Zona da Alfândega, atual Bairro da Alfândega.
Local: Colônia Conde D'Eu, atual município de Garibaldi.

Data: 1885 -1897.

Autoria não identificada.

Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul João Spadari Adami.

Página 21

Vista de uma das colônias de imigração italiana na Região Nordeste do Rio Grande do Sul - Conde D'Eu, Dona Isabel, Alfredo Chaves, Antônio Prado e Caxias. Atuais municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis, Antônio Prado e Caxias do Sul, respectivamente.

Observa-se um carro de boi sendo utilizado para transporte de materiais.

Data: 1885-1897.

Autoria não identificada.

Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul João Spadari Adami.

Sede da Colônia Conde D'Eu, atual município de Garibaldi.

Ao centro da imagem, vê-se a Rua Buarque de Macedo, que se junta com a ponte.

Data: 1892 -1897.

Autoria não identificada.

Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Caxias

do Sul João Spadari Adami.

Página 22

Transporte de mercadorias em uma das colônias de imigração italiana na Região Nordeste do Rio Grande do Sul - Conde D'Eu, Dona Isabel, Alfredo Chaves, Antônio Prado e Caxias. Atuais municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis, Antônio Prado e Caxias do Sul, respectivamente.

Data: 1885-1897.

Autoria não identificada.

Acervo: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul João Spadari Adami.

Doação: Siena Maria Calcagnotto Darsie e sua filha, Luiza Helena Darsie – Data: 1977.

Página 23

Acervo IMHC/UCS. Aldo Toniazzo e

Ary Trentin

Página 24

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Página 26

Rua dos Andradas de Virgilio Calegari, reproduzida do Álbum - Álbum de Porto Alegre – Edição Luiz Coimbra Júnior. Milão: Tecnografica, c. 1911

Página 28

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus/

Fotógrafo não identificado

Página 29

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus/

Fotógrafo não identificado

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus/

Fotógrafo não identificado

Capítulo 2

Página 32

Acervo pessoal de Rosane Bettanin Gatti/

Fotógrafo não identificado

Página 33

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Página 34

Acervo pessoal de Rosane Bettanin Gatti/

Fotógrafo não identificado

Acervo pessoal de Rosane Bettanin Gatti/

Reprodução

Página 35

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Página 36

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/

Conrado Wolf

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Página 37

Acervo pessoal de Rosane Bettanin Gatti/

Fotógrafo não identificado

Página 38

Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/

Conrado Wolf

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio

Bettanin/Conrado Wolf

Acervo pessoal de Adélia e Dante Bettanin/

Carraro Fotografias

Página 39

Acervo do Museu Municipal de Porto Alegre

Joaquim Felizardo/Fotógrafo não identificado

Acervo do Museu Municipal de Porto Alegre

Joaquim Felizardo/Fotógrafo não identificado

Página 42

Reprodução da obra de autoria de Vireny

Bettanin por Leonid Streliaev

Leonid Streliaev

Página 45

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio

Bettanin/Fotógrafo não identificado

Página 46

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio

Bettanin/Fotógrafo não identificado

Página 47

Acervo pessoal de Adélia e Dante Bettanin/

Carraro Fotografias

Capítulo 3

Página 53

J. Vieira/CP Memória

Página 55

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Página 56

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus/
Fotógrafo não identificado

Página 57

Acervo da Família Bettanin/Reprodução

Página 58

Acervo da Família Bettanin/J.J. Fotógrafo
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 59

Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/
Fotógrafo não identificado

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 60

Leonid Streliaev

Leonid Streliaev

Página 61

Acervo pessoal de Willy Hanisch/
Fotógrafo não identificado

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 62

Leonid Streliaev

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 63

Acervo pessoal de Adélia e Dante Bettanin/
Fotógrafo não identificado

Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/
Fotógrafo não identificado

Página 64

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus/
Fotógrafo não identificado

Página 65

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus/
Fotógrafo não identificado

Capítulo 4

Página 68

Acervo pessoal de Celio Centeno/
Fotógrafo não identificado

Página 69

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Fotógrafo não identificado

Acervo pessoal de Celio Centeno/
Fotógrafo não identificado

Página 70

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Fotógrafo não identificado

Página 71

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 72

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Acervo pessoal de Celio Centeno/
Fotógrafo não identificado

Página 73

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 74

Acervo InBetta/Reprodução - BettaNews -
Novembro de 1980

Acervo InBetta/Reprodução - Reminho -
Janeiro de 1995 a Novembro de 1997

Acervo InBetta/Reprodução - Andorninha -
Setembro de 1984

Página 75

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 76

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Fotógrafo não identificado

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 78

Acervo pessoal de Celio Centeno/
Rocha Fotografias

Página 79

Acervo pessoal de Eduardo Bettanin/
Fotógrafo não identificado

Acervo pessoal de Eduardo Bettanin/
Fotógrafo não identificado
Acervo pessoal de Célio Centeno/
Fotógrafo não identificado
Página 80
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/
Fotógrafo não identificado
Acervo da Família Bettanin/
Fotógrafo não identificado
Página 81
Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/
Fotógrafo não identificado
Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin/
Fotógrafo não identificado
Página 82
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Página 83
Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Fotógrafo não identificado
Página 84
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Página 85
Acervo pessoal de Celio Centeno/
Fotógrafo não identificado

Capítulo 5

Página 88
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Página 89
Acervo pessoal de Celio Centeno/
Andres Emilio Acera
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 90
Acervo InBetta/Reprodução
Acervo InBetta/Reprodução
Página 91
Acervo pessoal de Eduardo Bettanin/Fotógrafo
não identificado
Página 92
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Página 93
Leonid Streliaev
Página 94
Acervo InBetta/ Leonardo Lenskij (Nick Foto)
Página 95
Leonid Streliaev
Página 96
Acervo InBetta/Reprodução
Página 97
Acervo da Família Bettanin/Jayme Barbosa
Fotografia
Acervo da Família Bettanin/Jayme Barbosa
Fotografia
Página 98
Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Fotógrafo não identificado
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Página 99
Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Reprodução
Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio
Bettanin/Reprodução
Página 100
Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado
Página 101
Reprodução
Página 102
Acervo InBetta/Estúdio Sandro Azevedo
Acervo InBetta/Marcos Alexandre/Skyfoto
Página 103
Acervo InBetta/Aerovision Produções
Acervo InBetta/Eudes Santana

Acervo InBetta/Eudes Santana

Página 104

Leonid Streliaev

Acervo pessoal de Rosane Bettanin Gatti/

Fotógrafo não identificado

Acervo InBetta/Sandro Azevedo

Página 105

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Leonid Streliaev

Acervo InBetta/Fotógrafo não identificado

Página 106

Acervo da Família Bettanin/Fotógrafo não
identificado

Acervo da Família Bettanin/Fotógrafo não
identificado

Página 107

Acervo da Família Bettanin/Jayme Barbosa
Fotografia

Capítulo 6

Páginas 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118,
119, 120, 122 e 123

Leonid Streliaev

Índice Iconográfico

Página 124

Leonid Streliaev

Bibliografia

Página 130

Acervo InBetta/Eudes Santana



Bibliografia

Acervos consultados

Acervo da Família Bettanin

Acervo InBetta

Acervo pessoal de Adélia e Dante Bettanin

Acervo pessoal de Celio Centeno

Acervo pessoal de Eduardo Bettanin

Acervo pessoal de Evandro Leorato Machado

Acervo pessoal de Lecy e Cezar Antonio Bettanin

Acervo pessoal de Maria Helena Biazus

Acervo pessoal de Rosane Bettanin Gatti

Acervo pessoal de Vireny e Nilo Bettanin

Acervo pessoal de Willy Hanisch

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Arquivo Nacional

Biblioteca Nacional

Fototeca Sioma Breitman do Museu Municipal de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Jornal Correio do Povo

Museu do Trem - Prefeitura Municipal de São Leopoldo

Sociedade Italiana Massolin de Fiori - Departamento de Genealogia - Carlos Henrique Nozari

Entrevistas realizadas

Aguinaldo Fantinelli

Alexandre Tulini

Ana Borgo

André Bettanin

André Gatti

Angelita Souza da Silveira

Carlos Jeferson Michaelson

Celio Centeno

César Luiz Bettanin

Claudio Roberto Wesseli

Dante Alberto Bettanin

Dante Bettanin

Eduardo Bettanin

Eduardo Ignacio
Evandro Leorato Machado
Fernando Bettanin
Gilberto Vargas
Jane Barboza Brigoni
Janine Filomena
João Paulo Dall’Agnol
Lecy Bettanin
Lucila Zelenko da Silveira
Luis Heleno Zinn de Almeida
Marcelo Acuyo Myssior
Márcio Atz
Mári Sinéri Soares da Silva
Maria Otacília Dias
Rosane Bettanin Gatti
Sérgio Dias
Vireny Bettanin
Willy Hanisch

Periódicos

Andorinha
Atlas News
Bettanews
Espaço Primafer
GIB - Informativo Mensal do Departamento de Vendas do Grupo Bettanin
O plástico no planeta: o uso consciente torna o mundo mais sustentável
Reminho
Relatório Social 2013/2014
Relatório Social 2015/2016
Revista Conexão
Revista Plástico Moderno

Livros e sites

A Imigração Italiana no RS. In: ItáliaRS. Porto Alegre: Maria Glacy Nunes. Disponível em: <<https://italiars.wordpress.com/a-imigracao-italiana-no-rs/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

A Origem do Plástico. Movimento Plástico transforma. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/AQaI-3QMRbNY>>. Acesso em: 10 out. 2018.

A viagem de navio dos imigrantes italianos. In: Caminhos da Itália. 2018. Disponível em: <<http://www.caminhosdaitalia.com.br/imigracao-italiana/a-viagem-de-navio.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

A Viagem de Navio entre a Itália e o Brasil. In: Pesquisa Italiana. 2016. Disponível em: <<https://www.pesquisaitaliana.com.br/viagem-de-navio-entre-a-italia-e-o-brasil/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio; POSENATO, Júlio. Assim vivem os italianos. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BERZAGUI, César. Metropolização, industrialização e urbanização: o processo de configuração espacial de Esteio/RS. 2017.

Brasil: 500 anos de povoamento / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007. 232

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. Indústria de ponta: uma história da industrialização do Rio Grande do Sul. FIERGS-CIERGS, 2009.

BUENO, Ricardo. O Brasil de Ponta-cabeça: de 1970 a 1944, inflação, estagnação e estabilidade. Totalcom, 2014.

Carlos Barbosa - Histórias & Fotos. In: IBGE. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/carlos-barbosa/historico>>. Acesso em: 10 out. 2018

Chegada de italianos ao RS completa 140 anos em 2015. RBSTV. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/chegada-de-italianos-ao-rs-completa-140-anos-em-2015-veja-reportagens.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CLEMENTE, Elvo; UNGARETTI, Maura. História de Garibaldi: 1870-1993. Edipucrs, 1993. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/irmaosmaristas/historiadegaribaldi.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, Elmar Bones da; FONSECA, Ricardo; SCHMITT, Ricardo. História ilustrada do rio grande do sul. Porto Alegre: Já Editores, 1998.

DACANAL, José Hildebrando. Rs imigração & colonização. Mercado Aberto, 1992.

Dante Bettanin recebe Prêmio “Attilio Bilibio 2011”. In: Sinplast. Porto Alegre: Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado do RS, 2018. Disponível em: <<http://www.sinplast.org.br/dante-bettanin-recebe-premio-attilio-bilibio-2011>>. Acesso em: 10 out. 2018.

DUARTE, José Bacchieri. Centenário da Imigração Italiana, 1875-1975: Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDEL, 1975.

Esteio 40 anos: uma história de trabalho e realizações. Prefeitura Municipal de Esteio, 1995.

Esteio. Decreto nº 412, de 4 de julho de 2008. Títulos Honoríficos: Cidadão Esteiense - Dante Bettanin, Esteio, RS, Abril 2018.

FADANELLI, Guilherme. Viagem dos imigrantes italianos para o Brasil podia durar até 40 dias. RBSTV. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/viagem-dos-imigrantes-italianos-para-o-brasil-podia-durar-ate-40-dias.html> . Acesso em: 10 out. 2018.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica: 1732-1950 - 2a ed. Porto Alegre: Letra&Vida: Editora da Cidade, 2013.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1992.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Companhia das Letras, 2018.

Garibaldi. In: IBGE. 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/garibaldi.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Grupo Bettanin moderniza gestão de empresas com SAP. In: SAP Brasil. São Paulo: SAP, 2018. Disponível em: <<https://news.sap.com/brazil/2011/12/grupo-bettanin-moderniza-gestao-de-empresas-com-sap/>>. Acesso em: 10 de out. 2018.

GUIMARÃES, Ary Machado. Continuem bem-vindos. A valiosa contribuição do italiano para o desenvolvimento do Brasil. (Rio de Janeiro, 1962.

História da Escola Estadual Normal 1º de Maio. In: Escola Estadual 1º de Maio. 2014. Disponível em: <<http://escola01demaiores.blogspot.com/2014/09/historia-da-escola-estadual-normal-1-de.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

História os bairros de Porto Alegre. In: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 2018. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

Imigração italiana no Brasil. In: Pesquisa Italiana. 2016. Disponível em: <<https://www.pesquisaitaliana.com.br/imigracao-italiana-tempo/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Imigração Italiana no RS. In: Consolato Generale d'Italia. 2018. Disponível em: <https://consortoalegre.es-teri.it/consolato_portoalegre/pt/la_comunicazione/immigrazione-italiana-nel-rs.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

JASKULSKI, Ana Luiza. Italianos no Rio Grande de São Pedro. História do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://historia-do-rio-grande-do-sul.webnode.com/imigracao-italiana/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

KLEIN, Renato. Pioneiros da colônia de Nossa Senhora da Piedade. Histórias do Vale do Caí, São Sebastião do Caí. 2009. Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com/2009/10/558-pioneiros-da-colonia-de-nossa.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MATTAR, Leila Nesralla. A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º. distrito. 2010.

MAZO, Janice Zarpellon. Associações esportivas de Porto Alegre-RS, 1867 - 1941. In: Atlas do Esporte no Brasil. Disponível em:http://www.crefrs.org.br/atlas/cd/texto/assoc_esportivas.pdf> Acesso em: 10 out. 2018.

MELLO, Luciana de. De arraial a bairro industrial: o que o Navegantes ainda tem?. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre,. N. 14 (2005), 15 p., 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História da indústria sul-rio-grandense. Riocell, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jathay; KRUMMER, Lizete; STEPHANOU, Maria. Memória da indústria gaúcha. Ed. da UFRGS, 1987.

PRADO JR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo. Brasiliense, 2012.

Razões da emigração italiana. In: Brasil 500 anos. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos/razoes-da-emigracao-italiana.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SANT'ANNA, José Paulo. Década de 70 - Indústria do plástico deslancha com a nacionalização da resinas mas enfrenta a disparada nos preços do petróleo em duas crises internacionais. In: 2011. In: Plástico.com.br. Disponível em: <<https://www.plastico.com.br/decada-de-70-industria-do-plastico-deslancha-com-a-nacionalizacao-de-resinas-mas-enfrenta-a-disparada-nos-precos-do-petroleo-em-duas-criises-internacionais/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SARTORI. Tríssia Ordovás. Saiba como começou a imigração italiana na Serra gaúcha. GaúchaZH, Porto Alegre. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/05/sai-ba-como-comecou-a-imigracao-italiana-na-serra-gaucha-4771629.html>> Acesso em: 10 out. 2018.

SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. Brasil: uma biografia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. Studio Nobel, 1989.

Este livro foi composto em fonte Palatino Linotype, corpo 10/14,
diagramado por Taícia Ribeiro Design Gráfico e editado pela
Palavra Bordada em 2018.

Impressão e acabamentos
Gráfica Algo Mais



* BETTANIN

* ATLAS

* SANREMO

* PRIMA FER

* ORDENE

* SANDENE

SuperPro
* BETTANIN